

UELITON DOS SANTOS ALVES

NÃO É SOBRE O OUTRO, É SOBRE NÓS, PESSOAS NEGRAS,
ANTI-EPISTEMICIDAS: zumbi chegou no campo das
epistemologias decoloniais em Biblioteconomia e Ciência da
Informação

Dissertação de mestrado
Dezembro de 2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO - ECO
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA - IBICT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - PPGCI

Ueliton dos Santos Alves

**NÃO É SOBRE O OUTRO, É SOBRE NÓS, PESSOAS NEGRAS, ANTI-
EPISTEMICIDAS: zumbi chegou no campo das epistemologias decoloniais
em Biblioteconomia e Ciência da Informação**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientador: Gustavo Silva Saldanha.

Rio de Janeiro

2023

CIP - Catalogação na Publicação

474n Alves, Ueliton dos Santos
 Não é sobre o outro, é sobre nós, pessoas negras,
Anti-epistemicidas: zumbi chegou no campo das
epistemologias decoloniais em Biblioteconomia e
Ciência da Informação / Ueliton dos Santos Alves. -
Rio de Janeiro, 2023.
 162 f.

 Orientador: Gustavo Silva Saldanha.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Instituto
Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia,
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação,
2023.

 1. Zumbi. 2. Pessoas negras. 3. História
decolonial do conhecimento. 4. Peça-palestra. I.
Saldanha, Gustavo Silva , orient. II. Título.

UELITON DOS SANTOS ALVES

NÃO É SOBRE O OUTRO, É SOBRE NÓS, PESSOAS NEGRAS, ANTI-EPISTEMICIDAS: zumbi chegou no campo das epistemologias decoloniais em Biblioteconomia e Ciência da Informação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Ciência da Informação

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha.

Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 2023.

Documento assinado digitalmente



GUSTAVO SILVA SALDANHA

Data: 26/02/2024 17:24:57-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha (Orientador) PPGCI IBICT-UFRJ

Documento assinado digitalmente



LUCIANE DE FATIMA BECKMAN CAVALCANTE

Data: 04/03/2024 09:56:04-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Luciane de Fátima Beckman Cavalcante (Membro interno) PGCI IBICT-UFRJ

Documento assinado digitalmente



GLAUCIA APARECIDA VAZ

Data: 06/03/2024 11:52:59-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Gláucia Aparecida Vaz (Membro externo) UFRGS

Documento assinado digitalmente

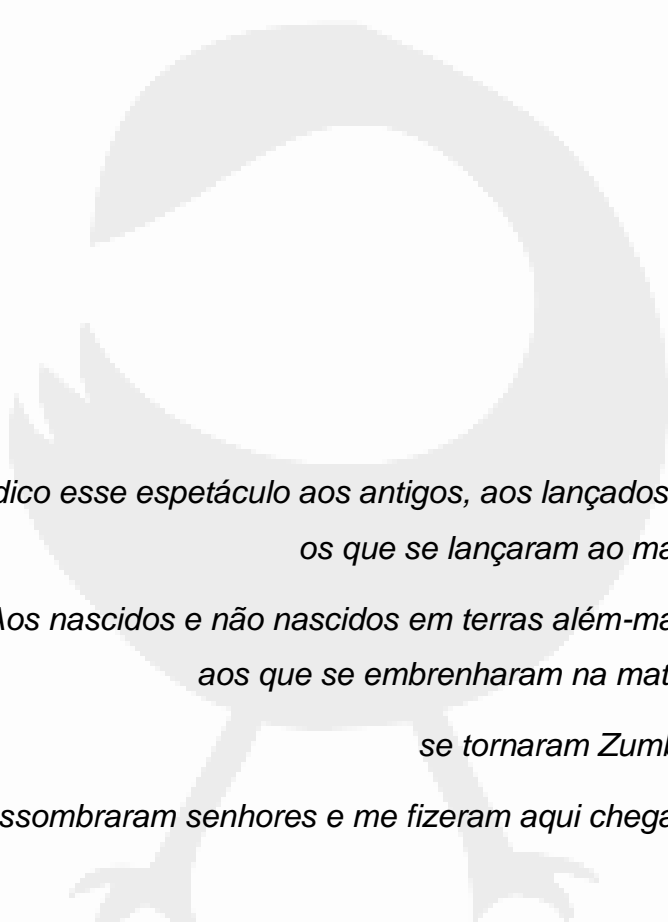


ROSANE DA SILVA BORGES

Data: 19/12/2023 15:29:36-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Rosane Borges (Membro externo) USP-FFLCH



*Dedico esse espetáculo aos antigos, aos lançados e
os que se lançaram ao mar.*

*Aos nascidos e não nascidos em terras além-mar,
aos que se embrenharam na mata,
se tornaram Zumbi,
assombraram senhores e me fizeram aqui chegar.*

AGRADECIMENTOS

Meu muito obrigado vai para Vania e Antônio, esses, aceitaram o desafio de se lançarem na mata para se criarem, agradeço o empenho na labuta de vencer a prática colonial da zumbificação das plantations, por terem forças de me buscarem, até quando fui levado pelos encantos da Caipora, inclusive por me ensinarem a ter respeito pela mata e seus encantos. Os agradeço também por reconhecerem os limites dali e ansiarem vida em outro lugar, apesar dos pesares, mesmo sabendo que não existe amor em SP, vocês vieram e trouxeram todo amor que podia com vocês. Aqui, um obrigado especial a você seu Antônio, por acreditar que vender a sua cela e renunciar à sua habilidade de saber falar com bichos para tentar falar com gente, por nossa causa, valeria a pena, posso imaginar que encarar os tombos e dores de um canavial foi muito mais violento que domar burro brabo na caatinga, por isso, muito obrigado! Agradeço de maneira especial também a dona Vania, que teve que se submeter ao trabalho doméstico, as dores de cuidar dos filhos dos outros enquanto nos deixava em casa, só com a segurança de que poderia nos garantir uma escola. Agradeço por sacrificar o seu sonho de estudar em uma universidade para que hoje eu pudesse estar em uma, agradeço por seguir firme no seu propósito universitário mesmo sem poder estudar, obrigado pelo seu plano Zumbi de se cercar de professores para nos tornar professores. Vocês conseguiram, vocês são fogo na mata que abre caminho. MÃE, PAI, é na figura de vocês que celebro nossa família e agradeço a cada uma e cada um que contribuíram com minha caminhada até aqui. Nessas andanças, no caminhar encontrei muitas pedras, havia pedras no meio do caminho, mas aprendi falar com elas, e elas foram e são importantes, foi numa conversa dessas que tive a honra de encontrar uma pedra preciosa, Ana Biscalchin, a pessoa que chamo de companheira, que escolhi para ser a parceira de tecituras dessa rede quero usar para repousar, mas também é rede para disseminar, traficar, espalhar ideias, junto com ela ganhei outra raridade, Shuri de Wakanda, a rainha de nossa casa, agradeço muito a existência de vocês, pela felicidade que me proporcionam, por toda parceria e partilha na alegria e na tristeza. Agradeço também as outras pedras que são fundamentais para o nascimento desse trabalho, aqui para representar

todas as pedras da amizade que não consigo nomear, escolho duas, símbolo de minha caminhada, Fernando Tassinari (Pão) o responsável por me levar para a Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) e Joice Mendonça (Caipora), que mesmo vivendo em São Carlos, estava escrito que nosso reencontro seria nas matas da USP Ribeirão Preto. Agradeço ao parceiro de partida atual, Gustavo Saldanha e um treinador das antigas, o Marco Antônio de Almeida, ambos representam as pedras docentes que foram usadas para alicerçar a construção de tudo que busco e apresento na academia, vocês foram uma importante base para que pudesse olhar mais longe. Por fim encerro agradecendo a existência de mulheres pretas, para celebrá-las trago Lélia González, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, Maria Aparecida Moura e Franciele Garcês, pedras fundamentais para se pensar Brasil e conhecimento, sem mulheres como essas, régua e compasso, nada disso que estou propondo seria possível, portanto, meu muito obrigado!

*Sim, sou um negro de cor
Meu irmão de minha cor
O que te peço é luta sim Luta mais!
Que a luta está no fim...*

*Cada negro que for
Mais um negro virá
Para lutar
Com sangue ou não
Com uma canção
Também se luta irmão*

*Ouvir minha voz
Oh Yes!*

Lutar por nós...

Luta negra demais

*É lutar pela paz
Luta negra demais
Para sermos iguais*

Lá Lá Lá Lá Lá Lá Lá!

(Wilson Simonal)

RESUMO

ALVES, Ueliton dos Santos. **Não é sobre o outro, é sobre nós, pessoas negras, anti-epistemicidas: zumbi chegou no campo das epistemologias decoloniais em Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro, 2023. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro, 2023.

A pessoa negra foi um produto de um maquinário social e técnico indissociável do capitalismo, de sua emergência e globalização. O “negro” termo foi inventado para significar exclusão, embrutecimento e degradação. A pessoa negra, na ordem da Modernidade, teve seu corpo transformado em coisa e o espírito em mercadoria. Através do uso de exemplos dentro do esporte estamos lançando o foco de luz no problema da discussão de raça dentro do “campo da informação”. Ao olharmos para os casos de Vinicius Jr. e Giannis Antetokounmpo, propomos um contra-ataque a essa dinâmica dos regimes de informação que através do conceito de raça constrói o ser negro, e usa das características físicas desses atletas para justificar uma animalização e monstruosidade, que sustenta um discurso de poder estruturado em uma pseudociência. A análise desses casos nos ajuda a compreender o funcionamento vigente da lógica discursiva na construção do poder em torno de determinados corpos. A partir do conceito de regime de informação é possível analisar o modo informacional dominante em uma formação social, o qual define quem são os sujeitos, as organizações, as regras e as autoridades informacionais e quais os meios e os recursos preferenciais de informação, os padrões de excelência e os modelos de sua organização, interação e distribuição, enquanto vigentes em certo tempo, lugar e circunstância. Nesse sentido a dissertação dá lugar à “palestra” e o discurso dá espaço ao “manifesto panfletário” que defende que uma imagem do zumbi criada pelos brancos no contexto transatlântico, para ser uma ferramenta de controle sobre os corpos pessoas negras escravizadas. Com o passar do tempo, foi ressignificado pelas próprias comunidades negras, e as características que antes deveriam ser usadas para os subjugar foram usadas para apavorar seus algozes. Abre-se uma possibilidade utópica de resistência, a existência de zumbis tornou-se um mito que bota medo nos senhores. Trata-se de uma proposta de pesquisa elaborada para ser uma “peça palestra”, também

conhecida como peça conferência, uma abordagem política e efetiva que adota como metodologia a escrita do texto delineada por uma narrativa composta por um cenário e personagens. A escolha dessa linguagem se dá devido a um atravessamento subjetivo que é característico desse trabalho, já que se torna a alternativa encontrada para lidar e lutar com a chaga dolorosa do racismo, através da poética da estética e do esporte. Portanto a metodologia é encruzilhada, entre arte e a ciência, onde essas escritas poéticas assumem o aspecto de luta para fortalecer e destacar a sua dimensão política. Na figura de Frantz Fanon invocamos a decolonialidade para ampliar o olhar e driblar o conhecimento hegemônico, reproduzido em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Diante do exposto, podemos dizer que o corpo zumbi, é também o corpo que dribla, o “corpo desviante”. Desvio, substantivo masculino do prefixo negativo DES, do Latim mais VIA, é “caminho, estrada”. Logo o corpo driblador é a ideia de que esse corpo está fora da rota normal. Portanto, a pergunta-problema subjacente no objeto de pesquisa, como nos libertamos da clausura de um dito corpo zumbi, são respondidas com os resultados que apontam para um outro conceito contracolonial em Biblioteconomia e Ciência da Informação. A resposta das conclusões zumbificantes apontam para as construções de espaços que possibilitem uma mediação social onde o regime de informação colonial sofra uma ruptura.

Palavras-chave: Zumbi; Pessoas negras; História decolonial do Conhecimento; Peça-Palestra;

ABSTRACT

ALVES, Ueliton dos Santos. **Não é sobre o outro, é sobre nós, pessoas negras, anti-epistemicidas: zumbi chegou no campo das epistemologias decoloniais em Biblioteconomia e Ciência da Informação.** Rio de Janeiro, 2023. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro, 2023.

The Black person was a product of an inseparable social and technical machinery of capitalism, of its emergence and globalization. The term "Black" was invented to signify exclusion, dehumanization, and degradation. In the order of Modernity, the Black person had their body transformed into a commodity, and their spirit into merchandise. Using examples within sports, we shed light on the problem of race discussion within the "information field." By examining the cases of Vinicius Jr. and Giannis Antetokounmpo, we propose a counterattack to this dynamic of information regimes that, through the concept of race, constructs the Black being and uses the physical characteristics of these athletes to justify dehumanization and monstrosity, supporting a discourse of power structured in pseudoscience. The analysis of these cases helps us understand the current functioning of discursive logic in the construction of power around certain bodies. From the concept of an information regime, it is possible to analyze the dominant informational mode in a social formation, which defines who the subjects, organizations, rules, and informational authorities are, as well as the preferred means and resources of information, standards of excellence, and models of its organization, interaction, and distribution, while valid at a certain time, place, and circumstance. In this sense, the dissertation gives way to a "lecture," and the discourse gives space to a "manifesto pamphlet" that argues that an image of the zombie created by whites in the transatlantic context served as a tool of control over the enslaved Black bodies. Over time, it was redefined by Black communities themselves, and the characteristics that were once intended to subjugate them were used to frighten their oppressors. It opens a utopian possibility of resistance; the existence of zombies became a myth that instills fear in the masters. This is a research proposal designed to be a "lecture piece," also known as a conference piece, a political and effective approach that adopts the methodology of text writing outlined by a narrative composed of a setting and characters. The choice

of this language is due to a subjective crossing that is characteristic of this work since it becomes the alternative found to deal with and combat the painful wound of racism through the poetics of aesthetics and sports. Therefore, the methodology is at a crossroads between art and science, where these poetic writings take on a political dimension to strengthen and highlight their political dimension. In invoking the figure of Frantz Fanon, we call for decoloniality to broaden the perspective and circumvent the hegemonic knowledge reproduced in Library Science and Information Science. Considering the above, we can say that the zombie body is also the body that dribbles, the "deviant body." Deviation, a masculine noun with the negative prefix DES, from Latin VIA, means "path, road." Therefore, the dribbling body is the idea that this body is off the normal path. Thus, the underlying research question, how do we free ourselves from the confinement of a so-called zombie body? is answered with results that point to another counter-colonial concept in Library Science and Information Science. The response to the zombifying conclusions points to the construction of spaces that allow for social mediation where the colonial information regime undergoes a rupture.

Keywords: Zombie; Black People; Decolonial History of Knowledge; Lecture Piece

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Zumbi, autor: Antônio Parreiras, data desconhecida, Óleo sobre tela	19
Figura 2 - NEA ONNIM NO SUA A, OHU (Quem não sabe pode passar a saber aprendendo)	24
Figura 3 - Basquiat Welcomed by the Metropolitan Police Banski 2017, Local: Barbican Center, London, England	27
Figura 4 - Gol de peito Vinícius Jr, Real Madri versus Valência 11 de novembro de 2023	41
Figura 5 - Série Retratos anônimos, Uberê Guelé, 2019, acrílica em PVA sobre canson 230gr.....	51
Figura 6 - Vinicius Jr, Rei	57
Figura 7 - Zico e Pelé, jogando pelo Flamengo em amistoso contra o Atlético Mineiro em 1979, no Maracanã.....	78
Figura 8 - Em pé: Djalma Santos, Bellini, Zózimo, Nilton Santos, Gylmar e Roberto Belangero. Agachados: Garrincha, Evaristo, Índio, Didi, Joel Martins e Mário Américo (massagista). Sem data.	82
Figura 9 -- A angústia do empate - Final da Taça Libertadores 2023	112
Figura 10 - Gol de desempate. É muito mais do que futebol. Final da Taça Libertadores 2023	113
Figura 11 - Segundo Gol do Gabigol - Libertadores 2019.....	154

SUMÁRIO

1	ISSO NÃO É UMA DISSERTAÇÃO, É UMA PEÇA (METODOLOGIA)	15
2	INTRODUÇÃO (PRÓLOGO)	22
3	REFERENCIAL TEÓRICO (ATOS)	28
3.1	EU, O INTELLECTUAL NEGRO OU ASSIMILAÇÃO ACADÊMICA	28
3.2	O ENCONTRO	37
3.3	GANCHO: NOVO ENCONTRO, O REI ZUMBI	39
3.4	OUTRO GANCHO: UM PEQUENO DESVIO, DECOLONIALIDADE COMO ATALHO	45
3.5	O QUE É, O QUE É?	49
3.6	ABRAM-SE OS CAMINHOS	54
3.7	A PEDRA DE EXU	57
3.8	SEMEANDO O EPISTEMICÍDIO	68
3.9	CAFÉ, RAÇA E SOCIEDADE	74
3.10	O RELVADO DA DEMOCRACIA RACIAL	78
3.11	DE QUEM É O DIREITO DE TRANSMISSÃO	83
3.12	COLONIALIDADE DOS SABERES, A PRODUÇÃO DE MORTOS VIVOS	91
4	ZUMBI CHEGOU, TRAZENDO UM DRIBLE (RESULTADO)	104
5	VOLTAR, PARA AVANÇAR (CONSIDERAÇÕES FINAIS)	111
	REFERÊNCIAS	134
	EPÍLOGO	145
	APÊNDICE A – Glossário	157
	APÊNDICE B – Sugestão de ementa da disciplina Anti-epistemicídio do conhecimento	162
	APÊNDICE C – Design gráfico	165

1 ISSO NÃO É UMA DISSERTAÇÃO, É UMA PEÇA (METODOLOGIA)

Quem tem medo de Zumbi?

Por YOUtsa

(São Paulo, SP – 2023)

Cenário: Sala de Aula

Sonoplastia: Zumbi vive, zumbi dribla

Personagens: Professor; Estudantes (Plateia)

Quem tem medo de Zumbi? Trata-se de uma proposta de pesquisa elaborada para ser uma “peça palestra”, também conhecida como “peça conferência”:

Apesar dessa divergência pontual, convergimos com Kinas no sentido de reconhecer que as peças-conferências são exemplos emblemáticos de dramaturgias que, explicitamente, se desviam de modelos dramáticos tradicionais e expectativas majoritárias de recepção, expandindo o campo dos possíveis. Elas fazem parte daquilo que chamamos de dramaturgias de desvio (Sanches, 2016). Reconhecemos também nesses textos e espetáculos, em seus desvios, a tentativa de uma abordagem política mais direta e efetiva. (Sanches, 2020, p. 303)

Seguindo nessa linha de uma abordagem política e efetiva adotou-se uma metodologia onde a escrita da dissertação vai ser delineada por uma narrativa com construção de cenário e personagens. A escolha dessa linguagem ocorre por conta de um atravessamento subjetivo que é característico desse trabalho¹.

Para lidar e lutar com essa chaga dolorosa que nos machuca a tanto tempo, a forma encontrada para suavizar a dor foi lançar luz sobre a problemática usando a imaginação, a arte, portanto, a metodologia da construção de uma peça palestra é o atravessamento entre arte e ciência onde a forma poética assume função de destaque para a dimensão política: “Percebe-se aí sempre uma crítica da instituição

¹ A escolha do design gráfico da dissertação apresenta uma composição de Adinkra como dramaturgia cênica. Cada Adinkra possui um significado e eles podem ser consultados no Apêndice C.

artística e escolar, uma vontade de não ser somente um artista, mas um ativista, um militante político, um espectador engajado” (Pavis, 2017, p. 65).

Nesse sentido a dissertação dá lugar a palestra e o discurso dá espaço ao manifesto panfletário que defende que uma imagem do zumbi criada pelos brancos no contexto transatlântico, para ser uma ferramenta de controle sobre os corpos de pessoas negras escravizadas, com o passar do tempo, foi ressignificado por estas próprias pessoas, e as características que antes deveriam ser usadas para os subjugar foram usadas para apavorar seus algozes. Abria-se uma possibilidade utópica de resistência, a existência dos zumbis tornou-se um mito que botava medo nos senhores - vide Zumbi dos Palmares.

É bom ressaltar que a metodologia de peça palestra é adotada para forma, para trabalhar o conteúdo, a fundamentação do trabalho adotou a pesquisa teórica, tendo como cerne da pesquisa a ideia de raça para justificar a existência zumbi, conceito que aqui está sendo trabalhado não biologicamente, mas dentro do campo das Ciências Sociais Aplicadas, abordado a partir de olhares que tecem uma crítica que denuncia o papel que a constituição do conceito social da raça cumpriu e ainda cumpre junto ao capital. Na contemporaneidade, dois são os nomes que fundamentam esse debate e se tornam importantes para esse trabalho, Frantz Fanon e Achille Mbembe.

Segundo Mbembe (2018), a ideia de raça que leva ao negro, foi um produto de um maquinário social e técnico indissociável do capitalismo, de sua emergência e globalização. O termo “raça” foi inventado para significar exclusão, embrutecimento e degradação. A pessoa negra e suas distintas coletividades representam, na ordem da Modernidade colonizadora europeia, principal comunidade da Humanidade cuja carne foi transformada em coisa e o espírito em mercadoria. A pessoa negra é definida pelo branco em dicotomias representacionais nas quais sinteticamente o corpo branco é símbolo do harmônico e o corpo preto do caos, assim, produzir a racialidade negra é produzir um vínculo social de submissão e exploração.

Na perspectiva fanoniana, o significante de raça se constrói dentro de uma patologia da identidade para o controle dos corpos excedentes em pensar, a raça é isso. A raça é um significante construído a partir da colonização, a partir da descoberta dos novos mundos e a partir da tentativa de colonizar esses novos

mundos, ou seja, a construção de raça é um dispositivo de controle para antagonizar a harmonia entre as diferenças a serviço do capital.

Por fim, vem o terceiro elemento dessa metodologia, a subjetividade, pois ao longo do processo de “desenvolvimento acadêmico” vamos aprendendo muita coisa, vamos tendo contato com muitas coisas novas que nem sonhávamos que podíamos, também vamos perdendo contato com outras, mas para Nós, pessoas negras, só algumas coisas não mudam!

A proposta metodológica parte de leituras, pesquisa bibliográfica e vivências cotidianas referentes a minha trajetória de vida e, principalmente, a minha trajetória acadêmica que foram marcadas pela experiência do racismo.

Desta forma, a grande chave metodológica do trabalho apresenta-se em uma encruzilhada, mas não uma encruzilhada qualquer, parte de uma pesquisa com participação ativa do pesquisador, uma análise conceitual com uma forte observação social de amplo material bibliográfico sobre a ideia de raça e, por fim, o uso da linguagem teatral para dar conta da discussão de forma política e poética.

Toda essa construção metodológica tem como intenção trazê-las, pessoas leitoras participantes, mesmo até essa encruzilhada, mas não para dizer qual caminho escolher. O trabalho não é pretencioso. A ideia é provocar conversas que estimulem outros olhares utópicos para esses corpos zumbis, ou, ao menos, provocar um conceito que ainda nem se sabe o nome. Espera-se demonstrar que a encruzilhada não é lugar de dúvida. Trata-se de lugar de encontro das diferenças por meio das diferenças, onde as vicissitudes da modernidade ocidental permanecem distintas, porém cruzadas.

Muitos dos processos desta pesquisa foram iniciados a partir de uma experiência dada e sofrida por mim, desta forma, não se trata de uma pesquisa participante, mas, sim, de um trabalho de observação onde houve um rompimento com o processo de distanciamento do pesquisador com o objeto de pesquisa. Na realidade, esse trabalho dependeu muito da minha participação, porque sou um dos atores sociais dessa luta, mas também poderia ser desenvolvido por milhões de outras pessoas iguais a mim, pois embora eu esteja abordando uma questão a partir de um lugar subjetivo, infelizmente, abordo um assunto que une pessoas negras da diáspora de maneira universalizante.

Não à toa a escolha da epígrafe dessa peça traz “Um tributo a Martin Luther King”, de Wilson Simonal, a escolha busca representar essa subjetividade coletiva que por conta da chaga do racismo acaba unindo pessoas negras em uma experiência universalizante. Na figura de Simonal, expressa-se o conceito que esta “peça-palestra” está chamando de “zumbificação epistemológica”, que em linhas gerais define-se quando dispositivos info-comunicacionais não só inviabilizam o acesso a determinados conhecimentos, mas também produzem informações que têm por finalidade criar corpos passíveis de serem explorados, que são úteis para trabalhos e produção de riqueza para terceiros, os ditos Outros, corpos mortos vivos, destituídos da razão, os zumbis, que mais adiante pretendemos ressignificar.



Figura 1: Zumbi, autor: Antônio Parreiras, data desconhecida, Óleo sobre tela



Fonte: Antônio Parreiras, Public. domain, via Wikimedia Commons.

Essa pesquisa é, portanto, um manifesto à epistemologia em BCI na raiz de seus pontos fundadores, o conhecimento, a classificação, o universal, o sistema de disciplinas, a ciência. A zumbificação epistemológica representa uma denúncia em forma de drible para a reconstrução epistemológica do discurso feito para e sobre o conhecimento a partir da produção epistêmica em BCI.

Se o conhecimento registrado é objeto nuclear da epistemologia em BCI, o epistemicídio e seus métodos precisam estar em cada formação, em cada matriz disciplinar, em cada programa de disciplina, em todas as aulas de uma graduação em Biblioteconomia, de uma pós-graduação intitulada Ciência da Informação. A principal forma de epistemicídio denunciada à e para epistemologia em BCI nesse estudo é o racismo.

Essa dissertação é uma jogada que faz o facão na picada da intermediária e chuta da meia-lua acertando amanhã o ponto epistemológico onde a coruja do Norte dormiu ontem: acerta em cheio o conhecimento como forma Ocidental ensinado em BCI para reproblematicar a própria BCI como epistemologia. Outro vocabulário, outras ideias, outra escalação, é aqui convocada.

Blecaute

Está uma movimentação danada aqui, e na empolgação da torcida o time vem escalado para a partida da seguinte maneira:

Para a defesa Ueliton, disposto a tudo, bate cabeça, bate tambor, ele sabe que carrega a responsabilidade de não poder falhar, vem para defender o legado de Barbosa, luta contra a zumbificação. Para compor a defesa e ajudar na luta, fazendo a dupla de zaga e dando segurança para goleirão está Moura, zagueiro driblador, que gosta de pegar os desvios, que lida com as brechas do jogo para mostrar que a ideia de monstruosidade aplicada a determinados jogadores tem uma origem colonial. Fazendo dupla com ele está Chimamanda, ela joga de cabeça erguida, é zagueira ambidestra, pode atuar dos dois lados do campo, está sempre apontando que existe mais de uma possibilidade de ver o jogo, a partida não é única. A frente, numa linha de segurança, garantindo que todo mundo seja visto no jogo, inclusive sempre valorizando os colegas da reserva, vem Grada Kilomba, ao seu lado na troca de passes, na volância, gastando a bola de um lado para o outro, indo nas profundezas do que é o jogo, rodando a bola e cansando os adversários, Rosane.

O meio campo é o lugar dos craques, e essa função ficou para dois camisa 10 legítimos, Almeida e Césaire, mas eles não podem vacilar, porque na reserva tem outros camisas 10 prontos para o jogo, Allan, Simas e Rufino estão aquecidos e respiram passe de categoria, futebol de classe.

Esse time é um desfile de categoria e craques. O meio de campo é de qualidade, os atletas jogam perto, só um-dois e o time vai avançando, é toque, é drible, dribra, é dança, é samba é bamba. O jogo jogado, bailado, sambado, o baba, nos leva a outras formas de pensar esse espetáculo, outras formas de atacar, de passar pelo adversário.

Agora que a bola chegou ao ataque, é preciso distribuir o quadrado em suas funções, os pontas de lança africanos que queremos ver e que fazem a rede balançar, são Fanon e Mbembe, já de centroavante, ali, marcando em cima, incomodando os zagueiros está Sueli Carneiro, qualquer espaço e ela marca, é do tipo que de centroavante que só precisa de uma bola para definir o jogo. Já saindo um pouco mais da área, dessas que precisa de muita atenção, que pede olhar atento, está hooks, não pode tirar os olhos dela senão está dentro da área ou dando passe para alguém marcar, ela carrega a fama de quem bagunça a zaga adversária, o apelido dela é deseducadora.

Por fim temos um craque já no fim da carreira, Nego Bispo, esse é jogador caro, da experiência, quando entra cadência o jogo e ajuda o time a pensar o futebol de outras maneiras, é um mestre que além de jogar, ensina, é a liderança que o time precisa em momentos de pressão.

O que estamos vendo aqui é o prenuncio de uma grande partida, vai ter lençol, vai ter caneta, e na resenha vai ter corneta, vai ter carrinho vai ter lambreta, você será apresentado a um novo planeta, o planeta preto do futebol, o Zumbi do futebol, a episteme do futebol.

Se prepara aí no seu sofá, afasta as cadeiras, tira a criança do colo, para não ter risco de jogar pra cima, toma aquela água, faz a última prece, que vai começar.

Apita o árbitro!

2 INTRODUÇÃO (PRÓLOGO)

Boa noite a todas as pessoas presentes. Sei que vieram em busca de uma peça, mas devido à urgência e, ainda, à ausência do tema em alguns espaços, esse espetáculo irá se apresentar de outra forma. Isso não é mais só uma peça, é uma dissertação, portanto:

A explosão não vai acontecer hoje. Ainda é muito cedo... ou tarde demais. Não venho armado de verdades decisivas. Minha consciência não é dotada de fulgurâncias essenciais. Entretanto, com toda a serenidade, penso que é bom que certas coisas sejam ditas. Essas coisas, vou dizê-las, não gritá-las. Pois há muito tempo que o grito não faz mais parte de minha vida. Faz tanto tempo... Por que escrever esta obra? Ninguém a solicitou. E muito menos aqueles a quem ela se destina. E então? Então, calmamente, respondo que há imbecis demais neste mundo. E já que o digo, vou tentar prová-lo. Em direção a um novo humanismo... À compreensão dos homens... Nossos irmãos de cor... Creio em ti, Homem... O preconceito de raça... Compreender e amar... De todos os lados, sou assediado por dezenas e centenas de páginas que tentam impor-se a mim. Entretanto, uma só linha seria suficiente. Uma única resposta a dar e o problema do negro seria destituído de sua importância. Que quer o homem? Que quer o homem negro? Mesmo expondo-me ao ressentimento de meus irmãos de cor, direi que o negro não é um homem. (Fanon, 2008, p.25)

Apesar dessa peça ser também uma dissertação não quero que pensem que esse espetáculo é uma aula. Isso ainda é teatro. A ideia é estabelecermos um diálogo onde haja troca, que as trocas feitas aqui gerem mudanças, em um diálogo é importante que ambos os lados sejam afetados. Desta forma, gostaria de deixá-las bem tranquilas e à vontade enquanto estiverem comigo. Não se trata de quem tem a luz e quem está apagado. Todas as pessoas aqui partem de lugares diferentes, mas com o mesmo propósito, aprender, serem afetados!

Podemos fazer um combinado? A partir de agora esse teatro vai ser o nosso espaço seguro para conversas e trocas. Tragam seus saberes, mas se permitam a outros olhares e uma escuta ativa.

Por exemplo, quem aqui sabe de quem é o trecho do texto da explosão? Vocês não acreditarem que escrevi algo tão primoroso né?

Aluno “Frantz Fanon, Pele negra máscaras brancas, 2008, página 25!”

Onde foi, podem colocar uma luz na plateia por favor! Isso meu irmão, muito obrigado, pode levantar a mão quem mais conhecia essa citação.

Não causa espanto, que apesar de sermos tantos, só alguns poucos ainda sabiam de quem estou falando. Numa breve pesquisa na Internet é possível saber que Fanon foi médico, filósofo político, teórico do colonialismo e militante da independência africana, um dos intelectuais mais influentes na área dos estudos pós-coloniais e nas lutas pela independência das ex-colônias europeias. Mesmo assim, sua produção e de muitos de seus pares, só há pouquíssimo tempo começou a ganhar relevância.

Ah, ia me esquecendo, preciso compartilhar uma coisa com vocês. Sou bibliotecário. Não sei se sabem o que isso significa, mas nessa peça, quer dizer que eu basicamente sou a pessoa que tem autoridade acadêmica para repassar fofocas. Gostaria de compartilhar uma a respeito de Fanon.

Como já pude notar, poucas pessoas presentes o conheciam, embora sua história e relevância para o pensamento contemporâneo seja gigantesca. Mas voltando à fofoca, houve um tempo que seus trabalhos foram proibidos de serem lidos em ambientes acadêmicos estadunidenses.

Why?

Já aqui, nas bandas de baixo, influenciou o trabalho de muita gente que se tornou referência na educação Brasileira. A obra de Paulo Freire, por exemplo, principalmente o livro *Pedagogia do Oprimido*, quando se faz uma leitura cuidadosa é possível perceber muito de Fanon ali, mas isso foi pouco mencionado.

Por fim, essa citação usada aqui na peça, é do livro “*Pele negra máscaras brancas*” que era para ser a sua tese de doutorado defendida aos 25 anos de idade, mas foi recusada pelos membros da comissão julgadora. Eles disseram que preferiam uma abordagem mais positivista nos estudos da psiquiatria. Ele teve que adiar o lançamento do seu livro que mostrava como a ideologia que apoiava a cor podia apoiar o racismo que negava, simplesmente porque os que detinham a autoridade epistêmica disseram que o tema não era pertinente.

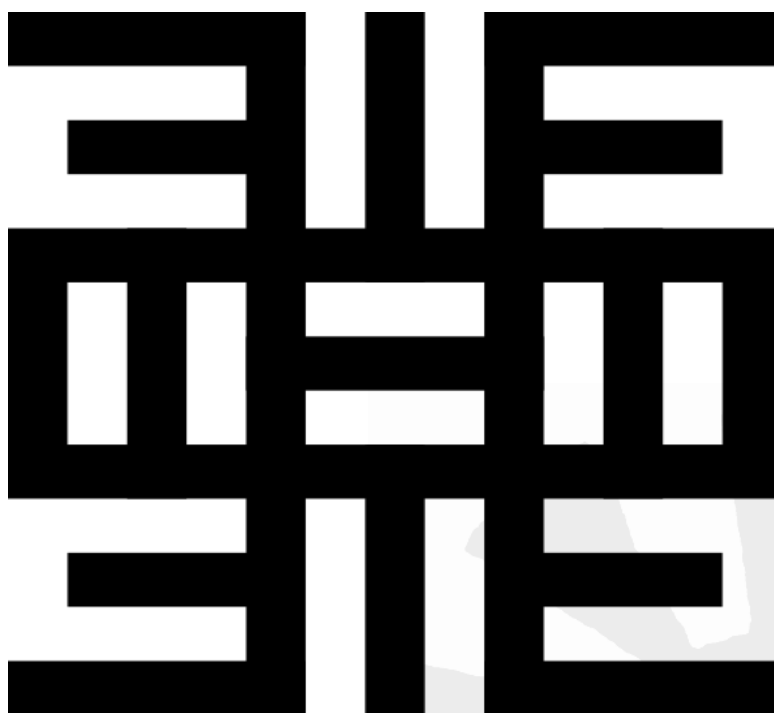
Por se tratar de uma discussão situada no campo da epistemologia, faz-se extremamente importante uma intersecção com o campo da Educação, por isso ao longo dessa peça ou dessa dissertação, já não sei mais o que isso aqui é, fomos encaminhando nossas ideias para o lugar de pensar o acesso ao conhecimento. Portanto, Educação aqui não se aplica aos espaços formais garantidos pela constituição tão somente, mas também de pensar outras dinâmicas e espaços que

façam a mediação entre a população e a informação possibilitando acesso de qualidade as informações, para que então possam fazer uso deles e adquirirem seus conhecimentos de forma autônoma e libertária.

Conseguem compreender o porquê da minha peça ter virado uma dissertação?

Eu estava sonhando e acreditando que já podia ser só um dramaturgo, criar uma história de valorização com uma narrativa cotidiana, mas, infelizmente, ainda há urgências que não nos permitem sermos medíocres. É necessário que se entregue sempre um pouco mais, portanto, a tentativa desse trabalho, é um pouco mais, como sempre é exigido, não é só uma peça, também não é só uma dissertação. Ah, não fique chocado, eu disse medíocre mesmo, se formos radicais, no sentido de ir à raiz das coisas, ser medíocre é ficar na média, é sabemos a serviço de quem está a ideia de que se todos tiverem acesso a média, nada funciona, é preciso estimular a competição...

Figura 2 - NEA ONNIM NO SUA A, OHU (Quem não sabe pode passar a saber aprendendo)



Fonte: Ga e Larkin, 2022, p111.

As histórias não são únicas. Isso ficou mais popular nas palavras de Chimamanda Ngozi Adichie (2009), graças às deusas, mas aposto que, assim como eu, muitas de vocês cresceram ouvindo que povos africanos das diásporas foram escravos (e, não, escravizados) e que não foi possível contar sua história porque eram povos que não tinham costume de registrar sua história, eram povos da oralidade, que não possuíam escrita.

Adinkra, quem aqui já ouviu falar disso?

Está bem, já vi que essas perguntas, se não fosse pelos poucos irmãos e irmãs presentes, seriam perguntas retóricas. Acho que vou parar de fazê-las, até porque, eu mesmo disse que isso não era para ser uma aula, né?

Mas, bem, o Adinkra é a prova de que a única história contada sobre a diáspora africana que muitos de nós crescemos ouvindo era uma informação incorreta, a chamada *fake news*, pois o Adinkra é uma escrita milenar desenvolvida no continente Africano, mais especificamente pelos povos que hoje habitam a região onde fica o território de Gana e é uma das tantas narrativas que existe sobre a tradição e o conhecimento do continente que atualmente é composto por 54 países.

Fazendo jus à minha profissão e ao combate à desinformação fica aqui a referência de um ótimo livro: “Adinkra: sabedoria em símbolos africanos”, de Elisa Larkin Nascimento e Luiz Carlos Gá, publicado em 2022.

Aproveitando que estou falando de mim e da minha profissão, quero lhes contar como nós viemos parar aqui nessa peça-dissertação.

Era por volta de dezoito e trinta, eu caminhava de mochila nas costas, *shorts* de time de futebol e chinelo dedo, o meu traje habitual daqueles tempos. Enquanto seguia tranquilo na trilha que beirava o lago, ao som dos bichos no fim da tarde, na companhia das capivaras, senti uma luz se aproximar. Aquela luz se projetando em minhas costas foi se intensificando, quando ouvi um som diferente dos de costume. Uma voz autorizou: “pode abordar, cor padrão”.

Aquilo tudo que acontecia nas minhas costas, para ser sincero, não sei se ouvia ou se já estava a imaginar, porém, em fração de segundos, tudo se passava diante dos meus olhos. Algo para um pouco à frente, não vejo mais nada além de dois olhos vermelhos incandescentes. Em minha direção volta aquela luz que

outrora se projetara em minhas costas. Memórias! Quem diria, olha eu outra vez no foco, do Siribi. Descem dois, movimentos sincronizados, apontam e caminham em minha direção, eu já estava parado, nem precisou que pedissem, garotos como eu paralisam diante de um Siribi.

“Então, o que faz aqui essa hora?”

“Sou aluno estou indo pra aula.”

“Tá certo, e você tem como provar?”

“Sim, na minha bolsa, posso pegar?”

“Sim, mas vê bem o que vai fazer hein”

“**U**eliton dos Santos Alves”

“**S**im, Ciência da Informação e Biblioteconomia, aqui na Filô.”

“**P**adrão, ah, tá certo”

Naquela tarde fui salvo por um cartão laranja, minha cor preferida desde então, com três letras em destaque.



Figura 3 - Basquiat Welcomed by the Metropolitan Police Banksi 2017, Local: Barbican Center, London, England



Fonte: Wikimedia Commons, 2017. Disponível em:
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/76/Banksy_-_Basquiat_-_London_Barbican_-_September_2017_-_01.jpg. Acesso em: 11 nov. 2023.



3 REFERENCIAL TEÓRICO (ATOS)

Agora que já sabem como viemos parar aqui, e já que esse é nosso espaço seguro, quero trocar mais algumas questões com vocês. Não vou mais bancar o professor que faz perguntas retóricas. Vamos adiante. Quero contribuir para a experiência de vocês. Então vamos dissertar um pouco a respeito da formação do pensamento em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Trata-se de um campo de estudo destinado à preservação, ao controle e à disseminação da informação e do conhecimento. Isso significa que ambas têm um grande impacto na rede das ideias que circulam socialmente.

3.1 EU, O INTELLECTUAL NEGRO OU ASSIMILAÇÃO ACADÊMICA

No contexto terminológico, ou seja, no uso da expressão Biblioteconomia e Ciência da Informação, para facilitar nossa vida, vamos chamar aqui no nosso espaço seguro de BCI. Nesse território legitimam-se espaços configuradores de um saber-poder transversal. Quando se discute sobre a função de um profissional da informação, nesse caso aqui, EU, sabemos que existe um papel central no desenvolvimento de suas atividades.

Portanto, eu e todas as pessoas que escolherem atuar junto a esse campo de estudo teremos grande responsabilidade social. É, pois, importante entender que o maior patrimônio de um profissional da informação é o ser humano, por isso, permitir humanizar as relações dentro da área é extremamente necessário.

Gostaria de fazer um pedido a vocês. Algumas palavras são extremamente importantes para as ações dramáticas e desenvolvimento dessa peça. Quero que guardem, por favor, a palavra “futebol”. Por exemplo quero que vocês me acompanhem, buscando aí em que momento ela já foi mencionada, e em que momento ela será mencionada novamente, como é que ela entra nessa história toda. Cobrem-me, por favor. Ela vai nos ajudar a pensar as relações humanizantes dentro da ciência.

Sim, esse espetáculo é um pouco sobre mim. Eu gosto de estar no foco. Eu entrei na universidade porque queria estar no foco. Eu vim para o teatro porque queria protagonismo. Infelizmente, o foco que me trouxe até essa peça-dissertação

foi outro, foi o foco tipo siribi, o único que queria fugir, o único foco que achei que a universidade e a intelectualidade me ajudariam a apagar.

O ano era 2010, iniciava o espetáculo BCI, lá na Filô, na Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP), a primeira cena que recebi foi assim:

O curso está inserido na área de Ciências Sociais Aplicadas e visa formar profissionais da informação aptos para atuarem de forma crítica, ética e humanista nos diversos segmentos do mercado no que concerne ao planejamento, execução e avaliação de atividades inerentes à implantação, gerência e desenvolvimento de unidades de informação, bem como a compreensão dos processos socioculturais relacionados à produção, circulação e apropriação da informação. Para tanto, o profissional formado no curso torna-se apto a aplicar conceitos e práticas na gestão, armazenamento, organização, distribuição e preservação da informação. (Biblioteconomia e Ciência Da Informação, 2020)

Ao me deparar com a possibilidade de ser um profissional que atuaria de forma crítica, ética e humanista, senti que essa poderia ser a profissão que contemplaria também questões da minha vida. E aqui fica outra lição. Nesse começo é comum acharmos que temos certeza das coisas. Mas sigamos com calma, lembrem do adinkra do conhecimento, busquem sempre aprender, não existe história única, também é traduzido como não existe verdade absoluta.

Aproveitando que estamos no teatro, não há necessidade de respeitar o tempo cronológico, podemos dar um salto, e chegamos aqui, no agora.

Hoje posso dizer que com tudo que me aconteceu, associado a esse tipo de rotina vivida nos espaços acadêmicos, tudo isso ajudou no desenvolvimento da minha consciência social e racial. Eu me formei como pessoa, adquiri profissão e passei a atuar como bibliotecário, constituí um novo eu.

Esse ser constituído a partir de novas experiência e com uma subjetividade fortalecida por referências agora a partir de pessoas parecidas comigo, embora ainda sua maioria vindas de fora da BCI, me fez chegar até um mestrado, uma vez nesse lugar e ao se confrontar com a pergunta “qual o seu problema de pesquisa” no contexto da BCI, me vi outra vez no foco do siribi, ouvindo em coro, como se estivesse atuando em uma tragédia grega, “cor padrão!”. Então fez-se a questão,

se os meus pares são padrão para atuar no foco do siribi, por que não os vi como padrão também dentro do meu campo de estudo?

Sabe aquele momento que você tem certeza da sua resposta, isso, tipo quando a pergunta é retórica!? No primeiro momento foi isso. Para mim a resposta era clara. E isso aqui, foi sem querer, não era para ser uma piada.

E com toda bagagem adquirida até então, cheguei em respostas óbvias, que pareciam fáceis. Tratava-se de epistemicídio. Portanto, meu problema de pesquisa era responder à seguinte questão: A epistemologia produzida em BCI é epistemicida? Pela minha vivência na USP e trajetória acadêmica, tinha certeza de que seria fácil, já que a área apresentava como pautas secundárias as questões que diziam respeito, principalmente, às discussões raciais e dos grupos considerados como detentores de saberes subalternizados. Isso poderia ser empiricamente observado dado que, a maior parte das referências e bases curriculares consultadas em minha formação universitária partiam de saberes eurocêntricos. Bastava, pois, denunciar isso e pronto.

Lembram do Adinkra? Pois é. Houve uma virada de chave importante. À medida em que eu tentava afirmar que a epistemologia em BCI era epistemicida fui percebendo que, de fato, houve, sim, apagamento da história negra dentro do campo, mas não de maneira passiva, sem luta. E que, assim como em outros lugares, as narrativas únicas sobre nós vinham sendo contadas também dentro desse campo de estudo. Então eu não podia usar do discurso do epistemicídio e apagar o pouco de história e estudo que foi e está sendo desenvolvido. O fato de eu não saber, não quer dizer que não exista.

Essa virada se dá não graças ao ambiente acadêmico, mas também graças ao ambiente acadêmico, à vivência de uma universidade pública, somada ao movimento estudantil, greves estudantis, movimento negro, bibliografias, palestras que vi, vejo, *podcast* que ouvia e ouço, das trocas que tive com pessoas amigas, professoras, orientadoras, tudo foi forjando ferramentas que me atentaram para o cuidado com as afirmações e verdades absolutas.

Eu não podia fazer isso com a área de atuação que escolhi, e que me ensinou algo extremamente importante sobre metodologia de classificação, carrego isso como um mantra, e, apesar de isso aqui não ser uma aula, fica aqui uma lição: classificar é arbitrário, algo sempre ficará de fora, pois, toda classificação possui

subjetividade e interesse de quem a propõe. Desta forma, todo cuidado ao fazer uma escolha. Ao fazê-la você está decretando o que ou quem irá representar uma ideia. Sendo assim, eu não podia logo de cara decretar que as pessoas e o pensamento das pessoas em BCI eram epistemicidas. Fazer isso é apagar de sua trajetória, como marcos fundantes de uma Biblioteconomia Negra, por exemplo.

Ao esquecer esses marcos, o processo do epistemicídio se instituía através de mim, e logo eu que buscava lançar luz sobre a problemática, seria o vetor que não permitiria que outros que viessem depois de mim, não poderiam conhecer a trajetória de nomes que contribuíram para mudanças que permitiram que eu elaborasse um pensamento capaz de cogitar tal afirmação. Não estava certo. Eu não podia fazer isso.

Então revi o que estava fazendo, percebi que não buscava por respostas, mas sim por processos de produção e disponibilização de conteúdos que contribuíssem para que novas perguntas pudessem ser feitas.

Foi então que me vi na roda, trocando com bambas da categoria de Silva e Silva(2022). Apesar de não serem partideiros, tecem um batuque capaz de nos dar régua e compasso.

Ao contar a história de como encontrou Frantz Fanon ao longo de sua trajetória acadêmica e sobre a ausência da obra *Pele Negra, Máscaras Brancas* nas bibliotecas de Lisboa nos anos 1990, Grada Kilomba traz para debate o princípio da ausência. Conforme a autora, este princípio se apresenta quando **“algo que existe é tornado ausente [...], e por isso, deixa de ter uma existência real”** (Kilomba, 2020, p. 12, grifo da autora). Em suas reflexões, Kilomba postula o princípio da ausência como base para o racismo, haja vista que a produção de pensadores, pesquisadores e intelectuais negros e negras é tornada ausente nos ambientes acadêmicos e nas bibliotecas, o que resulta na propagação de um pensamento hegemônico branco eurocentrado assumido como universal (Silva e Silva, 2022, p. 48)

Régua e compasso, porque foram nas linhas traçadas por Silva e Silva (2022) que consegui encontrar muitas referências para olhar para essas narrativas negras existentes dentro da BCI.

Então juntei essas referências, fiz outras leituras, aprendi coisas novas, conheci gente nova e acumulei vivências. A partir disso foi possível perceber que o lugar de acusação era uma armadilha criada pelo que Kilomba (2020) chamou de “princípio da ausência”.

Não dava para sair afirmando que existe um epistemicídio; outras epistemes resistiram à hegemonia do campo; há as comunidades de resistência, que, por exemplo, trazem os subalternos para a discussão o tempo todo.

Blecaute

Era uma vez, em período longínquo, por necessidade de organizar, conservar e divulgar os documentos. Os que detinham o poder e almejavam por mais poder, viram a importância de ter alguém que fosse capaz de criar métodos, técnicas, visando à resolução de problemas práticos que pudessem não só preservar suas histórias de conquistas, mas também criar e contar novas histórias. Toda essa ideia de conservação e memória deu origem ao que hoje conhecemos como bibliotecas. É sabido que, desde o início da escrita até a época moderna, as bibliotecas passaram por inúmeras mudanças, algumas foram destruídas, mas sempre que podiam iam aprimorando, criaram uma série de procedimentos e dentro desse contexto elaboraram um conjunto de técnicas e de questões que envolvem a rotina dessas técnicas que, ao longo do tempo, se constituíram na base do que academicamente chamamos de BCI.

Também é sabido que dentro do que convencionou-se chamar de BCI, constitui-se os hegemônicos do campo, a história única. Mas como toda boa história, todo protagonista tem um antagonista (ou várias antagonistas). Nessa aqui, quem vai nos trazer o antagonista é Saldanha (2019). Ele nos apresenta figuras que compõem o imaginário biblioteconômico e que convencionou-se chamar de “comunidades de resistência”. São intelectuais que tecem um pensamento crítico acerca do conhecimento hegemônico.

O que queriam esses antagonistas? Era o pessoal do desvio, o povo que trazia à baila a ideia sobre a produção dos saberes subalternizados, ainda que não prioritária no campo; deste modo, é possível dizer que, apesar dessa condição, pesquisas e fundamentos históricos destacaram campo como práxis para revolução social. Dentre alguns nomes, podemos citar o russo Nicolas Roubakine (1922), Ranganathan (1931) e Solange Mostaf (1985).

E a inutilidade ganha outro destino. Como afirmá-lo, já pressupondo, contra toda e qualquer linha emancipatória, a racionalidade que acossa o discurso hegemônico que afirma? Tal é, assim é, pois não há como negar, a grande tradição, anti-social, anti-crítica, anti-plural. Esse movimento, dito-feito, por uma antevista hegemonia e por sua oposição aberta e fluida (a contra-

hegemonia em sua ordem fechada de desconstrução do real em luta ou a esquerda dissolvida em centenas de gritos de desespero que não se escutam, ora por simultaneidade, ora por suspeitas alheias comungadas), resultou na tautologia estéril: eis uma dada teoria fundada como maioral, pois maioral assim a quer sua oposição. Qual é a evidência? Quem legitimou, para além dessas duas linhas hipócritas de amizade, a de uma teoria provocativamente a-crítica ou uma teoria ironicamente crítica, o falso discurso hegemônico? Falso, posto que é necessário provar, incluindo seus testes críticos, sua sobrevivência sobre a fogueira de suas contradições e sob sua condição contextual – se tomada como construto social, poderá e haverá de ser derrubada. (Saldanha, 2019, p.172)

Vocês estão conseguindo acompanhar, está muito confuso, estamos caminhando para uma nova fase da nossa jornada, é chegado o momento em que se desvelam as alianças.

Para uma boa aliança é importante definir os termos do acordo. Eu já me apresentei, vocês já sabem como vim parar aqui, alguns dos meus possíveis aliados começaram a mostrar a cara, agora vou dar a vocês em quais condições se dará nossa jornada, como, e até onde ela vai.

O pessoal que escolhi para estar junto comigo nessa peça-dissertação se posiciona dentro do campo do que convencionou-se chamar de estudos decoloniais ou estudos dos subalternos. Então muito do léxico apresentado será ligado a esse campo de estudo.

Desculpem-me pelo léxico, é porque isso aqui também é uma dissertação, né, precisa dessas palavras difíceis, mas no nosso ambiente seguro, eu explico. Em linhas gerais, vamos usar expressões que só o pessoal que estuda isso entende.

Retomando, peço bastante atenção para o seguinte ponto: sobre o uso da expressão “visão ocidental”, quando se faz o uso desta não se trata apenas de marcar uma oposição entre norte e sul global, oriente e ocidente, mas, sim, para criticar um modelo epistemológico que ficou estabelecido e defendido como correto, e que se aplica a todas as realidades, o hegemônico.

Por que estou dizendo isso? Porque só marcador geográfico não representa que a produção é decolonial. Na Europa, por exemplo, temos nomes que são considerados importantes para os estudos decoloniais, como Foucault e Boaventura de Souza Santos, ou seja, mesmo no território do eurocentrismo,

constitui-se uma geração crítica; o mesmo se dá nos Estados Unidos, por diversos exemplos na pesquisa social e na práxis, na cultura e na política, como o próprio movimento biblioteconômico da *Black Librarianship* que aqui no Brasil foi estudado por Franciele Garcês Silva.

Por isso, o motivo do meu pedido de atenção. Quando abordarmos o termo “visão ocidental”, estamos falando a partir do uso de uma lupa crítica que se refere aos aspectos oriundos de um processo colonizador e ou neocolonizador com propósito epistemicida ou da ausência. Portanto, sempre que eu usar esse termo aqui, tomem como se eu estivesse falando da “Europa colonizadora e Estados Unidos neocolonizador”!

Agora, sim, posso afirmar, sem medo de errar, esse propósito colonial foi epistemicida. Ao longo da nossa conversa eu falei várias vezes essa palavra, mas por uma arrogância acadêmica, ou até mesmo descuido, eu esqueci de perguntar se todas as pessoas aqui têm ideia do que é epistemologia?

Existe um momento em nossa vida que tem coisas que queremos fazer, aí esperamos que alguém que tenha coragem de fazer, as faça por nós, mas quando esse alguém não a faz, podemos passar uma vida com dúvida ou esperando algo. Para que isso não aconteça, hoje, também seguindo uma lição que aprendi um dia com uma mestra que encontrei ao logo da caminhada, obviedades sempre, sempre, devem ser ditas.

Falando nisso, vocês ainda estão aí?

Essas não são perguntas retóricas, apenas não precisa responder agora, mas é importante que responda, você, dito universal, já questionou quem é que diz o que é o conhecimento verdadeiro? Quem estabelece quais são os temas, os paradigmas e os métodos de um campo? Lembrei-me agora do grande griot, Nego Bispo. Certa vez ele disse: as universidades ainda não estão preparadas para certificar um saber tradicional. “Certificado é como um código de barra. Serve para informar um preço, não serve para dizer se sabe ou não sabe”. (Bispo apud Universidade Federal de Minas Gerais, 2020).

Segundo Kilomba (2016), o conceito de conhecimento não se resume a um simples estudo apolítico da verdade, mas sim a reprodução de relações de poder raciais e de gênero, que definem não somente o que conta como verdadeiro, bem como em quem acreditar. Algo passível de se tornar conhecimento torna-se então toda

epistemologia que reflete os interesses políticos específicos de uma sociedade branca colonial e patriarcal.

Neste sentido, segundo a referida autora a epistemologia, a ciência da aquisição de conhecimento vai determinar: 1. (os temas) quais temas ou tópicos merecem atenção e quais questões são dignas de serem feitas com o intuito de produzir conhecimento verdadeiro. 2. (os paradigmas) quais narrativas e interpretações podem ser usadas para explicar um fenômeno, isto é, a partir de qual perspectiva o conhecimento verdadeiro pode ser produzido. 3. (os métodos) e quais maneiras e formatos podem ser usados para a produção de conhecimento confiável e verdadeiro. Assim, a epistemologia define não somente como, mas também quem produz conhecimento verdadeiro e em quem acreditamos. Assim, a autora sublinha que a epistemologia não define apenas o como produzir conhecimento, “mas também quem produz conhecimento verdadeiro e em quem acreditamos”. (Navasconi, 2018, p.3)

Assim sendo, vamos à epistemologia, que de óbvia não tem nada. A palavra “epistemologia” é relativamente nova, surge com o idealismo moderno. Porém, seu campo de estudo nasceu provavelmente na Grécia Antiga, com a preocupação filosófica do saber, mais especificamente com a dúvida sobre como o conhecimento é possível. A epistemologia também pode ser designada pelo termo teoria do conhecimento.

Estamos começando a descer no vale da sombra e da morte. O campo da epistemologia é um mergulho em águas profundas, quase obscuras, para nos ajudar recorreremos a professora Maria Nélide González de Gómez.

A partir da modernidade, porém, instaurou-se uma outra arena metadiscursiva, onde o que estaria em disputa seria a interpretação pública da própria cientificidade.

E seria a epistemologia, durante muito tempo, a reclamar para si o direito e a competência de dizer da ciência um algo a mais que a ciência não diz e não compreende sobre ela mesma. Se a ciência definia o real, a epistemologia definia a verdade. (González de Gómez, 2001, p. 6)

A discussão desse tema nos interessa porque busca compreender os limites de autoridade dentro do campo científico; não à toa, temos uma ideia de jogo que conta com a autoridade de González de Gómez, trata-se de uma aliada. Pensar a ideia de autoridade a partir de quem academicamente é vista como autoridade para tal é um pouco paradoxal, mas essa provocação nos é possível a partir do que ela mesma diz lá em 2007, no artigo intitulado “Novas configurações do conhecimento e validade da informação” ao dissertar sobre o conceito de autoridade epistêmica.

O modelo de campo refere-se, antes que as epistemologias regionais, a espaços sociais de saberes e práticas, onde os atores lutam pela definição da **autoridade epistêmica** do campo, posição central ou hegemônica onde serão definidos e legitimados os valores do campo, tais como os critérios de validade e de reconhecimento da produtividade científica, e de que a clara instituição depende, ao mesmo tempo, do vigor da lógica interna do campo e de sua autonomia. Certamente, se olharmos com atenção a concepção de Bourdieu, a autonomia e a luta concorrencial são figuras estruturantes do campo, sobre a qual se assenta a definição de excelência, pertinência, validade e competência da produção simbólica e científica do campo. Trata-se de uma dialética imanente que ele denomina de “revolução permanente”. (González de Gómez, 2007, p.4, grifo da autora).

Nélida recorre a Bourdieu para enunciar como a ideia de autoridade confere legitimidade e oferece conhecimentos que influenciam o trabalho e a atuação diante dos próprios pares científicos. A epistemologia, portanto, se constitui como um conjunto discursivo que enfoca um saber que carrega consigo o valor do “verdadeiro”. Porém, a filósofa segue seu pensamento discutindo sobre como é construído a ideia de autoridade e verdade e, acaba por nos alertar para as seguintes questões:

Existe assim um paradoxo no testemunho, enquanto indica “uma relação constitutiva do singular com a verdade”, de modo tal, que ao mesmo tempo é verdade só porque é verdade para alguém sem, porém, deixar de ser verdade para qualquer um. Não são tampouco novos os elos entre a informação, o testemunho e a formação e transmissão dos saberes culturais. Se todo conhecimento e toda epistemologia são, com propriedade, sociais, o certo é que existem construções históricas, seletivas e intencionais de memórias sociais, preservando narrações e teorias, textos e artefatos culturais, e que na formação dessas memórias, tem participado inúmeras instituições, criadores, artistas, pesquisadores, e muitos outros trabalhadores - intelectuais ou não. Trata-se de uma construção ao mesmo tempo contínua e descontínua, com achados e perdas irreversíveis, parcialmente expostas e interligadas por catálogos, índices, bases de dados, histórias e lendas. (González de Gómez, 2007, p.5)

A autora segue e nos lembra que para conservar essas verdades é preciso todo um aparato de infraestrutura epistêmica, e que esse aparato é operado por corpos que promovem intervenções, e que essas intervenções são seletivas de acordo com as demandas institucionais. Desta forma, González de Gómez e Kilomba nos ajudam a pensar como se estabelece o princípio da ausência dentro do campo do conhecimento, ao compreender a dinâmica de verdade a autoridade

é possível fazer um exercício subjetivo que culmina na discussão da assimilação, não foi pela inexistência de referências, mas sim, pelo princípio da ausência que infelizmente em minha formação e ainda de muitas outras pessoas iguais a mim não foi possível constituir um referencial epistemológico contra hegemônico. Pois essa ausência possibilitou que a base de referencial teórico tivesse meus pares como cor padrão do siribi e não como padrão de intelectualidade. Em sua maioria o campo acadêmico não contempla discussões das epistemes não canonizadas, ou oriundas dos ditos povos submetidos à colonização.

Infelizmente o referencial teórico construída em BCI apresenta quase ninguém parecido comigo, ou tido como fora do padrão ocidental branco eurocêntrico (forma). Esse é o motivo. Por isso não pude escrever só uma peça, meu espetáculo teve que virar quase uma aula. Não soa um absurdo que uma pessoa chegue ao ponto de se desolar e se sinta solitário em um campo de atuação, e depois descobre: existem seus pares fazendo trabalho semelhante (ainda que nunca idêntico), inclusive importantes nomes que vieram antes, só que você não os conhece porque alguém escolheu não contar a história deles?

Eu me vi angustiado, instalou-se uma contradição, à medida em que me aprofundava no campo percebia que me distanciava de mim. Vocês se lembram do princípio da ausência? Eu pouco ouvia falar dos meus pares dentro do campo. Será? Estaria eu assimilando a estrutura acadêmica, perpetuando uma narrativa única baseada em ideias excludentes? Quem eram as autoridades epistêmicas que formaram meu campo de saber?

Era necessário desenformar, fugir do padrão!

3.2 O ENCONTRO

Infelizmente nosso encontro se deu fora do ambiente da BCI. Quando eu ouvi falar de Fanon pela primeira vez já fazia alguns anos como formado, e seus livros e teorias aparecem muito mais por conta da discussão antirracista do que no campo decolonial e epistemológico. Só depois que foi possível compreender que muito do que o pensamento de Fanon trazia podia ser colocado no contexto da BCI e, claro, me deparei com alguns pares pensando igual a mim. O princípio da ausência é que dificultou que nos encontrássemos.

Frantz Fanon, importante nome para construção do pensamento pós-colonial, é aquele da citação que abre nosso espetáculo. Eu espero que ainda se lembrem. Eu sei que têm mania de se esquecerem. Brincadeira! Ele e sua produção se torna um marco nas contribuições para a construção dos estudos da colonialidade e, por consequência, nas formas de combate a ela, o que conveniouse chamar na contemporaneidade de decolonialidade.

E falar do encontro com Fanon é importante porque na figura dele escolho homenagear autorias que se debruçaram para fundamentar e fortalecer os estudos dos ditos subalternos, possibilitando-nos pensar hoje exercer uma contra colonialidade. Escolho para ser o personagem que representa o estandarte que desperta a compreensão e indagação com a academia e autorias em BCI.

Na jornada em busca de Fanon, foram surgindo, ao longo do caminho, seus parceiros, aliados e discípulos. Faustino (2015) é um desses, na contemporaneidade, em terras brasileiras ele tem um papel importante para tornar a produção fanoniana menos ausente. Nesse sentido, Faustino torna-se também meu aliado nesse peça-dissertação, ao me ajudar com a reflexão, estaria eu assimilando a estrutura acadêmica, perpetuando uma narrativa única baseada em ideias excludentes?

Para Faustino (2015), segundo Fanon assimilação só opera enquanto mito, e a pessoa negra, por mais que busque o mundo branco e reorganize o mais profundo de sua existência em função dele, esbarra sempre na objetividade da racialização, tornando o Ideal do Ego irrealizável.

O preto, diante da atitude subjetiva do branco, percebe a irrealidade de muitas proposições que tinha absorvido como suas. Ele começa então a verdadeira aprendizagem. E a realidade se revela extremamente resistente..., Mas alguém poderá pretender que descrevo um fenômeno universal, – o critério da virilidade sendo justamente a adaptação ao social. Responderemos então que esta crítica é inadequada, pois mostramos justamente que, para o preto, há um mito a ser enfrentado. Um mito solidamente enraizado. O preto o ignora enquanto sua existência se desenvolve no meio dos seus; mas ao primeiro olhar branco ele sente o peso da melanina. (Fanon, 2008, p.133)

Ainda na trilha do Faustino (2015), a assimilação não implica qualquer reciprocidade - há sempre uma cultura que tende a desaparecer em favor de outra. De maneira mais sintética e trazendo para a observação de quem agora está

inserido na academia, o que Fanon apresentava é: não se trata de somente de uma luta social; também não é uma batalha subjetiva de se constituir enquanto o Outro; é, mais do que isso, a luta do racismo anti-negro dentro do campo da razão e do conhecimento passa pela necessidade de entrar na dialética do EU e do Outro, o que nas palavras de Fanon sinaliza a melancolia da existência negra.

Foi preciso pensar como eu existia dentro da graduação, como os que vieram antes de mim existiram dentro do campo. Eu tentei fazer isso a partir do exercício de revisitar minha trajetória e contexto cultural e, como isso de alguma maneira dialogava com o contexto da Ciências da Informação da USP Ribeirão Preto e em BCI no Brasil.

Em busca desse diálogo o caminho encontrado foi a troca com as teorias que fundamentam o que conhecemos atualmente como pensamento decolonial. Ao entender a proposta desenvolvida pelos estudiosos da colonialidade, foi possível pensar uma maneira de existir em BCI, atentando-se para a ausência de reciprocidade que a assimilação impõe.

O exercício de relacionar as teorias decoloniais em e para a epistemologia em BCI é a tentativa de se enxergar dentro desse sistema sem assimilá-lo, tornar possível uma reconexão com a profissão, a partir de um olhar crítico de combate a colonialidade, que, de maneira bem sucinta, pode ser definida como uma construção epistemológica de base colonial que busca obstruir e silenciar o conhecimento, sua complexidade e sua diversidade.

A decolonialidade se apresenta como uma ferramenta para romper com o mito da narrativa única e permite olhar para as narrativas dos terrivelmente outros.

3.3 GANCHO: NOVO ENCONTRO, O REI ZUMBI

Jairzinho rouba a bola; rouba não, toma a bola do camisa 4 uruguaio, Luís Ubiñas; ele carrega pela esquerda no meio do campo e passa para Tostão, que, posicionado ali próximo ao círculo central, se aproxima para receber.

Tostão, como maestro, precisa apenas de quatro toques até encontrá-lo passando em velocidade. Reza a lenda que os jogadores adversários evitavam olhar em seus olhos; dizem também que não se podia falar o seu nome mais de 3 vezes antes de um jogo. Esse era o ser que ia na direção de alguns zagueiros em velocidade. Enquanto ele vai de frente, os zagueiros correm meio que de costas e

com os olhos baixos, muito por respeito, ou seria medo? Então, ele recebe de Tostão entre dois zagueiros, basta um toque, a bola desliza em direção à grande área.

Lá do gol vem Ladislao Mazurkiewicz esbaforido, na meia-lua, o goleiro e ele chegam quase juntos na bola.

GÊNIO!

Apenas finge que vai dominar e deixa a bola passar pela esquerda do arqueiro, enquanto levanta voo pela direita.

Mazurkiewicz não acha nada, nem bola, nem ele. Como em um passe de mágica, teletransporte ou sei lá o que, ele muda de direção para pegar a bola.

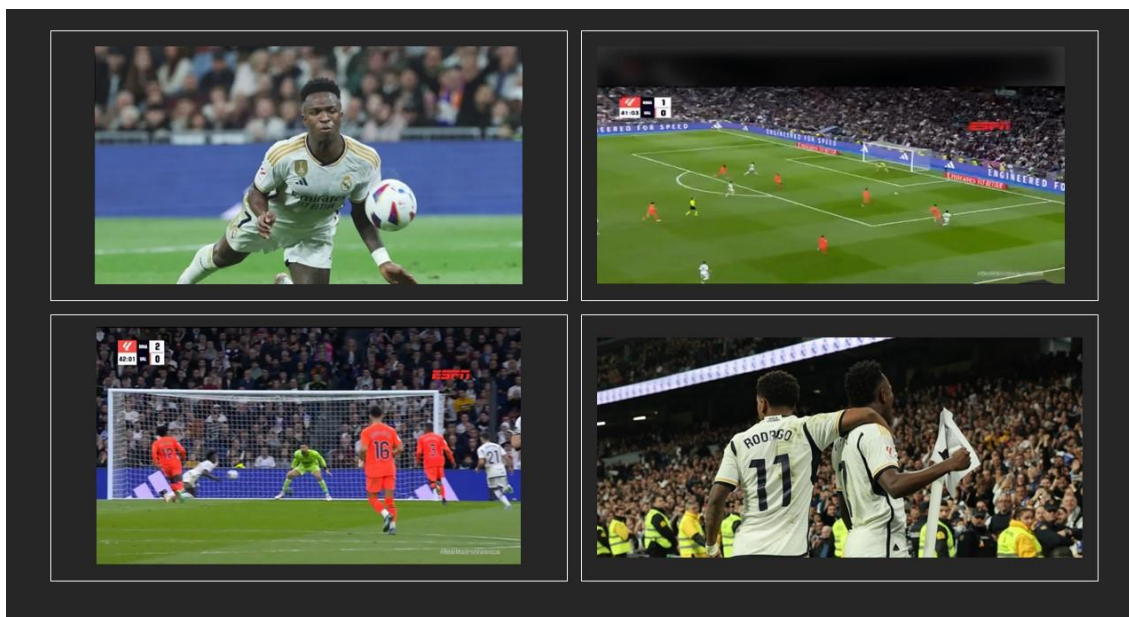
REI!

Ele alcança a bola perto do bico da pequena área. O camisa 2 uruguaio, Atilio Ancheta, numa corrida desesperada, atira-se quando percebe que de uma maneira inexplicável, ele, Pelé, gira o corpo ao mesmo tempo em que dá um chute cruzado na bola ainda em movimento e a toca para o gol vazio. O zagueiro cai e rola em uma cambalhota patética, enquanto a bola, também até hoje inexplicavelmente, passa bailando diante dos olhos de milhares de torcedores e do poste direito, como se dissesse: só ele é capaz de tamanho capricho.

TESTEMUNHEM!



Figura 4 - Gol de peito Vinícius Jr, Real Madrid versus Valência 11 de novembro de 2023



Fonte: O autor, fotomontagem a partir de vídeos e imagens THOMAS COEX/AFP. Rodrygo e Vini Jr. Celebrando. Disponíveis em: http://www.leiaja.com/sites/default/files/field/image/esportes/topo/2023/11/rodrygo-vini-jr-real-madrid_1.jpg. Acesso em 20 nov. 2023 e GLOBO ESPORTE. Rodrygo e Vini Jr brilham, e Real Madrid atropela o Valencia no Bernabéu. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/jogo/11-11-2023/realmadrid-Valenciaclubdefutbol.ghtml>. Acesso em: 20 nov. 2023.

O ano era 1970, dia 17 de junho. O Brasil jogava contra o Uruguai e esse foi um dos tantos lances que marcaram a vida do Rei Pelé. Mas dos tantos lances geniais que o rei do futebol realizou, por que escolher este? Pelé nesta peça é personagem extremamente complexo, que apresenta um conflito existencial, a ponto de sua representação ser paradoxal, é um rei sem coroa, trono, nem território, seus súditos se limitam ao campo, pois o rei é Pelé, não o Edson. Para Edson fica a missão de carregar a entidade do rei Pelé. Para muitos, pouco importa o que o Edson tem a dizer. O que vale é o que Pelé pode jogar através de Edson.

Ser ou não Ser? Humano ou Semideus? Nesta peça o chamaremos de o Rei Zumbi.

Blecaute

Assim que pensamos o mundo, queremos organizá-lo, e não dá para pensar o mundo sem classificar as coisas ou os fenômenos, como disse Vignaux (1999). Aí está o paradoxo das nossas vidas e das nossas sociedades, pois tudo se

classifica para ser pensado, tudo se organiza para ser comparado e, portanto, ser categorizado.

A questão é, quem ganha com essa classificação, que tipo de memória, documentação, quais os arquivos são produzidos a partir dessas classes?

Sabiam que no Uruguai, para um comercial de carro, esse gol aconteceu? É que a catarse do gol aumentava a venda de carros. Classificar é importante, mas pode ser arbitrário e extremamente perigoso. Tudo depende das intenções que estão por trás do sistema de classificação. A segregação permite a hierarquia entre as pessoas como entre as espécies, melhor, torna-a legítima (Vignaux, 1999).

Desde muito cedo, aprendemos assim que existem plantas, animais terrestres, peixes e aceitamos estas categorias como recortes do mundo. Contudo, estes recortes têm uma história tão filosófica quanto científica. É o que eu queria aqui explicar. Explicar e mostrar como este desejo de classificação funciona à maneira de uma obsessão de rotular as coisas e os seres, conduzindo até estes racismos vulgares que não são mais do que o medo do Outro, do Desconhecido. (Vignaux, 1999, p. 23)

Adler (2017a) nos ajuda a compreender que manipular o não gol de Pelé não se trata de uma simples coincidência, vários outros eventos como esse, interligados, possibilitam a compreensão exata de determinados momentos da história. Ela afirma que a violência sistêmica é fundamentalmente um problema de classificação, e no seu artigo intitulado “Classification along the color line: Excavating racism in the stacks” faz uma ponte entre a abordagem da situação de bibliotecários racializados, suas condições políticas e sociais com a problemática intensa e complexa do racismo contemporâneo, a partir de uma leitura da classificação. Portanto, a autora vai dizer que é difícil abordar esse tipo de desigualdade porque as linhas classificatórias sobre as quais as infraestruturas discriminatórias foram construídas tornaram-se naturalizadas e incorporadas ao longo do tempo (Adler, 2017b, p. 4, tradução nossa).

Adler (2017b) destaca em sua pesquisa que o mecanismo de classificação foi criado com o poder de nomear, fazendo uso das ideias de Foucault, a autora cita o caráter disciplinar da classificação, como em sua dinâmica está estabelecida uma política corporal, de tantos usos quanto possível da multiplicidade de corpos, descrevendo e analisando indivíduos, mas também ordenando-os dentro de um coletivo. Ou ainda para reforçar essa ideia de domínio que a classificação busca

estabelecer Adler (2017b) cita Michel de Certeau, o aparato classificatório é necessário para escrever a lei nos corpos, “demonstram a regra”, transformando corpos individuais em um corpo político. Desta forma, o ato de classificar torna-se uma declaração, tomar partido, escolher um lado.

Assim que chegamos até aqui, nomear foi o que nos ajudou a compreender? Talvez sim, e não encontramos outro meio do que as palavras para pôr um pouco de ordem no mundo, mas estamos em guerra com a realidade por causa das palavras, já que a relação de ordem produz valores, desencadeia as guerras, é o grande fetiche. Mesmo assim seguimos, não paramos de nomear, de julgar e muitas vezes de condenar sem sempre saber (Vignaux, 1999).

Foi o que nos restou do reino animal, e como saber do que estamos a falar? Qual a finalidade de nomear determinados grupos? O fato de nomear uma coisa não é uma razão suficiente para provar que existe, nem que possa ser vista ou tocada (Vignaux, 1999). Mas há quem diga que o que não é nomeado não existe. Estamos diante de outro paradoxo da classificação e, novamente, a reflexão que se coloca é: tudo depende de qual será a finalidade.

Por exemplo, essa peça-dissertação, ou peça- palestra é um manifesto que grita contra a construção da classificação da humanidade em raça. A categoria raça como uma metodologia de classificação foi para estabelecer uma hierarquia de conhecimentos que teve e ainda tem como finalidade o domínio de outros povos, e estabeleceu um modelo de poder através da subalternização dos corpos e das epistemes.

A raça é um dos elementos bases que compõe o tripé que sustenta o sistema colonial transatlântico possibilitado pelo sequestro e massacre de negros da diáspora e povos originários. Dentro do campo dos estudos decolonias, esse sistema de violência leva o nome de colonialidade, e Santos (2007), o compara com uma monocultura, pois mata conhecimento outros, produz o que ele chama de epistemicídio.

Reduz realidade porque “descredibiliza” não somente os conhecimentos outros, mas também os povos, os grupos sociais cujas práticas são construídas nesses conhecimentos, ou seja, a colonialidade pode ser lida como uma prática que através da ciência moderna/colonial produziu um modelo único, universal e objetivo, tendo como referência a Europa.

Adler (2017b) traz outra importante contribuição, ao abordar as questões de classificação, é preciso se atentar que nunca são construídas isoladamente, são informados por processos sociais e estão em diálogo uns com os outros, por isso a autora alerta para a importância de investir em reparações taxonômicas. Esse alerta nos leva para um diálogo com outro importante nome da BCI, Antônio Garcia Gutiérrez, que tem pensado o conceito de desclassificação no campo.

Segundo García-Gutiérrez (2011) a desclassificação é uma forma dinâmica de organização que deve satisfazer uma lógica de mudança.

Além disso, a desclassificação deve ser entendida como uma operação hermenêutica envolvendo ideias abertas a diferentes sensibilidades cuja pedra angular e objetivo é o pluralismo lógico, cultural, social, político ou cognitivo. Classificação vela, divide e separa, enquanto a desclassificação revela, agrega, reúne. (García-Gutiérrez, 2014, p. 394, tradução nossa).

Segundo García-Gutiérrez (2011) estamos acostumados a classificar de uma determinada maneira, influenciados com as categorias propostas e dentro da linha de pensamento dominante e colonizadora. Ao propor a ideia de desclassificação, ele busca uma outra forma de pensar, trata-se de uma alternativa que introduz uma lógica plural na centralidade da classificação.

García Gutiérrez (2011) aponta para a classificação como um movimento espontâneo “dentro da matriz cognitiva inicial, dotada desde o início de uma vontade de poder, que orienta percepções e pretensões de todos os significados possíveis na direção única das percepções e pretensões da vontade de poder. O autor destaca que o sistema de Organização do Conhecimento está impregnado de ideologias, vieses culturais, crenças e outras mentalidades que contribuem para perpetuar o ideal eurocêntrico na sociedade. Assim como Adler (2017b), ele nos alerta para a importância de questionarmos os sistemas vigentes na tentativa de romper a relação de dominação repressão, deixar de lado a submissão as vontades colonizadoras.

Aqui nessa partida, embora García-Gutiérrez esteja no banco, ele permanece o tempo todo no aquecimento, pois seu estilo de jogo contribui para o olhar decolonial que esse espetáculo busca. Ao propor a ideia de desclassificação o autor lança luz sobre práticas dentro do domínio da Organização do Conhecimento que não condizem com uma iniciativa justa, que tem por base um

olhar universal formal e nada diverso, o foco está em uma metodologia que indica seguir uma ideologia hegemônica, eurocêntrica e discriminatória.

A desclassificação com os seus recursos indiretos não permite apenas uma redescritção alternativa de vozes transcultural, mas também proporciona aos indivíduos e comunidades ferramentas para resistir, apropriar-se e reclassificar-se dentro dela. Porém assim como a proposta decolonial, a desclassificação pede precauções, como diz minha vó, “muito a Leste, é Oeste!” Sendo assim, deve-se notar que eliminação total das oposições, sem as devidas precauções, poderia levar a reduções ou distensões cognitivas: em muitos casos, “pensar sem” não é uma melhoria com relação a “pensar contra.” (Garcia Gutiérrez, 2011).

3.4 OUTRO GANCHO: UM PEQUENO DESVIO, DECOLONIALIDADE COMO ATALHO

Aqui gostaria de uma atenção, peguem seus facões, vamos abrir nossa picada, um desvio se faz necessário. É importante criar dinâmicas e estratégias para desclassificar nossa história, contá-la para que não caia no esquecimento, ou que sofra do princípio da ausência. Para isso, invoco um novo aliado, Jacques Derrida, e suas contribuições sobre o conceito de arquivo.

Pois o arquivo, se esta palavra ou esta figura se estabiliza em alguma significação, não será jamais a memória nem a anamnese em sua experiência espontânea, viva e interior. Bem ao contrário: o arquivo tem lugar em lugar da falta originária e estrutural da chamada memória (Derrida, 2001, p. 22).

Pensem o arquivo como um conjunto de documentos que remeteriam a diversos acontecimentos que ocorreram numa dada ordem social. Esse conjunto de documentos seria objeto de uma consignação que classificaria e ordenaria os signos e os enunciados que estariam ali presentes.

Isto nos leva para a necessidade de uma especificidade nos cuidados, que seria, a figura de um guardião e um intérprete do arquivo, o arconte, basicamente é quem tem o poder legítimo de interpretá-lo, é uma autoridade que através da força que dispõe, indica um lugar e um espaço para o arquivo, nos quais algo da ordem do segredo seria cultuado e preservado.

Derrida e a sua discussão intitulada “mal de arquivo” é o nosso desvio, a nossa picada, pois propõe uma leitura crítica a essa proposta clássica de arquivo

ao abrir uma clareira sobre o apagamento e esquecimento promovido pela pulsão de morte. O “mal de arquivo” é a outra face, necessariamente o Outro, frente e verso de uma mesma superfície de inscrições, onde se realizariam as trocas e as circulações discursivas. (Birman, 2008)

Trilha adentro, o desconhecido surge e há possibilidade de pensar mudanças, nas expectativas por novidade, a promoção do encontro entre decolonialidade e arquivo torna-se muito interessante. A decolonialidade, historicamente, promove uma discussão a partir dos subalternizados dentro da constituição dos saberes. Desta forma, apresenta-se como uma alternativa, e reforça em mim o desejo e a necessidade de considerar dentro da construção dos meus referenciais do campo a possibilidade de trazer à tona autorias invisibilizadas, que buscam promover uma análise histórica e social que rompe a hierarquização do conhecimento.

É possível, pois, a partir dos arquivos, desvelar a ideia de contra-história da luta de raças; ela revela sob o deslumbre da ordem uma divisão do corpo social em que uns são destituídos de glória, de genealogia e de memória não merecem que seus feitos sejam narrados e permaneçam, pois, no silêncio e na obscuridade dos arquivos como vidas infames, ou seja, vidas que só subsistem no mutismo dos documentos que dão testemunho do funcionamento de um recalçamento arquivístico que os condenou ao esquecimento. (Sanches, 2022). O que nos leva a necessidade de pensar em um movimento que a partir da decolonialidade traga à superfície a necessidade de organização e valorização dos saberes tidos como marginais e subalternos, construindo outras classificações, ou desclassificações.

Trata-se de opor saberes descontínuos e desqualificados, inscritos nos porões dos arquivos, contra a instância teórica únicas que tinha como missão filtrá-los, hierarquizá-los, ordená-los, classificá-los em nome de um conhecimento verdadeiro para empoderar uma ciência que seria possuída por um dito cânone.

Um saber se constitui enquanto tal conforme as relações de poderes se conformam em tensões geradoras dos próprios saberes. Assim não é um equívoco associar a discussão proposta para a BCI ao conceito de arquivo, já que em determinados momentos ambos praticam processos epistemológicos que exclui o outro, o diferente, uma vez que há o Ser, há o assassinato, a ferida, o traumatismo, o Ser se resguardam do Outro.

É essa identidade do Um consigo mesmo, no arquivo, que liga a injunção de memória [memorialização] à repetição de si que se refaz toda vez que se afirmar a identidade de um arquivo, repete-se a violência que o institui como tal. É tão somente pela repressão, pelo recalque do outro, da diferença que o Um devém Único. (Sanches, 2022)

Assim já não temos mais uma picada. De certa forma, já podemos dizer que se abriu um clarão. Espera-se a partir desse espaço sermos capazes de enxergar que através de saberes tidos como inferiores e marginais existem elementos capazes de desconstruir uma narrativa do Ser único, universal.

O Universal é uma falácia!

Aluno: “Não, não pode ser assim, isso ainda é uma dissertação”.

Ah, então coloca aí: O filósofo contemporâneo Mbembe diz que não é possível estabelecer um ser universal, pois todo pensamento e conhecimento é regional. Segundo Mbembe (2018), infelizmente, o sistema hegemônico branco é que ainda têm dificuldade na compreensão disso, pois embora tenham seus conhecimentos demarcado em um espaço e tempo, fazem questão de aplicar a sua lógica para todas as outras regiões.

Blecaute

Um *crossover* é o encontro de dois universos cinematográficos ou o encontro de dois grupos inseridos no mesmo universo em um filme ou série. Não sei como se chama o encontro de dois espetáculos, mas farei uso do recurso.

As leis de educação no Brasil surgem 1827. Porém entre 1700 e 1800, os filhos dos oligarcas que queriam estudar, somente eles, poderiam estudar, além de catequese, biologia, física, química; eles estudavam diversas outras disciplinas e eram preparados por professores vindos de Portugal. A ideia era aprender o básico aqui, para depois seguir a formação na Universidade de Coimbra.

Bem depois, já no Estado Republicano, o povo pode começar a estudar, mas havia matérias específicas, ditadas por leis, algumas matérias só poderiam estar conectadas a profissões não regularizadas, ou seja, costureiras, motoristas, pintores, cobradores, encanadores. Essa lei dizia, ainda, que não poderia haver especialização para essa determinada classe. (Nascimento, C. ,2022)

É dureza pensar que não houve nenhuma medida que assegurasse educação, o pouco que teve determinava “o que” e “como” deveríamos aprender.

A constatação desses elementos rasga as dinâmicas brasileiras contemporâneas nas quais os regimes de visibilidade e dizibilidade da racialidade explodem em diferentes contextos, interpelando os domínios de saberes, as epistemologias canônicas e eurocentradas, a literatura, as artes, os saberes e práticas psi, entre outros construídos a partir da ideia de um sujeito branco, masculino, heterossexual e, portanto, centralizados numa noção de subjetividade que se estabelece e opera a partir de modelos universais, insuficientes para perceber e tomar as experiências de negritude. Assim, a noção de sujeito/subjetividade – operador conceitual e clínico –, é produzida e sustentada na/pela violência do pensamento moderno e, conseqüentemente, sustenta-se, também, na subjugação racial. (Lima, 2020, p.83)

As afirmações acima apontam para impossibilidade de pensar a proposta de subjetividade negra de maneira melancólica como nos propôs Fanon, pessoas que possuem sua experiência marcada pela travessia do Atlântico, mesmo quando não se coloca a pensar o que foi ela, ainda sim a sente. É impossível não considerar a força que a colonialidade tem na construção da maquinaria da racialidade.

Ballestrin (2013) e Anibal Quijano (2005) definem que a colonialidade se reproduz em tripla dimensão: poder, saber e ser. Através do monopólio sobre determinados conhecimentos abre possibilidade para a constituição de uma narrativa única, essa por sua vez é usada para justificar atrocidades como colonizar.

O fato de que os europeus ocidentais imaginaram ser a culminação de uma trajetória civilizatória desde um estado de natureza levou-os também a pensar-se como os modernos da humanidade e de sua história, isto é, como o novo e ao mesmo tempo o mais avançado da espécie. Mas já que ao mesmo tempo atribuíam ao restante da espécie o pertencimento a uma categoria, por natureza, inferior e por isso anterior, isto é, o passado no processo da espécie, os europeus imaginaram também serem não apenas os portadores exclusivos de tal modernidade, mas igualmente seus exclusivos criadores e protagonistas. O notável disso não é que os europeus se imaginaram e pensaram a si mesmos e ao restante da espécie desse modo – isso não é um privilégio dos europeus – mas o fato de que foram capazes de difundir e de estabelecer essa perspectiva histórica como hegemônica dentro do novo universo intersubjetivo do padrão mundial do poder (Quijano, 2005, p. 122).

Mais especificamente, o monopólio sobre a tradição e o conhecimento, Santos (2007) nos alerta:

Portanto, excluiu outros saberes e outras formas de interpretar o mundo, desautorizando epistemologias da periferia do ocidente. Tal colonialidade do saber é representada na geopolítica do

conhecimento, a partir da qual a razão, a verdade e a ciência são atributos possíveis nas – e das – metrópoles, cabendo aos territórios (ex) coloniais e seus sujeitos o status de objetos, classificados como populares, leigos, naturais, ignorantes, sem lei (Santos, 2007, p.72).

Tendo noção dessas questões, é possível abriremos várias picadas, e muitas encruzilhadas se apresentam. É no encontro dessas linhas, a partir das ideias e possibilidades que a encruzilhada apresenta, que serão traçadas estratégias de desvio para aplicar a noção de colonialidade do saber e da teoria decolonial dentro do campo da BCI. Estes são encontros que proporcionam olhares que desuniversalizam o conhecimento. Neste jogo, o objetivo é entrar em campo não para defini-lo. Propõe-se uma partida inicial que traz novidades que podem contribuir como ferramental para elaborar perguntas até antes tidas como menos importantes. É sair daqui para nos organizar, pois nos organizando podemos desorganizar, já que classificamos podemos desclassificar.

3.5 O QUE É, O QUE É?

Denota uma relação política e econômica de dominação colonial de um povo ou nação sobre outro; veio para matar, roubar e destruir.

Aluno: COLONIALISMO

Constituição de um padrão de poder, não se restringe às questões formais de exploração ou de dominação colonial, envolve também as diversas formas pelas quais as relações intersubjetivas se articulam a partir de posições de domínio e subalternidade.

O fato é que a chamada civilização europeia, a civilização ocidental, moldada por dois séculos de regime burguês, é incapaz de resolver os dois principais problemas a que sua existência deu origem: o problema do proletariado e o problema colonial; que, referida à barra da razão e à barra da consciência, esta Europa não tem poder para se justificar; e que, cada vez mais, ela se refugia em uma hipocrisia ainda mais odiosa, pois tem cada vez menos chance de enganar. A Europa é indefensável. (Césarie, 2010, p.13)

Aluno: COLONIALIDADE

No nosso jogo de adivinhação duas respostas são possíveis, mas a culpa, responsabilidade, chamem como quiser, recai somente para um lugar. Césarie (2010) não só desvela a Europa como também nos convida a refletir sobre alguns pontos, embora os conceitos se relacionem intimamente, devem ser abordados de

forma distintas. Atentem-se para o fato de que colonialismo e colonialidade são conceitos com propósitos diferentes.

Segundo Aníbal Quijano (2014) e Enrique Dussel (1994), o colonialismo denota uma relação política e econômica de dominação colonial de um povo ou nação sobre outro; já a colonialidade pode-se dizer que é uma prática que sobrevive mesmo quando não há mais uma relação político-econômica entre colonizador e ex-colônia, ou seja, a colonialidade pode existir sem o colonialismo, através de uma imposição que se desdobra nas relações de aprendizagem, no senso comum e na autoimagem dos povos, principalmente pelo domínio e pela violência cultural, que envolve o conjunto de práticas epistemicidas e infraestuturalmente simbólicas.

Assim, o desafio dessa peça-dissertação foi transpor a discussão decolonial para a BCI tendo como importante ponto de análise uma linha histórica temporal e geográfica, uma vez que se trata de um campo de estudo que tem seu passado calcado em valores da Modernidade ocidental, que emergiu no hemisfério norte do planeta e, como tal, fora adequada a contextos específicos constituídos a partir do modelo de formação das ciências sociais europeias, pela via do positivismo. Portanto, estava inserida na cultura moderna ocidental fortemente marcada por um caráter colonialista, o que privilegiou culturas e experiências de grupos e povos do mundo europeu, branco e masculino.



Figura 5 - Série Retratos anônimos, Uberê Guelé, 2019, acrílica em PVA sobre canson 230gr



Fonte: Guelé, 2019. Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/CaAAbhZrly/?igshid=ODhhZWM5NmlwOQ==>
 Acesso em: 20 nov.2023.

Nesse sentido, em BCI apresenta-se um campo científico que vai tomar para si a grandiosa tarefa de auxiliar na organização e disponibilização do conhecimento produzido historicamente de maneira homogênea. É aqui que começam a surgir as questões que do ponto de vista dessa peça, são caras, ou seja, como estabelecer tal ordenação sem que ela corporifique a colonialidade?

Meu verso é livre, ninguém me cancela. Tipo Mandela saindo da cela. Minhas linha voando cheia de cerol. E dá dó das cabeça quando rela nela. Partiu para o baile fugiu da balela. Batemos tambores, eles panela. Roubamos a cena, não tem canivete. As patty derrete que nem muçarela. Quente que nem a chapinha no crespo. Não, crespos estão se armando. Faço questão de botar no meu texto. Que pretas e pretos estão se amando. Quente que nem o conhaque no copo. Sim, pro santo tamo derrubando. Aquele orgulho que já foi roubado. Na bola de meia vai recuperando. Vários homem bomba pela quebrada. Tentando ser certo na linha errada. Vários homem bomba, Bumbum Granada. Se tem permissão, tamo dando sarrada. Se o rap é rua e na rua não tem as andança, porra nenhuma. Fica mais fácil fazer as tattoo e falar sobre cor da erva que fuma. Raiz africana, fiz aliança, ponta de lança Umbabarauma (Rincon Sapiência, 2017).

Umbabarauma Ponta de lança, foi uma homenagem de Jorge Ben a um jogador negro, africano, que ele gostava de ver jogar na Europa nos anos em que

morou na França e Inglaterra. Por que ponta de lança? Jorge Ben explicou que era porque ele jogava com a 10.

Poderia ser dito de maneira simplista que o fato de Jorge Ben ser descendente de Etíopes enseja nesta evocação de uma ancestralidade africana. Entretanto, o mais indicado seria dizer que este indivíduo escolhe reverenciar e valorizar suas heranças africanas. Mesmo dizendo que tem também ancestrais europeus, o artista pouco fala sobre isso. Escolhe, por exemplo, ao morar na Europa e assistir as disputas entre times europeus, homenagear o jogador africano em vez de quaisquer outros jogadores, que certamente em sua maioria eram europeus. Esta evocação é um ponto determinante na elaboração da sua identidade enquanto sujeito negro. (Reis, 2014, p. 6)

As músicas de Jorge Ben são pautadas na sua história e ancestralidade, o que nos faz mais uma vez pegar um desvio. Agora estamos em uma encruzilhada entre passado e futuro. A questão que se apresenta é sobre identidade, e como bem nos ensinou (Hall 1996), as identidades não são uma simples operação de recuperar o passado a fim de garantir uma percepção do grupo acerca de si mesmo, mas sim, as posições que esse indivíduo toma frente a essas narrativas do passado. No caso de Jorge Ben, ele escolheu reverenciar e valorizar a sua ascendência etíope. Essa é uma posição política de afirmar a sua identidade como um sujeito negro orgulhoso de um passado nobre e valoroso.

Na batida do Jorge Ben cruzamos com o pessoal que trará ritmo, crítica, poesia e muitas reflexões para essa peça. Todos trabalham a partir de uma perspectiva de desmistificação dessa ideia moderna de Universal. Dentre os nomes temos, Achille Mbembe, Rosane Borges, Aimé Césaire, Frantz Fanon, Luiz Antônio Simas, Ailton Krenak, Allan da Rosa, Nego Bispo, bell hooks e Sueli Carneiro, dentre outras pessoas que não darei conta de lembrar.

Também que em alguns momentos terei de trazer o hegemônico, por isso, vou até Peter Burke, autor de “Uma história social do conhecimento”, obra clássica muito adotada no Brasil, principalmente em BCI. Nesse livro, Burke traça um panorama do conhecimento e as suas diferentes formas de registro e disseminação retrata que ao longo do curso histórico o conhecimento estava restrito a poucos grupos, principalmente muitos ainda ligados ao clero, que conferiam ao saber um título de ofício.

Para Peter Burke, por sua vez, paradigmas para a História não teriam a função dogmática nem o peso gestáltico que nas ciências naturais, eles seriam melhor identificados como uma prática, “[...] um modelo para a prática “normal” da qual decorre a tradição de pesquisa.” (Burke, 2005, p. 68). Ou seja, seriam modelos do ‘saber fazer’. Daí decorre um problema, os estudos pós-coloniais não constituem nem um aspecto hegemônico no campo das ciências sociais e humanas, nem apresentam um reconhecimento bem estabelecido como forma de ‘ciência normal’, estando eles melhor situados no que Khun chama de ‘ciência de fronteira’ ou ‘excepcional’, em que se busca superar limitações de um antigo paradigma e se propõe novas teorias capazes de atender às demandas do seu tempo por meio de uma mudança de percepção. Não se assume a perspectiva de Khun por completo, mas na apropriação feita por Peter Burke, pode-se observar as práticas propostas e como esses autores em situação ‘de fronteira’ olham para as formas dominantes do ‘saber fazer’ nas humanidades, e colocam outras formas, e percepções gestálticas para atender novas demandas das ciências sociais. (Vasconcelos, 2021)

Desta forma, cabe ressaltar que “Uma história social do conhecimento” retrata o percurso desenvolvido pelo conhecimento nos diferentes momentos sociais e a reorganização do saber, dando ênfase ao conhecimento da elite europeia do início da era moderna. Ao apresentar questões históricas que traçam um panorama da existência de organizações menos formais na troca de informações, o autor cita que com a invenção da imprensa as bibliotecas puderam expandir seus acervos e passaram a ser consideradas como sedes de conhecimento, um lugar para a troca, estudos e debates, porém o retrato das bibliotecas e da construção desse conhecimento está centralizado na Europa, abordando principalmente as grandes contribuições da enciclopédia, criada no século XIV.

Como já dito, essa peça virou uma dissertação para ser um manifesto. Portanto não podia deixar de mencionar o incômodo com a proposição de Burke, pois o recorte temporal adotado por ele juntamente com a visão de que os processos desenvolvidos a partir de um lugar, no caso a Europa, contribuem e muito para o fortalecimento do cenário onde as dinâmicas da colonialidade se efetivam, através da hierarquização, categorização, subjugação e possibilidade de

desumanização de um conjunto de outras/os que não estão inseridas/os na hegemonia branca. Há, nesse sentido, um passado que não está morto e, se morreram algumas de suas dimensões, não foram enterradas devidamente. Um passado-presente e uma dívida alta que estamos chamando aqui de Zumbi, como, por exemplo, Umbabarauma.

Não sou ingênuo, por isso estou escrevendo esse manifesto. Não se trata de uma verdade absoluta. Esta é apenas uma leitura crítica impulsionada principalmente pelos estudos decoloniais. Tenho consciência de que é um erro supor que pelo fato de essa história social do conhecimento ser guiada pelo eurocentrismo, a filosofia e a teoria social europeia em nada teriam contribuído para o desvelamento de realidades históricas não europeias. Porém, há uma questão importante. Ao fazer uma leitura da história do conhecimento tendo como principal referência a Europa, cria-se uma ideia universalista, uma vez que os europeus ajudaram a criar o instrumental teórico pelo qual os demais povos poderiam, tendencialmente, ressignificar a imagem que aqueles faziam de si. Ao propor esse olhar para outros espaços e culturas suscita uma questão importante e que é o foco da decolonialidade, a saber, qual são as epistemologias que possuem espaço em nossa ciência, quem são os pensadores que possuem autoridade epistêmica, e que linha de pensamento privilegiam?

A partir de questionamentos como esses devemos nos pôr a pensar. Tanto eu como vocês temos responsabilidade com a sociedade. É nossa obrigação enquanto atores sociais batalhar por uma diversidade epistemológica, que, como já mencionado anteriormente, não é nova e nem traz respostas, apenas possibilita uma outra forma de olhar para a história da organização e disseminação do conhecimento.

3.6 ABRAM-SE OS CAMINHOS

Dentre essas diversas *epistemes*, podemos destacar o trabalho histórico e de divulgação de narrativas contra-hegemônica como as de Luiz Antônio Simas. Em seus textos e pesquisas o autor corrobora a ideia dos movimentos decoloniais ao dizer que não se trata de uma rivalidade geograficamente limitada entre a produção de conhecimentos a partir do Sul e a produção do Norte global.

Em um dos seus textos apresenta a percepção de Walter Benjamin sobre a necessidade de disputar o passado para acender a chama do presente e pavimentar futuros relacionando-o a um dos orikis mais famosos de Exu, o orixá do movimento – Exu acerta a pedra que lança hoje no pássaro que já voou. Ao propor essa correlação, Simas reforça que a decolonialidade é busca por ampliar. Trata-se de um movimento de vai e vem que não tem um fim.

Por princípio, os orikis – sentenças curtas sobre os orixás – abrem múltiplas possibilidades de interpretação, numa poética aconchegada ao mistério para sugerir ações permanentes de afirmação da vida. Aqui apresenta-se uma perspectiva de uma outra forma de narrar o conhecimento histórico, fazendo uso de um conhecimento ancestral baseado na pedagogia das encruzilhadas. (Rufino, 2019)

Para exuzilhar saberes, para Exu, nada é um dado imutável, e o impossível é uma possibilidade, Exu prende água na peneira, guarda o mundo na quartinha, galopa em galo de rinha, avoa em cobra rasteira. Aqui vale uma ressalva, o uso da pedagogia das encruzilhadas não é por uma defesa dogmática ou religiosa, mas para reforçar nosso compromisso com as inúmeras formas de olhar a construção e organização dos conhecimentos (Silva, 2018).

Isso me faz voltar para mim, ao lembrar do compromisso que assumi diante da sociedade, quando escolhi essa profissão que lida com o cuidar e disponibilizar informações para que os sujeitos tenham acesso a elas, e a partir delas possam construir seus saberes sem ter que desprezar sua subjetividade. Eu sinto a responsabilidade e tenho a consciência de que é o meu papel enquanto um profissional possibilitar e garantir acesso a diversidade epistêmica que garanta os processos socioculturais relacionados à produção, à circulação e à apropriação da informação, ou seja, tanto para produção de conhecimento quanto para a sua organização, como profissional tenho um compromisso histórico.

Comprometer-se com a história pressupõe que o fazer histórico não pode ser desvinculado da dimensão pedagógica do ensinar. Aqui cabe trazer ao debate outro importante nome que influenciou o desenvolvimento dos estudos decoloniais, Eduard Said. Uma de suas grandes contribuições está ligada justamente à valorização da preservação de um fato cultural e histórico. Para Said (1983), quanto

maior a distância temporal e cultural entre o seu ponto de origem e os de sua dispersão, maior será a diminuição do tom de suas cores e a perda de sua força.

Nesse ponto a teórica, bell hooks junta-se a Said. Segundo hooks (2013), existe uma manutenção das estruturas hierárquicas legitimando as opressões das minorias étnicas. Como ela está alojada no tecido social, acabam por atravessar o espaço educacional. Para hooks (2013, p. 28),

a pedagogia engajada é mais exigente que a pedagogia crítica ou feminista convencional, pois ao contrário das duas, ela dá ênfase ao bem-estar, contribuindo para produzir novas formas de resistência.

Said (1983) vai reforçar, portanto, que os encarregados por levar certas teorias, ou ideias adiante devem manter o compromisso de as fazerem circular por lugares e épocas diferentes daquelas de onde emergiram com a versão original.

Esse compromisso de uma circularidade, depende, porém, de condições bastante específicas (internas e externas à própria teoria). Uma vez se dobrando ao conhecimento tido como universal, o responsável por propagar essas teorias as conduziria ao que Said chamou de domesticação teórica, ou seja, perda ou diminuição de suas forças de mobilização e transgressão que a levaria de revolucionária à normalizada. Isso se dá porque, rotinizada e institucionalizada através de seus usos e abusos por indivíduos e organizações sustentadores das hierarquias e do *status quo*, uma teoria, antes potencialmente rebelde, tende a se tornar “redução dogmática” de sua versão original, convertendo-se unicamente em fundamento teórico de algum campo científico. (Said, 1983).

hooks, Said e Rufino me fazem lembrar de uma metáfora muito bonita dita por Simas, ao cruzar o “Anjo da História” de Benjamin com a “Pedra de Exu” do Oriki dos Orixás, palavra da língua iorubá que tem vários significados. Um desses pode-se traduzir como literatura. Essa encruzilhada, portanto, pede atenção, pois nos alerta que os inimigos, afinal, combatem também a memória dos nossos mortos para impedir que nas espirais do tempo eles animem novas vidas. A vitória dos inimigos não se estabelece apenas sobre os vivos, mas também sobre os mortos de incontáveis gerações.

Portanto, o que esses pensadores nos ensina é a possibilidade e abertura de novos caminhos, a nós, principalmente o profissional da informação, fica o compromisso de lançar a pedra de Exu, ou escovar a História a contrapelo, ou seja,

Figura 6 - Vinicius Jr, Rei



Fonte: Artista senegambia81.
Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/Csi178luR2/?igshid=NGEwZGU0MjU5Mw%3D%3D> . Acesso em 20 nov. 2023

a luta contra colonial, decolonial e antiepistemicida requer a atitude de voltar ao passado para recuperar as lutas populares e seus personagens – aniquilados pelo peso do horror dominante – e redimensioná-las como centelhas de esperança capazes de estimular nossas lutas e compromissos.

Podemos cruzar o que Benjamin chama de “Anjo da História” com a “Pedra de Exu”. Em um tempo “saturado de agoras”, conforme diz François Hartog, parece que perdemos a dimensão do compromisso com as lutas do passado. À maioria, elas causam apenas certo alheamento, algum enfado e, na melhor das hipóteses, curiosidade. O pássaro do passado só pode ser alcançado com a pedra que lançamos hoje; seu voo é incessante. Exu não vai ao ontem porque

sabe que (nas espirais do tempo) é no presente que a pedra é lançada em busca do pássaro que, em seu voo incerto, pousará no futuro (Simas, 2021).

3.7 A PEDRA DE EXU

Por que Exu, e por que agora? Porque queremos ir de encontro ao que disse Karoline Miranda (2021):

Não quero dizer aqui que Exu não deva ser estudado (porque deve!!!). Mas para falar do Cara, é necessário pedir licença. Se deve beber da mesma água e cachaça que Exu bebe, ouvir o que ele ouve, comer do mesmo padê. Não é Exu quem deve se encaixar na ABNT. É você quem deve mudar o dicionário do seu Word para o iorubá. (Miranda, 2021).

A figura de Exu aqui tem o respeito que merece, sabemos da sua sutileza e astúcia, e o trouxemos para essa partida porque tem fome, pela sua capacidade de estimular discussões e até mesmo por preparar armadilhas. Como diz Nei Lopes no documentário Amarelo de Emicida (Preto, 2020) "É o orixá que abre caminho

para o acontecimento. Na mitologia, quando joga a pedra por trás do ombro e mata o pássaro no dia anterior, Exu reinventa o passado."

Tendo como ponto de partida a pedra de Exu, que senhor dos movimentos, do dinamismo, o princípio organizador e o poder comunicador, pois é responsável pela comunicação entre as divindades e os seres humanos, assim como das divindades entre si vamos buscar a história da formação dos estudos pós-coloniais para chegar na BCI Zumbi.

Na década de 1970, formava-se no sul asiático o Grupo de Estudos Subalternos, cujo principal projeto era analisar criticamente a historiografia da Índia feita por ocidentais europeus e a historiografia eurocêntrica produzida por indianos. Dentro dos Estudos Subalternos, o historiador indiano Ranajit Guha, apresentou uma definição para o que entendiam como subalterno, que basicamente é qualquer subordinada/o em termos de classe, casta, idade, sexo, profissão ou qualquer outro modo. Com essa visão ele afirmava que todos os aspectos da vida subalterna - históricos, sociais, culturais, políticos ou econômicos - são relevantes para o esforço de recuperar suas contribuições para a história da Índia.

O contexto indiano também acontecia em outros países que estavam vivenciando os períodos pós-coloniais. Surgem muitas discussões sobre como seria o desenvolvimento das colônias após a "libertação" e é dentro desse contexto que surgem os chamados Estudos Pós-coloniais, que em linha gerais passam a se debruçar sobre questões sociais das antigas colônias e sua relação com o colonialismo.

A partir desses movimentos insurgentes desdobra-se nos países que compõem o bloco chamado de Latino-Americano um manifesto que apontava para a necessidade de uma releitura das narrativas nacionais, capaz de detectar a ausência de representações da ação e de narrativas das comunidades subalternas, destacadamente ameríndias e de matriz africana.

Isso resultou em um grupo de autores que produziram obras que se destacaram por proporem um desenvolvimento epistêmico que intercede pelo colonizado. Esse manifesto parte de uma organização entre intelectuais que se intitulou Grupo Latino de Estudos Subalternos (GLES). Com o grupo constituído, passam a apontar que as teses de Ranajit Guha, Gayatri Spivak, Homi Bhabha e

de outras autorias indianas não deveriam ser simplesmente assumidas e traduzidas para uma análise do caso latino-americano.

Em 1998, em coro com demais autoras e autores do GLES, Walter Dignolo divulga a insatisfação do grupo com as teorias pós-coloniais, pois as teorias pós-coloniais têm como *locus* de enunciação nas heranças coloniais do império britânico. Portanto, era preciso buscar uma categorização crítica que tivesse como *locus* a América Latina e a partir das particularidades do processo colonial desenvolvido ali. Dignolo vai se tornar um nome importante para essa crítica, para ele havia um “imperialismo” dos estudos culturais, pós-coloniais e subalternos que não possibilitaram uma real ruptura com as autorias eurocêntricas. (Dignolo, 1998)

Com essas discussões ganhando cada vez mais força, intelectuais signatários do manifesto inaugural do GLES reforçam em seus discursos que as mudanças nas sociedades latino-americanas no início dos anos a democratização generalizada, o recrudescimento dos projetos revolucionários, a crescente influência da mídia de massa e da nova ordem econômica internacional - exigiam uma nova conceituação do lugar da subalternidade nestas sociedades multiétnicas e culturalmente diversas, e assim, passam a repensar a própria existência do GLES.

Nas discussões para repensar o GLES, algumas questões possibilitam o surgimento do Grupo Modernidade/Colonialidade (GM/C), que foi paulatinamente estruturado, sobretudo a partir de seminários e publicações, agregando ao longo dos anos nomes como Edgardo Lander, Arturo Escobar, Walter Dignolo, Enrique Dussel, Aníbal Quijano, Fernando Coronil, Zulma Palermo, Catherine Walsh, Nelson Maldonado-Torres, Boaventura de Sousa Santos, dentre outros. Segundo Arturo Escobar (2003), o Grupo Modernidade/Colonialidade tem como principal força orientadora uma reflexão continuada sobre a realidade cultural e política latino-americana, incluindo o conhecimento subalternizado dos grupos locais. Para o autor, trata-se de um movimento teórico-metodológico que acabou dando origem à escola de pensamento latino-americana denominada de Estudos Decoloniais, que alguns autores também chamam de Giro Decolonial. (Ballestrin, 2013)

É importante destacar que as mudanças e ideias que possibilitaram o movimento não foram repentinas, ou mesmo que descartou a construção epistemológica dos estudos. Pelo contrário, beberam dessas epistemes a ponto de

muitas obras se tornarem marcos fundamentais para teorias de estudos decoloniais. Alguns exemplos disso podem ser vistos dentro do campo da BCI.

A pesquisa da intelectual Leyde Klebia R. Silva (2020) desenvolvida a partir da vida de três pesquisadoras negras que atuam e/ou atuaram na pesquisa, ensino e extensão em Biblioteconomia e Ciência da Informação: Mirian de Albuquerque Aquino, Maria Aparecida Moura e Joselina da Silva, é uma visita ao passado em uma proposta de desenhar narrativas e possibilidades futuras para os novos estudantes que chegam na graduação e desejam se ver representados também na bibliografia do curso. A partir de uma metodologia que usa a simbologia das tranças em diálogo com a ideia de redes ela reforça o orgulho de ser negra e negro. Também a pesquisa da intelectual Franciéle Carneiro Garcês da Silva (2019) que promove um estudo para entender a inserção das culturas africana e afro-brasileira na formação do bibliotecário e o que os docentes manifestam ou percebem das culturas africanas e afro-brasileiras na formação dos bibliotecários. Cabe ressaltar que nessa pesquisa Garcês enfrentou o desafio de ter que fazer um trabalho onde todas as informações, o conhecimento, a sabedoria, os gestos, as relações e os valores do homem africano foram sistematizados no discurso eurocêntrico, onde a historiografia brasileira tem por tradição invisibilizar e apagar as culturas africanas e afrodescendentes em diversas áreas do conhecimento e permitir que as perspectivas eurocentradas se tornassem a “norma” e o “padrão” a serem seguidos.

O contato com o racismo na sociedade foi algo que acompanhei não só durante minha trajetória como mulher negra, mas enquanto estudante universitária em uma universidade pública brasileira me mostraram como as facetas do racismo são escondidas por baixo de uma falsa democracia racial, que forja as relações sociais entre brancos e negros e trata por “brincadeiras” violências e preconceitos cometidos por brancos contra negros. Neste sentido, as discussões e o conhecimento sobre os grupos étnico-raciais, suas sociabilidades e obstáculos são deixados de lado, visto que não se percebe (ou se finge não perceber) como as desigualdades entre brancos e negros estão presentes e que há a existência de uma estrutura que mantém os privilégios de uns e retira os direitos de outros dentro da sociedade brasileira. A formação profissional, não somente em Biblioteconomia como em outras áreas, encontra-se estruturada no conservadorismo, nos falsos mitos democráticos, na ausência de justiça social e na hipocrisia. Dessa forma, temos como pressuposto principal que os cursos de graduação em Biblioteconomia não oferecem formação sobre as culturas africana ou afro-brasileira. (Silva, 2019, p.26)

Por esse motivo, que para mim foi maravilha nosso encontro, pois, ao encontrá-las foi um alívio, não estava em um monólogo, era possível estabelecer diálogo. Tinha sim pares, e eles já estavam denunciando o que eu estou falando agora, a problemática dos “saberes localizados” como uma ciência que se posiciona, ou melhor que assume que se posiciona. Nessa conversa dizíamos é preciso uma “Ressignificação” dos conceitos de apropriação e democratização em ciência da informação. Levantamos a questão suleadora para esse espetáculo: Qual conhecimento é reconhecido legitimador no campo de Biblioteconomia e CI? E qual conhecimento não o é?

E a pedra de hoje encontra o passado, chegamos em Sueli Carneiro (2005), ela já dizia, é partir da legitimidade da fala consagrada academicamente, que vozes se apresentam e são convocadas para opinar no espaço público e, ao fazê-las, tornam-se também sujeitos(as) políticos(as) no campo de disputa, no qual o tema/campo está imerso, portanto, é preciso que esse campo de legitimidade se abra para outros corpos, o jogo mudou!

Quem diz isso não somos nós, o próprio campo da BCI já entendeu e anseia por isso, no escopo da epistemologia social, traduzindo, entendendo o que é este “social” no campo da CI, vamos usar de uma atleta que estava no banco, mas que tem autoridade nesse espaço do jogo, Solange Mostafa (1985), ela vai defender que biblioteca não deveria refletir puramente o elitismo das ciências, mas promover a socialização do saber, a partir da relação sujeito objeto dentro da Biblioteconomia, e o seu uso social em prol da humanidade. Dessa forma, por mais que alguns insistam, não dá para seguir ganhando, nós já viramos o jogo e até os atletas do time “adversário” já reconheceram que é melhor seguir o jogo contribuindo para que a partida vire um espetáculo nosso.

Ela entende que o papel político da Ciência da Informação está em ultrapassar a mecânica da transmissão de conhecimentos, chegar ao conhecimento em si, e isso exige mais do que análises de fluxos, e relações de difusão e criação. É preciso romper as fronteiras que nos impedem que estudar como esses conhecimentos são produzidos, quem determina o que conhecimento, ou como a questão para categoria se propõe: Quem pode ensinar conhecimentos nos campos da Biblioteconomia e CI? (quem está autorizado(a) a socializar esses saberes/conhecimentos). (Silva, 2020, p. 166).

É voando no papel político intrínseco à BCI que Franciele Garcês mostrou que temos fome, mas que não precisamos pedir, que na verdade o campo é que anseia pelos nossos preparos e alimentos, os desvios e dribles que nossos corpos que fogem do cânone podem apresentar. Sabendo disso estamos indo para as partidas com um time escalado por intelectuais dribladores que publicam suas teorias desviantes, o Selo Nyota, por exemplo, é uma proposta que alimenta o campo da BCI ao disseminar e visibilizar conhecimentos e pesquisas produzidas por mulheres, negros/as, indígenas e população LGBTQIAP+ que possuem como interesse principal divulgar suas pesquisas, descobertas científicas e experiências profissionais para as nossa áreas de pesquisa e comunidade em geral.

Fazendo conexão entre passado e futuro a pedra de Exu é a única capaz de nos fazer visitar nomes e livros como: “Retrato do colonizado precedido pelo colonizador”, de 1947 do autor Albert Memmi; o “Discurso sobre o colonialismo”, de 1950 de Aimé Césaire; o livro “Os Condenados da Terra”, de 1961, autoria de Frantz Fanon e, por fim, pode-se acrescentar o “Orientalismo”, de 1978, de Eduard Said, e nesse jogo fazer uma tabelinha capaz de sair um gol que tire um grito entalado em nossas gargantas a séculos. Passado, futuro e presente se influenciam para uma transformação de maneira lenta e não intencionada na própria base epistemológica das ciências sociais, contribuíram e ainda contribuem com muitos grupos, dentre eles o próprio Grupo Modernidade/Colonialidade constituído no final dos anos 1990, que atualmente leva o nome de Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade (MCD).

Ao lançarmos essa pedra, enquanto seu movimento visita o passado, no presente encontramos questões que me fizeram escrever essa peça-dissertação. Mas, como disse Fanon, porque escrevê-la, porque compartilhá-la se ninguém pediu, mas decidi fazer mesmo assim, porque acredito no movimento da pedra, pois, uma vez lançada hoje, acerta o ontem e reverbera no amanhã.

Se olharmos para o que foi apresentado pelas alianças escolhidas para estar comigo nesse espetáculo, é possível entender que todo o contexto de instituição da subalternidade e da colonialidade se dá a partir da busca pelo desenvolvimento de um sistema econômico do estado moderno. Os empreendimentos coloniais foram a força motriz para que um novo sistema econômico surgisse e se

fortalecesse, usando como arma o campo da educação, ou melhor a ausência de acesso a ela.

Dentro do sistema educacional destaca-se o empreendimento da constituição de um conhecimento que cria a ideia de raça, que por meio da escravidão do Atlântico negro inaugura o processo dos chamados corpos moedas, através de uma hierarquização de corpos, modos de trabalho e do sexo, possibilitou o desenvolvimento do que conhecemos hoje como modelo econômico capitalista (Mbembe, 2018).

E não é tudo, produto de um maquinário social e técnico indissociável do capitalismo, de sua emergência e globalização, esse termo foi inventado para significar exclusão, embrutecimento e degradação, ou seja, um limite sempre conjurado e abominado. Humilhado e profundamente desonrado, o negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa e o espírito em mercadoria — a cripta viva do capital. Porém — e esta é sua patente dualidade —, numa reviravolta espetacular, tornou-se o símbolo de um desejo consciente de vida, força pujante, flutuante e plástica, plenamente engajada no ato de criação e até mesmo no ato de viver em vários tempos e várias histórias simultaneamente. (Mbembe, 2018, p. 21)

É importante destacar a história do desenvolvimento do capitalismo dentro do Estado Moderno, porque esse sistema econômico fará forte uso da colonialidade do saber para se fortalecer. O capitalismo é um dos fortes incorporadores e incentivadores, reconstrutores e disseminadores da ideia de existência de um ser universal. Para o sistema é importante que exista o universal, pois uma vez instituído o ser hegemônico fica fácil identificar o Outro, o que pode e deve ser explorado, pois seus conhecimentos primitivos, sua falta de civilização e cultura atrapalha o desenvolvimento de todos.

É possível identificar como o sistema capitalista é um elemento importante a ser estudado dentro da proposta dos estudos decoloniais, é importante destacar que a travessia do Atlântico, o empreendimento da escravidão através da raça é um feito do Norte Global, o mesmo norte que na Revolução Francesa determinou quem eram os corpos passíveis à fraternidade, igualdade e liberdade. Em outras palavras, após séculos ganhando e enriquecendo com a constituição do Outro, esse mesmo Norte Global foi quem promoveu uma revolução na história do conhecimento e que novamente viria a determinar o novo modelo de conhecimento universal. Há uma enorme contradição nisso tudo, pois só depois de estar

fortalecido com a exploração do Sul global (Santos; Meneses, 2010) é que foram pensar em mudanças - ainda assim, mudanças que excluía os diferentes demais para serem universais, os terrivelmente outros.

Neste sentido é que a decolonialidade ganha importância, principalmente quando começa a ser fundamentada por pessoas que estão dentro da forma padrão do que é ser Outro. Esse é, por exemplo, o caso de uma das intelectuais que nos ajuda a olhar para a colonialidade e pensar em uma estratégia decolonial. bell hooks, quando em seus escritos aborda as questões ligadas ao olhar, como nos aponta Rosane Borges no prefácio do livro “Olhares negros: raça e representação”, da própria bell hooks, afirma que:

Num mundo em que o olhar se tornou o neovalor do capital, como pensar as políticas da imagem, as relações de poder em torno dos regimes de visibilidade? Qual a potência de Olhares negros para promover deslocamentos nos sistemas de representação numa sociedade profundamente centrada na visão, na imagem e na tela? É de dentro do edifício moderno que bell hooks aponta as bases carcomidas deste, convidando-nos a desertar dele. Mas o convite não é feito sem consequências: ao apontar o caráter traumático da experiência colonial, realçando o laço indissolúvel entre dominação e representação, ela nos oferece outro lugar, o lugar dos gestos de desobediência, da atitude revolucionária, para laborarmos em prol da emergência de outras ordens de representação que supõem a adoção de outros olhares. Essa atitude revolucionária a que ela se refere tem, megalomania à parte, o estatuto da revolução copernicana, uma vez que bell hooks não apenas reivindica uma transformação nos modos de ver, mas questiona que olhar é esse que vê. Ao fazê-lo, nos põe em uma das veias por onde pulsa o projeto moderno: ao sujeito racional, senhor de si que pensa pela sua própria consciência, corresponde um sujeito que organiza a cena do mundo, que se institui como onividente universal. (Borges, 2019)

A escolha por hooks não foi por acaso. Ela nos alerta o tempo todo para a importância da desobediência, da transgressão dentro do campo educacional, principalmente nas questões que abordam a construção de imaginários e narrativas. Desta forma, hooks torna-se bibliografia fundamental, porque delinea um caminho que nos faz pensar, o devir decolonial em BCI em torno da questão de alteridade, subjetividade dentro do processo formativo. É necessário entender o que foi preciso negar, qual o Outro foi preciso criar, para que enfim pudesse ser.

Então, se seguimos na trilha de hooks, temos uma questão lançado as formas de ensino do campo, para uma BCI decolonial, faz-se necessário a adoção

de uma educação transgressora, é preciso uma revisão curricular que se desenforma (sai do padrão), e entende o quanto abordar as questões de raça gênero e classe é extremamente importante.

Quando se fala em educação, logo, pensa-se em lugar de constituição de sentidos, um espaço que possibilita acesso a determinado tipo de informação que não se recebe no cotidiano. A educação formal é um dispositivo de propostas simbólicas que promovem o pensar a partir das informações que se recebe, podendo elaborar o entendimento, isso nada mais é que um processo de mediação para a produção de conhecimento. Sabendo disso, é de extrema importância contestar algumas formas de mediação de conhecimento que foram constituídas, afinal, em uma sociedade que tem seus valores baseados em uma moral classificada como, de e por homens europeus, brancos, cristãos, héteros e cis, todos os corpos que fogem dessa regra tendem a ter suas histórias subjugadas e desvalorizadas. Isso é o que já denunciemos aqui como colonialidade.

Retomando hooks (2019), embora esteja situando a discussão no campo da construção de imagem, não necessariamente versa sobre a questão do olhar limitando-a ao ato de enxergar. Pelo contrário, ela nos coloca a pensar a questão do olhar também dentro do campo da construção do conhecimento, pode-se dizer da educação, ou melhor, do ensino, portanto, seu trabalho nos alerta para os perigos que um único campo de visão ou forma de ensino podem trazer, ou seja, está propondo que se olhe sempre para os espaços de reprodução e construção do conhecimento como uma encruzilhada.

Essa forma de pensar tem um forte aliado na contemporaneidade, o filósofo Achille Mbembe. Em suas discussões Mbembe também traz a necessidade de cisão com a ideia de um único olhar, do ser universal. Aqui para explicitar qual conceito de universal estamos abordando recorro ao filósofo Douglas Barros, em sua obra “Lugar de negro, lugar de branco? Esboço para uma crítica à metafísica racial”, o autor apresenta a discussão sobre a construção de raça e o universal que nos é cara.

Ao abordar, por exemplo, a dialética do iluminismo, Barros (2019) nos coloca para refletir sobre a tentativa inédita na história humana de uma construção de um universal, de certa forma é algo como - que todas as diferenças se tornem indiferentes – quer dizer, sejam pactuadas, mas sejam indiferentes ao processo de reconhecimento do outro.

No entanto, este universal está lotado de contradições e até mesmo de uma espécie de cegueira, tendo em vista que se construiu um novo mundo, com um grande desenvolvimento econômico, que foi atrelado também ao desenvolvimento de um pensamento radical na história da Filosofia, que é a emergência, a construção, da Filosofia francesa como uma Filosofia do político, que está surgindo. Ao mesmo tempo, há um desenvolvimento fundamental na economia da Inglaterra, então você tem a construção mesmo de uma ideia de universal (Marin, 2019).

Barros (2019), ao abordar a construção desse universal alerta a importância de nos atentarmos em que circunstâncias ele está surgindo, ou seja, esse universal começa a ser criado no seio de uma economia burguesa, que é o embrião para o desenvolvimento do capitalismo. Feita essa demarcação, Barros, em seu livro, tece uma linha de pensamento que busca dialogar com dois grandes nomes críticos a esse sistema que irá surgir a partir desse universal. Ele nos apresenta um diálogo entre Fanon e Mbembe, mostrando que ambos abordam que a grande questão em torno da ideia desse universal é a autoficção de identidade europeia, uma autocontemplação de si mesmo, criando assim em contrapartida o Outro, ou como nos diz Sueli Carneiro, a construção do Outro como não-ser como fundamento do ser, o negro, a raça.

Barros faz uma tabelinha com Mbembe para nos alertar que o negro é definido pelo branco em dicotomias representacionais nas quais sinteticamente o branco é símbolo do harmônico e o preto do caos. Assim, produzir o negro é produzir um vínculo social de submissão e exploração. Na perspectiva fanoniana, o significante de raça se constrói dentro de uma patologia da identidade para o controle dos corpos excedentes em pensar, a raça é isso.

Mas mano, sem identidade somos objeto da História
Que endeusa "herói" e forja, esconde os retos na história
Apropriação a eras, desses 'tá na repleto na história
Mas nem por isso que eu defeco na escória. Pensa que eu num vi?
Eu senti a herança de Sundi. Ata, não morro incomum e pra variar,
herdeiro de Zumbi. Segura o boom, fi. É um e dois e três e quatro,
não importa. Já que querem eu cego eu 'to pra ver um daqui
sucumbir (não) (Emicida, 2015)

A raça é um significante construído a partir da colonização, a partir da descoberta dos novos mundos e a partir da tentativa de colonizar esses novos mundos, ou seja, a construção de raça é um dispositivo de controle para

antagonizar a harmonia entre as diferenças a serviço do capital. Quem melhor compreendeu isso foram os revolucionários haitianos, os Jacobinos negros, eles apostaram radicalmente na ideia do universal quando não era possível entender que essa ideia de universal na verdade era um dispositivo de estruturação do modo metabólico do capital.

Barros traz isso à tona em seu trabalho embasando-se em Fanon e Mbembe para criar um horizonte emancipatório que é também um horizonte universal, mas não universal formal, abstrato e vazio – não o universal do capitalismo, mas o universal concreto, para Barros, os Jacobinos Negros, Fanon e agora Mbembe é quem mais conseguiram se aproximar do universal concreto. São eles a pedra que unem passado, presente e vislumbra futuro.

Mbembe (2018) vai dizer que não é possível estabelecer um ser universal concreto por conta da reformulação do universal formal, baseado nos ensinamentos do seu antecessor, o hoje repaginado e nomeado de neoliberalismo fundamenta o neocolonialismo. O autor nos alerta que todo pensamento e conhecimento é regional, e, embora, possam e devam ser compartilhados, infelizmente, o sistema hegemônico branco tem dificuldade na compreensão disso, pois mesmo tendo seus conhecimentos demarcados em um espaço e tempo, fazem questão de aplicar a sua lógica para universal todas as outras regiões que se relaciona.

Dentro dos estudos decoloniais essa estratégia de controle de informações é o que ajuda a colonialidade a se estabelecer, na atual conjuntura a informação é poder. Portanto o controle do substrato do conhecimento torna-se um importante instrumento de exploração, o que nos leva a uma sociedade baseada na ideia de universal dos tempos coloniais.

Desta forma, torna-se necessário buscar alternativas, a decolonialidade surge com esse propósito, porém para o desenvolvimento de um pensamento decolonial é preciso entender essa diferença que nos apresenta Barros (2019), o universal formal difere do universal concreto, o universal formal se vale das características apresentadas na colonialidade que apresenta um elemento material de exploração, mas também uma formatação ideacional e identitário. E aqui podemos recorrer a Haider (2019) para melhor entender como a colonialidade usou do discurso identitário para fortalecer o universal formal.

O sistema capitalista é ardiloso e tem um poder de cooptação enorme. Em determinado momento ele entende que pode usar reivindicações identitárias para distanciar causas legítimas dos movimentos de massa, momento esse em que os ideais neoliberais e individualistas passam a dar significado para esse vazio. Um exemplo disso é a busca de justiça por vias individuais pelas reivindicações de cada pessoa a partir das instituições democráticas, alijando-se da possibilidade de mudanças estruturais ao satisfazer-se com a inclusão no sistema capitalista e os valores burgueses.

Para Haider (2019), quando esta identidade não se baseia no pertencimento a uma coletividade e em um movimento de massa contra uma estrutura social opressiva, ela acaba reforçando as normas que critica. É aqui que Haider se aproxima de Barros, ao abordar a ideologia racial, Haider aponta que o significado da categoria “raça” como algo ao mesmo tempo óbvio e indeterminado é, nos termos de Althusser, um sinal de que estamos no campo ideológico, por exemplo, o que hoje é entendido como uma “raça branca” foi um processo de aglutinação do que antes eram várias raças europeias para apoiar a inferiorização dos povos africanos.

Em mais uma jogada de um dois, agora entre Haider e Barros, apresenta-se uma questão, não é sobrepor uma identidade, uma classe, uma chamada raça sobre a outra, mas justamente criar uma situação em que tudo isso simplesmente não faça sentido. Porque, só têm sentido como justificção de uma forma de organização social e econômica, ou seja, o dispositivo racial ainda não foi superado porque é essencial para a existência do capitalismo. Dado que vivemos em uma sociedade globalizada, o problema não é mais o universal, mas, sim, a cooptação pelo capitalismo de pautas da identidade para criar dispositivos de disputas, para os universais formais que sempre dominaram o sistema, torna-se, portanto, importante insistir na desigualdade para que se mantenham como norma fazendo com quem esteja fora dela busque sempre ser incluída nela.

3.8 SEMEANDO O EPISTEMICÍDIO

Agora que já sabemos de qual universal estamos falando, e quem tem interesse nele gostaria de apresentar a vocês os métodos que essa universalidade usa para se fortalecer e construir o Outro. Não sou capaz de fazer isso sozinho,

mas ainda bem que não ando só, e mais, estou sempre bem acompanhado. A aliada da vez é nada mais nada menos que Sueli Carneiro (2005), que por sua vez bebe na fonte do pensamento de Boaventura Sousa Santos (1995). Ambos entendem o epistemicídio como um elemento que se baseia na negação da legitimidade das formas de conhecimento produzidos pelos chamados subalternos, e é a partir da ideia de epistemicídio que quero construir um pensamento de como se dá a exploração do Outro.

Jogando junto com Sueli Carneiro consigo enxergar a importância de pensar o conhecimento a partir de seu espaço regional, ou seja, ela ajuda a pensar a colonialidade e decolonialidade no Brasil.

Assim, contrato racial, biopoder e epistemicídio, por exemplo, são conceitos que se prestam como contribuição ao entendimento da perversidade do racismo. São marcos conceituais que balizaram a tese de doutorado que defendemos junto à USP em agosto passado sob o título “A construção do outro” como não-ser como fundamento do ser. Nela procuramos demonstrar a existência no Brasil de um contrato racial que sela um acordo de exclusão e/ou subalternização dos negros, no qual o epistemicídio cumpre função estratégica em conexão com a tecnologia do biopoder. (Carneiro, 2014)

Vale destacar que, como estamos trabalhando à luz das teorias decoloniais, o epistemicídio torna-se um dos aparatos da colonialidade, com destaque para a colonialidade do saber.

O genocídio que pontuou tantas vezes a expansão europeia foi também um epistemicídio: eliminaram-se povos estranhos porque tinham formas de conhecimento estranho e eliminaram-se formas de conhecimento estranho porque eram sustentadas por práticas sociais e povos estranhos. Mas o epistemicídio foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam ameaçar a expansão capitalista ou, durante boa parte do nosso século, a expansão comunista (neste domínio tão moderno quanto a capitalista); e também porque ocorreu tanto no espaço periférico, extra europeu e extra-norte-americano do sistema mundial, como no espaço central europeu e norte-americano, contra os trabalhadores, os índios, os negros, as mulheres e as minorias em geral (étnicas, religiosas, sexuais). (Santos, 1995, p. 328).

Santos define o epistemicídio, porém escolheu-se uma abordagem baseada nos escritos de Sueli Carneiro (2005), porque ela traz um olhar complementar, ela nos diz que a prática não consiste somente na morte de determinados saberes. O

epistemicídio possibilita a criação de um sistema que produz e reproduz de maneira insistente a indigência cultural. Ao dizer isso, ela toca em um ponto caro para nós, pois Carneiro (2005) nos coloca a olhar para o sistema educacional e sua relação com a racialidade. Através disso é possível desdobrar quais os impactos dessa relação para a organização e distribuição da história do conhecimento, suas classificações, suas formas de exterminar os saberes na diversidade dos universais.

Sendo, pois um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais, o epistemicídio nas suas vinculações com a racialidade realiza, sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferiores constitui, uma tecnologia que integra o dispositivo de racialidade/ biopoder, e que tem por característica específica compartilhar características tanto do dispositivo quando do biopoder, a saber, disciplinar/ normatizar e matar ou anular (Carneiro, 2005, p. 97).

Baseado no argumento da negação ao direito à educação por parte dos subalternizados, que Carneiro vai nos dizer, é pelo estabelecimento das ideias e discursos fundadores acerca da educabilidade dos afrodescendentes que se articulará o epistemicídio ao dispositivo de racialidade.

Ou ainda recorrer à ministra Marina Silva em sua entrevista ao programa Mano a Mano, (Brown, 2023, minuto 23), quando em um momento da entrevista ilustra muito bem o que é esse epistemicídio, e como se dá por meio da ausência dos estudos. Ao evocar o cordel do embate entre Inácio da Catingueira e Romano da Mãe D'Água. Inácio um cantador analfabeto, já Romano um homem estudado “fala língua de gente besta”, que lança uma série de provocações tomando como ponto de partida a cor da pele de seu oponente, e em um determinado momento mesmo assim percebendo que vai perder a peleja, muda o tema e vai para astronomia, um tema que sabe que Inácio não domina. Então Inácio responde “se desse o nó em martelo vinha o preto desatá-lo, mas como deu em ciência cante só que eu me calo”.

Ao terminar a cantoria, o sertão todo perde junto com Inácio, e ele perde por quê? Por ser analfabeto, então ela descobre que não se trata de uma língua de gente besta, mas, sim, de um domínio de códigos que é capaz de subjugar outras pessoas, a tal língua de gente besta é a língua de quem foi alfabetizada, mas que por isso não tem direito de desqualificar quem não foi, pois, a linguagem de Inácio

é tão erudita quanto a de Romano. Trata-se de outras linguagens, outros saberes, outras classificações, outros universais.

Eles vão fazer de tudo para que você reaja. Se você responder a um palavrão com outro palavrão. Eles só vão ouvir o seu. Ouse responder a um soco com outro. Eles vão dizer ó lá, o neguinho perdeu a cabeça. Eu disse que ele não servia para isso. O inimigo e seus lacaios vem com tudo, joga sujo. E você não pode simplesmente reagir com a mesma baixeza. A gente ganha mostrando em campo, correndo, marcando. Nosso povo precisa de gol, de virar o jogo, não de polêmica. E alcançamos a vitória fazendo isso em campo, não batendo boca fora dele. Ganhamos se o mundo se convencer de duas coisas. Que você é um bom cavalheiro e é um ótimo jogador. Zica vai lá! (Emicida, 2018)

Partindo desse lugar retornamos a pensadora bell hooks (1995), que nos mostra que o dispositivo da racialidade aliado ao discurso da Ciência produz o que a autora chama de negação da autoridade - é quando um intelectual tem sua fala contestada dentro da academia por questões que não dizem respeito somente ao seu estudo e competência. Aqui se estabelece uma relação da discussão do epistemicídio com a BCI, o que hooks está discutindo é exatamente como são feitas as métricas que estabelecem quem tem ou não autoridade epistêmica sobre determinado assunto, quem é habilitado para produzir e disseminar conhecimento.

O panorama que hooks nos apresenta é de extrema importância e deve ser discutido no campo, que, enquanto ciência interdisciplinar, não se permita fechar em torno de uma “razão intransigente cultuada pela normatividade ocidental” (Simas; Rufino, 2018, p.11). Já que ela dentro de seu desenvolvimento busca ganhar contornos cada dia mais claros, almeja ser a alavanca que, apoiada no sólido fulcro do tratamento inteligente da informação ajudaria a tornar realidade a tão sonhada sociedade do conhecimento, que enfim contribuiria para o desenvolvimento de culturas, da cidadania e da justiça, diminuindo progressivamente o abismo que hoje separa o universal do Outro.

Nas dificuldades e desafios que se apresentam para as pessoas negras que adentram ao nível universitário manifestam-se o acúmulo do conjunto das determinações que as acompanham em toda a trajetória escolar, no que tange ao conflito racialidade/saber e poder. É nessa esfera que esses conflitos alcançam a arena privilegiada em que se constroem, reconstroem e são postas em questão, ou reafirmadas, as possibilidades do negro frente ao conhecimento erudito e das implicações em termos de saber e poder que elas envolvem. Adentrar à universidade, longe de constituir-se em superação dos estigmas e estereótipos, é o

momento da confrontação final, no campo do conhecimento, em relação a esses mecanismos que assombram os negros em sua trajetória escolar. Aí a branquitude do saber, a profecia auto-realizadora, a autoridade exclusiva da fala do branco, são os fantasmas que têm de ser enfrentados sem mediações. (Carneiro, 2005, p.123)

Ao apontar esse caminho, Carneiro (2005) nos mostra qual inimigo temos no *front*, o epistemicídio mais do que matar os conhecimentos dos povos subalternizados, produz também um sistema de negação ao acesso à educação tida como a universal. Ou seja, estamos diante de um fator social que tem como base a construção do Outro, designando o que ele pode ou não saber,

“nessa tentativa de se definir o homem a partir do que ele pode ou não conhecer fez-se necessário definir o que é esse conhecimento para depois compreender como se pode definir quem é esse conhecedor ao qual é atribuído a identidade de ser humano.” (Pessanha, 2019, p. 170).

Uma vez efetivada essa definição é possível a produção da inferiorização intelectual do Outro.

Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc. É uma forma de sequestro da razão em duplo sentido: pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que em outros casos lhe é imposta. (Carneiro, 2005, p.97)

Com base no que nos apresenta Carneiro, é possível dizer que à luz dos estudos decolônias o processo de epistemicídio é um importante ferramental para a estabilidade da colonialidade do saber. Trata-se de um processo que visa a destruição e desqualificação da cultura do dominado, faz isso com a intenção de justificar a hegemonização cultural da modernidade ocidental, portanto a criação do universal e do Outro.

Como nos afirma Carneiro (2005), quando se constituiu o universal foi necessário criar o Outro, pois é a construção do outro como não ser que fundamenta o ser. Ou seja, o fundamento do ser nada mais é que um empobrecimento irreversível do horizonte e das possibilidades de conhecimento, é a anulação sistemática das alternativas, quando elas, tanto no plano

epistemológico, como no plano prático, não se compatibilizaram com as práticas hegemônicas. Nesse ponto, acrescenta mais tempero à discussão, pois em sua análise discute a questão do epistemicídio atribuindo a ele uma dimensão racial, ou seja, o critério raça torna-se imprescindível para pensarmos a construção do Outro. É aqui que, mais uma vez, a questão do epistemicídio se encontra com a colonialidade, dado que a criação da ideia de raça foi a principal força motriz para o desenvolvimento do projeto colonial e da Modernidade.

Sendo assim, o racismo serviu de base para a implementação do colonialismo, que logo evoluiu, e passou a subjugar a colônia não somente criando dependência econômica, mas produzindo também dependência cultural, o que os teóricos da decolonialidade vão chamar de colonialidade do saber. Assim, o projeto de Estado Moderno se desenvolveu a partir das riquezas geradas pelas colônias que usavam a escravidão como mão de obra, justificando-a a partir da ideia de raça.

Esse universal da modernidade é mais um empreendimento do sistema capitalista para lucrar em cima do Sul global (Santos; Meneses, 2010). Trata-se de um passado que não passa, mas que precisa ser passado a limpo, pois, infelizmente, o que ainda presenciamos é uma reificação, um processo que basicamente promove a transformação dos seres humanos em seres semelhantes a coisas, de modo que a relação entre os indivíduos passa a se pautar conforme as leis do mundo das coisas, culminando, em última instância, na alienação moderna.

Ou seja, reificar é um ato que esquece a humanidade dos corpos subalternizados. Tal esquecimento dentro dessa peça-dissertação a partir da ideia de epistemicídio formula a teoria da existência de corpos zumbis mediados por ações informacionais, o que chamamos de zumbificação epistemológica.

Aqui, a partir das ideias do que é colonialidade, decolonialidade, raça, universal, e epistemicídio, apoiado nos ombros de gigantes, vamos olhar para esse aparato global de destruição de corpos, mentes e espíritos e tentar teorizar uma nova forma de lê-lo e interpretá-lo apresentando ferramentas para implodi-lo. Embora como um ator, que além de acadêmico sonha em ser dramaturgo, sei que tudo isso é um pouco egóico e aparecido. Não fui eu que pedi esse foco, o

colocaram em mim, estou com o Siribi apontado para mim, portanto esse trabalho é meu revide, só estou tentando não ser medíocre.

Não tenho a pretensão de apresentar soluções, também não se trata de um movimento de subtração. Pelo contrário é um movimento de adição, que assim como aponta hooks e Mbembe, busca outras formas de conhecimento, valendo-me da beleza do futebol, do drible, esse é, um levante, uma tentativa de chapéu na ideia de universal moderno, trazer à tona o Zumbi que amedrontou os senhores de escravos, não o estereotipado, não o caricato, criado para amedrontar os cativos; esse é o meu gol.

Senhoras e senhores, essa é, portanto, não é mais uma picada, não se trata de um desvio, estamos diante de um caminho que busca desvincular a história social do conhecimento a uma subordinação da sobrevivência cognitiva do dominado aos parâmetros da epistemologia ocidental.

3.9 CAFÉ, RAÇA E SOCIEDADE

Na tradição de recepcionar visitas em minha família, depois de comer, depois da sobremesa, antes de ir embora, a visita precisa tomar um café. Engana-se quem acha que fazer um café é simples. Pelo contrário, uma boa técnica é que vai garantir a qualidade.

Há quem diga que o primeiro passo para um bom café é entender sobre sua acidez, e aqui vai uma dica: acidez não é um conceito fácil de se definir, também não se pode confundi-lo com amargor. Ambas as sensações completamente diferentes; a acidez é detectável nas laterais ao final da língua, já o amargor no topo ao final da língua.

Quando se aplica a técnica correta temos um café brilhante, isso quer dizer que a acidez contribuiu para o sabor do café, já quando não usamos a técnica correta temos o café avinagrado. Fato é que a acidez pode ser o herói ou o vilão. É como estar numa discussão política, não dá para ficar em cima do muro!

Sim, eu sei, vocês estão se perguntando, que conversa de maluco é essa de café, o que tem a ver com a discussão de raça? Calma, há uma tentativa de teatro, de poética, apesar da necessidade e urgência do assunto.

Depois de almoçar, comer a sobremesa, antes de começar o futebol sempre sobra um tempo para um café e uma conversa. A nossa é raça, eu tento fugir desse

tema, mas o Siribi me coloca sempre de volta nele. Raça, no Brasil é sinônimo de Negra, mesmo tendo sido a população que mais contribuiu para a construção desta dita civilização, sempre terão discussões e argumentos que buscam constituir nossa inferioridade como povo. Através desses argumentos durante um tempo chegou-se a fundamentar a diferença racial em bases científicas e criaram um determinismo racial que fazia com que a hierarquia social fosse traduzida por hierarquia racial.

Na tentativa de construção de um ideal eugênico, para que ele se efetivasse era necessário que fosse estimulada a reprodução entre os considerados tipos eugênicos superiores. Para fortalecer esse ideal e transformar isso em práticas sociais com passar do tempo a ideia viria a se constituir em políticas públicas cujo objetivo seria “melhorar” a raça e, ao mesmo tempo, impedir a degeneração dos brancos brasileiros.

Mas bem, o café, quando chegou ao Brasil, já na segunda década do século 18, seu cultivo só foi possível por conta do uso de mão de obra escravizada, comprada pelos cafeicultores, por meio do tráfico negreiro, ou adquirida no comércio interno, de pessoas escravizadas originários de engenhos e fazendas em processo decadente no Nordeste após o período do Ciclo do Açúcar. O latifúndio que antes usavam a escravidão para o cultivo de cana agora se estabelecia a partir de um novo produto que sustentava uma nova oligarquia, os barões do café.

Tanto no ciclo do ouro branco quanto no ciclo do ouro verde, foram as mãos negras que fizeram fortuna, embora nunca tenham usufruído dela. *Voilà*, a construção da raça sendo usada para a produção de riqueza, o corpo negro continuava sendo um corpo moeda.

Vocês sabiam que o café dá para ser usado de muitas maneiras, “dá pra fazer” pratos salgados, “dá pra fazer” drinks e até sobremesas - por exemplo, um doce muito famoso no Brasil e que leva café é o *tiramisù*, é um doce com origem na culinária mediterrânea e que veio para o Brasil com os imigrantes que vieram para cá justamente para trabalhar nas lavouras de café, com intuito de substituir a mão de obra escravizada.

Também houve outros que sofreram as agruras do café, embora esses estivessem aqui por motivos de imigração e não por sequestro. Pareceu importante na época acrescentar notas de brancura do leite, para fazer um bom *macchiato*...

A chegada de imigrantes europeus ao Brasil não tinha só a intenção de substituir a mão de obra de pessoas escravizadas. Havia um projeto político de embranquecimento ou branqueamento baseado em uma teoria que, como o próprio nome sugere, visava “branquear” a população brasileira. Esse projeto de branqueamento no Brasil foi apresentado à comunidade mundial no primeiro Congresso Universal das Raças em 1911, em que o país foi representado por João Baptista de Lacerda e apoiado por outros cientistas e estudiosos da época, dentro dos conceitos das políticas de eugenia, a ideia era a extinção da população negra em um período de 100 anos (Nascimento, A. 2016). O pensador brasileiro Abdias do Nascimento, em sua obra o “Genocídio do povo negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado”, de 1978, denunciou e expos esse projeto de limpeza étnico que tinha como objetivo um Brasil com população branca iguais à Europa ariana. Essa obra tornou-se referência nos estudos contra o racismo no país e fora dele.

Essa ideia de branqueamento produziu um outro fenômeno no Brasil, poeticamente, mas que não deixa de ser doloroso. Criamos um grupo que aqui chamamos de café com leite, um grupo que surge das relações inter-raciais, que embora em nossa historiografia haja um esforço para parecer que o resultado dessa troca tenha sido lindo e maravilhoso, Abdias nos mostra que não é tão simples assim.

Abdias Nascimento (2016) nos diz que o café com leite, o *macchiato*, ou sem dourar a pílula, o processo de embranquecimento foi realizado à força por meio da miscigenação que tinha como *modus operandi* o abuso e exploração sexual de mulheres negras e indígenas. Tudo isso acontecia através do encorajamento de casamentos interraciais, ou seja, pessoas brancas com pretas, apesar das leis de abolição da escravatura não incluírem os negros como parte da sociedade.

Outra importante denúncia que Abdias nos apresenta é o fato dos incentivos financeiros aos imigrantes brancos, as leis imigratórias forneciam benefícios como terra e auxílios financeiros, porém, elas incentivavam a vinda de europeus e deixava claro em seus decretos que a entrada de imigrantes africanos era proibida, era explícito nesses decretos da lei de imigração criada a época, supostamente, para o fim da mão de obra de pessoas escravizadas, que a finalidade era o processo de mulatização, apoiado na exploração sexual da negra, o que

Nascimento, sem medo chamou de um fenômeno puro e simples de Genocídio do povo negro. Com o crescimento da população mulata a raça negra está desaparecendo sob a coação do progressivo clareamento da população do país. (2016).

Outra curiosidade, a comida de origem mediterrânea é muito famosa no ocidente por sua origem nos países europeus, mas aqui também opera o princípio da ausência; países do continente africano também fazem parte dessa culinária, mas quase nunca são mencionados. Alguém se arrisca dizer o porquê?

Essa curiosidade nos traz de volta ao *Tiramisù*, não tem erro, se quer impressionar, esse clássico resolve. Alguém aqui sabe a origem do doce ou de seu nome? Trata-se de um doce típico, com sabor de casa, tudo bem que só pode sentir esse sabor aqueles que têm condição de traçar sua descendência, também conhecida na culinária como “assinatura do chef”.

Tiramisù pode ser traduzido como tirar do chão, levantar-se, pode dizer que é um doce para dar energia. Embora tenha sofrido várias adaptações aqui no Brasil, por vezes estando bem distante da receita original, sempre haverá alguém para comentar sobre a descendência desse doce e sobre como ele é a ligação de um povo com sua origem. Mas não confundam alhos com bugalhos, eu disse descendência, não ancestralidade. Descendência é mito, é o filtro utilizado para tornar o café mais saboroso, é técnica, estratégia tipo a do famoso *macchiato*. Já a ancestralidade não. Podem até tentar inventar, tem muito corante para isso hoje em dia, mas ela é como sabor, existe o artificial e o natural, e quem já provou do natural não se deixa enganar por artimanhas e artifícios.

Esse é um dos maiores ensinamentos que o café pode nos dar, sabor não se faz, sabor se sente, o preto do café não é só cor nem valor, também é gente.



Figura 7 - Zico e Pelé, jogando pelo Flamengo em amistoso contra o Atlético Mineiro em 1979, no Maracanã



Fonte PINTO, Luiz, Agência O Globo. Disponível em: https://conteudo.imguol.com.br/c/esporte/59/2022/05/18/pele-e-zico-jogando-juntos-pelo-flamengo-em-amistoso-contr-o-atletico-mg-em-1979-no-maracana-1652897267555_v2_450x450.jpg . Acesso em: 20 nov. 2023.

3.10 O RELVADO DA DEMOCRACIA RACIAL

Branco como?

Tipo fome?

Não, a fome é amarela.

Branco quanto, então?

Branco, tipo sal.

Sal, mas pra nós?

Nós, não vale o sal que comem.

Pra nós, só tem sol.



Pra nós, não tem soldo.

Só soldado!

Que recebe um salário.

Nada salgado.

Pra por pra correr.

De saldade.

No rosto do sol queimado.

Uma fervente água salgada.

Maria Eunice Maciel (1999) disse uma vez que o Brasil do fim século XIX e começo século XX estava marcado por uma sociedade fortemente hierarquizada, classificada, principalmente, pela ideia de raça, a racialização se aplicava aos negros e aos indígenas, enquanto construía o branco europeu como sendo civilizado e superior, os corpos racializados eram tidos como selvagens, primitivos e inferiores. Ainda tinha a questão dos mestiços que eram tidos como degenerados, e para esses surgiram projetos de salvação nacional via o melhoramento da raça, ou seja, a eugenia.

O projeto falido e eugênico, só não contava com o poder de luta do povo, como bem nos disse Abdias (2016), embora estivesse em curso um genocídio, esse povo tinha suas artimanhas e formas de sobrevivência. Nesse caso, a artimanha foi o drible o jogo.

O ano era 1938, o território era o europeu, o mundo vivia o auge do discurso da supremacia branca, e, na França, o Brasil que sonhava ser alvo, como a neve. Iria jogar a Copa do Mundo.

Com a fé de quem olha do banco a cena. Do gol que nós mais precisava na trave. A felicidade do branco é plena. A pé, trilha em brasa e barranco, que pena. Se até pra sonhar tem entrave. A felicidade do branco é plena. A felicidade do preto é quase. Olhei no espelho, Ícaro me encarou: "Cuidado, não voa tão perto do sol. Eles num guenta te ver livre, imagina te ver rei". O abutre quer te ver de algema pra dizer: "Ó, num falei?!". No fim das conta é tudo Ismália, Ismália, Ismália, Ismália, Ismália, Ismália. Quis tocar o céu, mas terminou no chão. Ismália, Ismália, Ismália, Ismália, Ismália, Ismália. Quis tocar o céu, mas terminou no chão.

Ela quis ser chamada de morena. Que isso camufla o abismo entre si e a humanidade plena. A raiva insufla, pensa nesse esquema. A

ideia imunda, tudo inunda. A dor profunda é que todo mundo é meu tema. Paisinho de bosta, a mídia gosta. Deixou a falha e quer migalha de quem corre com fratura exposta. Apunhalado pelas costa. Esquartejado pelo imposto imposta. E como analgésico nós posta que. Um dia vai tá nos conforme. Que um diploma é uma alforria. Minha cor não é uniforme. Hashtags #PretoNoTopo, bravo! 80 tiros te lembram que existe pele alva e pele alvo. Quem disparou usava farda (Mais uma vez). Quem te acusou nem lá num tava (Banda de espírito de porco). Porque um corpo preto morto é tipo os hit das parada: Todo mundo vê, mas essa porra não diz nada...

Primeiro cê sequestra eles, rouba eles, mente sobre eles. Nega o deus deles, ofende, separa eles. Se algum sonho ousa correr, cê para ele. E manda eles debater com a bala que vara eles, mano. Infelizmente onde se sente o sol mais quente. O lacre ainda tá presente só no caixão dos adolescente. Quis ser estrela e virou medalha num boçal. Que coincidentemente tem a cor que matou seu ancestral. Um primeiro salário. Duas fardas policiais. Três no banco traseiro. Da cor dos quatro Racionais. Cinco vida interrompida. Moleques de ouro e bronze. Tiros e tiros e tiros. O menino levou 111. Quem disparou usava farda (Ismália). Quem te acusou nem lá num tava (Ismália). É a desunião dos preto junto à visão sagaz (Ismália). De quem tem tudo, menos cor, onde a cor importa demais...

Olhei no espelho, Ícaro me encarou: "Cuidado, não voa tão perto do sol. Eles num guenta te ver livre, imagina te ver rei". O abutre quer te ver no lixo pra dizer: "Ó, num falei?!".

No fim das conta é tudo Ismália, Ismália, Ismália, Ismália, Ismália, Ismália. Quis tocar o céu, mas terminou no chão. Ter pele escura é ser Ismália, Ismália, Ismália, Ismália, Ismália, Ismália. Quis tocar o céu, mas terminou no chão. Terminou no chão no chão. Ismália. Quis tocar o céu, terminou no chão. (Emicida, Montenegro, Luz, 2019)

Essa era a copa das controvérsias. Gilberto Freyre não era só um torcedor da seleção, olhava para copa como estudo antropológico, a seleção de 38, era vista como uma equipe que representava o verdadeiro povo brasileiro, pois tinha brancos, negros e mulatos. Ao mesmo tempo havia os que difundiam na sociedade que o mulato não era passível de salvação, negros nem eram humanos, muitos desses eram considerados intelectuais e cientista da época.

As vitórias frente às seleções da Polónia e Checoslováquia contribuíram para as ideias defendidas, principalmente, por Gilberto Freyre, de que a mistura dessas raças seria o melhor do Brasil, que isso era a real representação povo brasileiro, discurso que culmina na ideia de democracia racial.

Esse termo foi cultivado por Gilberto Freyre e é fundamentado sob a justificativa de que a miscigenação era algo positivo, que nas Américas vivia-se o paraíso racial em que as três raças (brancos, negros e povos originários) harmoniosamente conviviam e construíam o Brasil, negando a existência de relações racistas, depositando na população negra a responsabilidade por sua situação e criando no imaginário social que as oportunidades eram as mesmas para negros e brancos (Moura, 1983). Esse mito não só invisibiliza o racismo no Brasil e todos os seus efeitos, mas como também alimenta os valores racistas em um país de profunda desigualdade racial. (Silva, L., 2022, p. 14)

Embora a seleção estivesse obtendo um claro sucesso diante dos brancos ditos superiores dentro das quatro linhas, por aqui, em terras brasileiras, seguia a crença de que negros nem mereciam ser considerados na discussão, mas admitir um sucesso dos mulatos brasileiro significaria assumir que o projeto de eugenia não estava dando certo, e mais, seria assumir que o país estava se contentando com status de segunda classe dentro da comunidade internacional.

Assim é que, em 17 de junho de 1938, o debate da construção das vidas negras seguia sendo feita pelos intelectuais da época, e no campeonato de quem entendia mais de Brasil e do seu “povo” temos um novo embate. E como arma para defender suas teorias Gilberto Freyre escreve um texto em um jornal falando sobre a relação do sucesso da seleção com a participação de negros e mulatos.

[...] O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manhã, de astúcia, de ligeireza e, ao mesmo tempo, de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, há alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil. (Maranhão, 2006, p. 441)

A associação de Freyre com a democracia racial contribui para discussões da contemporaneidade, por exemplo, pensar o futebol como uma possibilidade de leitura social. O futebol é mais que um jogo, vai além de pessoas correndo atrás de uma bola, ele ensina um objetivo. Como diz Simas (2019), o futebol pode ser visto como fato social completo, é possível estudar a história de uma sociedade, de um

grupo social, a história de uma determinada comunidade pode ser traçada a partir das linhas de um campo e da maneira como ela pensa e joga o jogo. É fato: Pelé, retinto, Garrincha, moreno, nunca perderam. Juntos, eram imbatíveis. Juntos de Zózimo, lembremos. O Brasil não perde com esse trio. Nunca.

Então o que me parece é que o futebol é um jogo que expõe a rigor tudo o que na prática circunda a nossa vida, o nosso cotidiano. As relações de sociabilidade que a gente faz, as relações que a gente tem com o inesperado, as relações que a gente tem com a possibilidade da vitória, as relações que a gente tem com os perrengues da vida, as derrotas que eventualmente ocorrem. A maneira como você enxerga o outro, a maneira como você deposita as suas esperanças ou as suas descrenças em alguma coisa...

Rigorosamente, o Guimarães Rosa dizia:

“Grande Sertão Veredas, que ele imaginou que todas as paixões, imprevisibilidades e eventos da vida, pudessem estar de certa maneira representados naquele livro. Eu acho que eles estão representados num jogo de futebol. (Simas, 2019).

É inegável o papel do futebol na construção de uma subjetividade coletiva em relação à nação brasileira, principalmente na trindade Zózimo-Pelé-Garrincha. Ele transcende o aspecto do jogo e acaba transformando numa grande metáfora sobre as relações do EU e sociedade, é a metáfora da vida (Simas, 2019).

Figura 8 - Em pé: Djalma Santos, Bellini, Zózimo, Nilton Santos, Gylmar e Roberto Belangero. Agachados: Garrincha, Evaristo, Índio, Didi, Joel Martins e Mário Américo (massagista). Sem data.



Fonte: Disponível em: <https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/zozimo-2058> , Acesso em 20 nov 2023.

Aquilo que tem tornado o desporto um meio tão unicamente eficaz de inculcação de sentimentos nacionais, pelo menos para os homens, é a facilidade com que até mesmo os indivíduos menos políticos ou menos públicos podem identificar-se com a nação simbolizada por jogadores que se distinguem naquilo em que praticamente todos os homens querem, ou queriam em algum momento de sua vida, ser capazes. A imaginada comunidade de milhões parece ser mais real com um equipa de onze pessoas nomeadas. O indivíduo, mesmo aquele que apenas aplaude, torna-se, ele próprio, um símbolo da sua nação (Hobsbawm, 2004, p. 137).

Quando falamos de história do Brasil, estamos falando da história das populações negras e das marcas deixadas nas vidas dessas pessoas que morreram, sobreviveram, que resistiram e das que tentam existir, ainda hoje. O futebol é fundamental para a história desse país e compreensão dessas marcas. Pensar suas nuances revisitando-o nos ajuda no treino, para preparar o time e treinar estratégias para partidas futuras. Definir o conhecimento do Brasil, classificar seus universais e seus saberes, é pisar no gramado.

Gilberto Freyre foi um pensador que dentro da história e da nossa sociologia brasileira teceu muitas discussões sobre a relação entre negros e futebol. Para ele, foi por conta da entrada de pessoas negras no esporte que o futebol brasileiro se afastou do bem ordenado original britânico e tornou-se uma dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas. Os pretos e mulatos acrescentaram ao esporte a baianidade como a de Leônidas da Silva, mais conhecido como “Diamante Negro”, ou o bailado de Domingos da Guia, com uma impassibilidade que talvez acuse sugestões ou influências ameríndias sobre sua personalidade ou sua formação. Mas que, ainda assim, dança. Tal pode ser vista no prefácio da 1.^a ed. de *O Negro no Futebol Brasileiro*, de Mário Filho, este livro torna-se importante, porque contribui com as teorias de Freyre, faz uso do futebol para propagandear a democratização racial e, assim, na construção de uma nação integral.

3.11 DE QUEM É O DIREITO DE TRANSMISSÃO

Quando se fala em futebol e sua relação com a sociedade, essa visão da experiência do jogo como indigna, é impossível de ser considerada uma experiência estética corriqueira. Mas mesmo com a tentativa de menosprezo do futebol como sendo a possibilidade de arte, ninguém consegue negar seu impacto

na construção de narrativas e perspectivas a determinados grupos, o futebol quando se intersecciona com o social produz novos sentidos.

A maioria das pessoas que se consideram cultas tende a acreditar que experiências estéticas só podem ser desencadeadas por um conjunto limitado de objetos e situações consagrados: por livros que se apresentem como “literários”, pela música executada em salas de concerto, por quadros pendurados em museus ou por dramas que se desenvolvam num palco. O fato de ser tão conservador com respeito ao cânone permite a esse grupo de elite utilizar a experiência estética como instrumento de distinção e privilégio social- instrumento de distinção, aliás, que a autoproclamada classe média culta gosta de usar como arma de agressão social, mais contra os “novos ricos” que contra os ignorantes, pobres e oprimidos. De acordo com essa visão, os times que milhões de pessoas comuns acompanham, e dos quais alguns multimilionários são até donos, jamais seriam dignos o suficiente para serem confundidos com algum tipo de experiência estética. (Gumbrecht, 2007, p.36)

Por mais que ainda exista um ar elitista que afasta os ditos intelectuais do mundo do futebol, cada vez mais ele tem se distanciado do popular, nesse paradoxo que vem se estabelecendo diante do espetáculo considerado o mais democrático e acessível do país, uma coisa ainda permanece. Por vezes essa capacidade de criação o jogo proporciona ainda é um espaço de compartilhamento informacional, é um grande veículo de massa, não à toa, a maior briga dos times hoje não é por títulos, mas por contratos de transmissão. Através do jogo é possível informar, comunicar e quem sabe, com um pouco de vontade discutir assuntos sociais que no cotidiano não é oferecido.

O Ritz é um sociólogo que na década de 90 criou uma expressão que é a “mcdonaldização”. É a vida como fast-food. A cultura do fast-food tomou tudo. Não só a maneira como você come, mas como você vai no futebol, como você vivencia a rua, como você vai ao bar. Então é tudo muito fugaz, é tudo muito fluido. Você não tem mais os grandes pertencimentos acontecendo, o ritmo da urbanidade muda a cidade o tempo todo. A cidade deixa de ser pensada **como um lugar de encontro** e ela passa a ser pensada **como um lugar de passagem**. A rua deixa de ser pensada como lugar de encontro e passa a ser pensada como lugar de circulação de gente apressada para o trabalho e de mercadoria. Então a transformação do estádio faz parte de um contexto mais amplo de transformação da cidade, de arenalização da cidade. É isso que acontece. E as afetividades vão sendo perdidas. (Simas, 2019, grifo nosso)

O que nos diz Simas é só um exemplo da capacidade, do engajamento, da discussão política e estética que pode ser fomentada através de um jogo. Uma partida de futebol é capaz de produzir discurso, gestos, sons, músicas, e, para que tudo isso aconteça e, o espetáculo seja bonito, é preciso um cenário. Mas de nada adianta se faltar o público, futebol precisa ser contemplado; não pode haver ausência aqui. *Theatrón* significa lugar para contemplar. Ir a um estádio de futebol é como ir ao teatro. Uma partida de futebol pode ser tragédia, drama ou até comédia. À medida em que os atos evoluem, emoções são trocadas, informações são passadas, negociações são realizadas. E tudo isso mediado pela bola; ela, signo paradoxal de alegria e tristeza, mensageira do clímax. É dela a responsabilidade da apoteose, do momento catártico onde olhos que nunca se viram, veem fundo, os braços se abrem e o lugar mais feliz, nem que seja por instantes pode ser o colo de uma pessoa estranha.

Gol, lembranças, alegria, memórias e tristezas, o golpe de misericórdia leva todos ao céu, uns chegam nas nuvens de alegria, outros através da experiência de quase morte. Ou sem lirismo, podemos dizer que a bola faz a conexão da plateia com a arte, e o futebol é uma manifestação que contribui com informações que auxiliam na produção do conhecimento. Por sua vez, como experiência social, esse espetáculo comporta e produz um conjunto de práticas informacionais, institucionalizadas ou não, de mediação na esfera social.

Essa mediação muito nos interessa. Aqui ela é observada levando em consideração sua amplitude das questões intersubjetivas à condição sociotécnica - ambas fundamentadas sob e sobre a estrutura da materialidade dos corpos na vivência social, ou formas de “documento” na paisagem socialmente construída pela ação das pessoas.

A possibilidade de documentos nos leva a pensar sobre a importância de contestar algumas formas de mediação de conhecimento que foram constituídas, por exemplo, modelos de monstruosidade, aqui discutidos sobre o solo do esporte.

A colonialidade estabeleceu, em seu processo histórico de construção nos últimos cinco séculos de conformação da Modernidade, marcadores objetivos de formação das socialidades via violência. Dentre estes, pode-se reunir (sem pretensão de esgotar), o patriarcalismo, o machismo, a branquitude. Esses marcadores-opressores formulam um método aplicado sobre as mais diferentes

interações simbólicas na paisagem social, o massacre. O pai-homem-branco é a força teórica para um conjunto de ferramentas (armas) para aniquilação da alteridade não instituída em sua estrutura de poder. A extinção do outro, a retirada de sua alma, o apagamento de suas condições de “ser” e de “documentar-se”, a amputação da linguagem e da cultura, estas são características que se desenvolvem nesse processo como um método extremamente eficaz.

Tal método institui um recorte teratológico: uma espécie de teratologia das mediações, constituindo o imaginário dos monstros e do outro como anomalia, perturbação. A mediação sociotécnica sob o método do massacre está presente em diferentes configurações de construção do discurso das instituições informacionais, como museus, bibliotecas e arquivos. Alguns exemplos demonstram como as ferramentas de mediação no âmbito colonial performaram a cultura do massacre, exposta, disseminada, fundamentada nos espaços informacionais.

São exemplos, em museus, as exposições de zoológicos humanos entre o final do século XIX e início do século XX, na Europa e no Brasil, nos territórios sob o jugo colonial, objetificando – tornando “documentos” - pessoas violentadas e escravizadas, assim como o conjunto vasto de parafilias presente na metalinguagem de bibliotecas, revelando a chacina linguística e a predileção pelo ódio e pelo racismo, como aponta Melissa Adler (2017a,2017b).

Ou ainda o que aponta Césaire (2020), antes de olhar para o processo do nazismo como vítimas, ou método de classificação e separação de corpos, dessa vez eram corpos europeus que foram seus cúmplices; o toleraram antes de o sofrer, absolveram-no, fecharam-lhe os olhos, legitimaram-no. Nessa hora é como colocar o burguês muito distinto, muito humanista, terrivelmente cristão do século XX diante do espelho, só que o reflexo é um Hitler que ele ignora, que vive nele.

Portanto, o que não se perdoa em Hitler na posição confortável da colonialidade europeia não é o crime em si, o crime contra o homem; não é a humilhação do homem em si; [mas] é o crime contra o homem branco, a humilhação, a classificação e exposição do homem branco e o ter aplicado à Europa processos colonialistas a que até então só os árabes da Argélia, os *coolies* da Índia e os negros de África estavam subordinados.

Aimé Césaire, em 1950, tem seu livro o “Discurso sobre o Colonialismo” publicado pela primeira vez, é dele a coragem de evocar o holocausto para denunciar a barbárie da colonização, faz isso propositadamente, com isso foi tachado de ter um tom duro e de declarações radicais. Isso me fez lembrar uma conversa de dois mestres que escutava outro dia, no *podcast* Mano a Mano, Pedro Paulo (Mano Brow) fala com Gilberto Gil sobre a dificuldade de nós, pretos, nos defendermos via a intelectualidade. Ele dizia que sentia que era estigmatizado, que muitas vezes ouviu lhe classificarem como burro, mas que tem a sensação, de que quando os nossos estudam também são estigmatizados. (Brown, 2023, minuto 55).

As ideias trocadas alí, me fizeram compreender a dureza de Césaire. Cá para nós, Brown e Césaire, cada um ao seu tempo, são a representação da capoeiragem das ideias, são Negro Drama.

Crime, futebol, música, carai. Eu também não consegui fugir disso aí. Eu sou mais um. Forrest Gump é mato. Eu prefiro contar uma história real. Vou contar a minha. Daria um filme. Uma negra e uma criança nos braços. Solitária na floresta de concreto e aço. Veja, olha outra vez o rosto na multidão. A multidão é um monstro sem rosto e coração. Hei, São Paulo, terra de arranha-céu. A garoa rasga a carne, é a Torre de Babel. Família brasileira, dois contra o mundo. Mãe solteira de um promissor vagabundo. Luz, câmera e ação, gravando a cena vai. Um bastardo, mais um filho pardo sem pai. Hei, senhor de engenho, eu sei bem quem você é. Sozinho cê num guenta, sozinho cê num entra a pé. Cê disse que era bom e as favela ouviu. Lá também tem uísque, Red Bull, tênis Nike e fuzil. Admito, seu carro é bonito, é, e eu não sei fazer. Internet, videocassete, os carro loco. Atrasado, eu tô um pouco sim, tô, eu acho. Só que tem que. Seu jogo é sujo e eu não me encaixo. Eu sou problema de montão, de Carnaval a Carnaval. Eu vim da selva, sou leão, sou demais pro seu quintal. Problema com escola eu tenho mil, mil fita. Inacreditável, mas seu filho me imita. No meio de vocês ele é o mais esperto. Ginga e fala gíria; gíria não, dialeto. Esse não é mais seu, oh, subiu. Entrei pelo seu rádio, tomei, cê nem viu. Nós é isso ou aquilo, o quê? Cê não dizia?. Seu filho quer ser preto, ah, que ironia. (Racionais MC's, 2002)

Ambos, por mais elaboradas que sejam suas teorias e suas contribuições sociais, ainda assim encontraram dificuldade no reconhecimento de seus discursos, corpos presentes alçados a condição de mortos vivos, zumbis. Mas o Negro Drama é um marginal, não aceita para si nem para os seus, condições quem tentam lhe impor, é traficante de informação, entrou pelos livros, pelos rádios tomou e não viram, é Zumbi assombração, dessas de apavorar senhor de engenho, não fala, mas se faz ouvido.

Césaire, quer o foco, mas não o do siribi, quer o do púlpito, ele quer causar, e conseguiu, para isso adota metodologia para um alcance de massa, escreve em prosa poética justamente na tentativa de alcançar melhor entendimento, para facilitar o conhecimento e avançar o debate nas mais distintas camadas. Seu ensaio foi comparado a uma declaração de guerra ao colonialismo.

Eu também almejo ser Negro Drama, traficar é a meta, e os métodos e técnicas do pensamento informacional foi a forma que encontrei para contribuir com o debate antirracista no meu time.

O jogo aqui não é fácil, o campo possui alguns buracos, mas nós, Negro Drama somos bons de drible. Ao final do século XIX, regimes de informação racistas foram elaborados, aplicados e testados, constituindo parte considerável de toda a discursividade da mediação sociotécnica das instituições informacionais do século seguinte como um teatro macabro de monstruosidades afirmativas. A colonialidade é, deste modo, uma das formas de caracterização evidente da formação da epistemologia em BCI, bem como de sua profunda influência do método do massacre via uma teratologia tecida nas intersubjetividades, instituída aqui sob a condição da zumbificação – a morte do outro a partir da extinção dos sentidos de seus objetos, de seus metaobjetos e, retomado, das mediações intersubjetivas das comunidades não hétero-brancas.

A partida é dura, mas futebol é esporte coletivo, não estou sozinho, contra o percurso da colonialidade a estratégia de jogo é de leitura da decolonialidade, para tal, escalei atletas, craques como bell hooks. Ela joga no ataque, nas beiradas do campo, de cabeça erguida faz a ligação entre a parte defensiva e ofensiva, está sempre querendo jogo, gosta do drible, do jogo desobediente, da bagunça, de desarrumar a zaga adversária.

Sem uma forma de nomear a nossa dor, nós também não temos palavras para articular nosso prazer. De fato, uma tarefa fundamental dos pensadores negros críticos tem sido a luta para romper com os modelos hegemônicos de ver, pensar e ser que bloqueiam nossa capacidade de nos vermos em outra perspectiva, nos imaginarmos, nos descrevermos e nos inventarmos de modos que sejam libertadores. Sem isso, como poderemos desafiar e convidar os aliados não negros e os amigos a ousar olhar para nós de jeitos diferentes, a ousar quebrar sua perspectiva colonizadora? (hooks, 2019, p.29)

A posição de hooks nesse jogo traz contribuições críticas que ajudam na defesa, mas também no ataque, diante de uma reflexão que nos leva a dialogar com as ideias propostas nos estudos da questão racial e os regimes informacionais.

Essa partida se dá em um gramado mais duro, de um jogo mais cadenciado e lento, estamos diante do adversário chamado epistemologia, vamos precisar de uma atleta que conhece bem o campo e o adversário. Assim vamos recorrer à autoridade de Maria Nélida González de Gómez para interseccionar a discussão da pauta racial com as questões em BCI. A proposta dessa intersecção é abordar como alguns dispositivos info-comunicacionais permeados pela colonialidade tornam-se ferramentais que possibilitam discursos que estão na ordem do que versa a colonialidade do poder, do saber e do ser. A partir dessa tríade surgem a construção do olhar apontado por bell hooks, tal forma de “enxergar” viabiliza uma narrativa de subalternização e desumanização de alguns corpos.

O conceito acerca do regime de informação foi desenvolvido por Frohmann (1995) que fortalece que em BCI é o conjunto de redes onde os fluxos informacionais são transferidos de seus produtores, por canais determinados, com a mediação de estruturas organizacionais às comunidades específicas ou aos consumidores. O conceito de regime de informação também dialoga com a noção de poder e suas contribuições apresentam-se como um dos recursos interpretativos para abordar as relações entre política e informação na e com a sociedade. Assim o conceito de regime de informação pode ser visto como uma importante ferramenta para a análise das relações entre uma pluralidade de atores, práticas e recursos, à luz da transversalidade específica de ações, meios e efeitos de informação.

González de Gómez (2003), a partir de uma aproximação com a discussão feita por Foucault, propõe uma análise teórico-conceitual que contemple essa temática em BCI. Para ela, é preciso considerar que as ações de informação, conforme contextos específicos, se constituem como ações sociais e formas de vida, configurando-se em três modalidades: ação de informação de mediação; ação de informação formativa; e ação de informação relacional.

Segundo González de Gómez (2002), isso ainda é possível porque a formação social vigente envolve, sobretudo, a efetividade de constituição comunicacional, ou seja, o acesso à informação e o seu uso efetivo. O que se

coloca em jogo é, na contemporaneidade quais os impactos do uso de dispositivo info-comunicacional para propagar um discurso opressor? Para entender como isso funciona, é importante primeiro entender o que é dispositivo. Tendo isso em mente, discute-se a importância da compreensão do dispositivo para o presente trabalho, e não só isso, acrescenta-se ao debate a discussão proposta por González de Gómez (2003), onde ela relaciona o conceito de dispositivo com os recursos de informação, demonstrando sua capacidade discursiva de produzir narrativas que revelam as trajetórias e deslocamentos do poder informacional e, indica que um regime de informação abarca vários dispositivos de informação.

O ano era 2017, estreava na *National Basketball Association* (NBA) um jogador classificado como extremamente promissor. Era comum ouvir comentários que diziam que em breve ele iria se tornar o melhor jogador da história, sua capacidade era assustadora. Era impressionante o que ele conseguia fazer na quadra. Não demorou e um apelido se espalhou na NBA, Greek Freak – Besta Grega.

Blecaute.

Dia 21 de maio de 2023, cidade Valência, estádio de Mestalla, a torcida entoava cânticos para incentivar o time. As provocações e cânticos direcionadas a um jogador em específico estão estranhas, até que, pausa. Vinícius Jr, corre até a linha de fundo, chama o juiz e denuncia, aponta, aquele torcedor, repete o gesto, é, ele me chamou de macaco.

Blecaute.

Elogio e ofensa, duas retas paralelas, por mais incrível que pareça, em algum momento elas vão se encontrar.

Atlântico Negro, uma chaga social, faceta da ciência moderna, que desafia todas as compreensões da racionalidade e, torna possível o encontro entre duas linhas paralelas, ofensa e elogio tornam-se a mesma coisa.

Vocês ainda estão comigo? Temos um desafio, tentar compreender como isso é possível.

A primeira tentativa é poder, lembram que no começo desse espetáculo falamos que a criação da ideia de raça foi uma forma de construção de poder e riqueza? Pois é, o discurso de poder, é capaz de animalizar atletas negros, o Outro, tudo que ele não compreende ele tenta classificar como estranho, selvagem - e

mesmo quando tenta atribuir um elogio a esse corpo é preciso lembrá-lo quem não é. Dentro dos estudos das Ciências Sociais convencionou-se chamar de racismo estrutural, aqui, na tentativa de mediação entre um maior número de pessoas com um assunto ainda restrito a campos de pesquisas e pesquisadores específicos recorro ao esporte, acredito que através da sua capacidade informacional, o futebol, por exemplo, pode nos ajudar na popularização do debate na sociedade e em BCI.

Um ferimento, mesmo quando causado intencional ou não, produz dor, tem consequências. Quando se trata de um ferimento que é uma chaga social, de certa forma paradoxal, que ao mesmo tempo que produz dor subjetiva, também produz dor real, concreta, mortes, por exemplo, faz-se necessário que profissionais comprometidos com a sociedade busquem maneiras de discutir a questão dentro do seu campo de trabalho, e com seus pares, avaliando os efeitos e impactos dessa ferida, já buscando também formas de contribuir com a cura.

Ao propor essa partida e escalar alguns atletas nesse time, por exemplo, González de Gómez e bell hooks, estamos lançando o foco de luz no problema, olharmos para os casos de Vinicius Jr e Giannis Antetokounmpo é o nosso contra-ataque a essa dinâmica dos regimes de informação que, através do conceito de raça constrói o ser negro, e usa das características físicas desses atletas para justificar uma animalização e monstruosidade, que sustenta um discurso de poder que beira a pseudociência.

Logo, podemos entender o funcionamento vigente da lógica discursiva na construção do poder em torno de determinados corpos, a partir do regime de informação é possível analisar o modo informacional dominante em uma formação social, o qual define quem são os sujeitos, as organizações, as regras e as autoridades informacionais e quais os meios e os recursos preferenciais de informação, os padrões de excelência e os modelos de sua organização, interação e distribuição, enquanto vigentes em certo tempo, lugar e circunstância.

3.12 COLONIALIDADE DOS SABERES, A PRODUÇÃO DE MORTOS VIVOS

Na sociedade brasileira, não é possível traçar um recorte sobre as variações de concepção de corpo no decorrer da história sem inevitavelmente incidir no tema da classificação desses corpos em raça. Talvez essa impossibilidade resida em nosso passado colonial e do legado inestimável do modo de produção escravista

patriarcal que deixou marcas profundas na maneira da construção dos discursos, espaços e lugares que ocupamos com o nosso corpo físico. Dentro dessa peça-dissertação a perspectiva de abordagem desse corpo colonial o situa em BCI abordando sua relação com o acesso ao conhecimento e apontando o princípio de ausência como responsável pela produção do que aqui convencionou-se chamar de zumbis epistemológicos.

Ao fazer uso da lenda dos zumbis para referir-se aos corpos coloniais buscase de maneira metafórica produzir uma discussão de divulgação científica do conceito de epistemicídio através de um termo que atualmente faz parte do imaginário da cultura *pop*, principalmente a Norte Americana, e que, ao se popularizar no imaginário branco, foi invisibilizando sua origem histórica, que é negra e afro diaspórica.

Os zumbis de hoje são o resultado da transposição e adaptação dessa exótica criatura das partes pobres das colônias para o centro do império. Especulase que a palavra venha de línguas da África Ocidental – *ndzumbi* significa "cadáver" no idioma *mitsogo*, do Gabão, enquanto *nzambi* quer dizer "espírito de um morto" em *quicongo*, falada no antigo Reino do Kongo e hoje uma língua nacional em Angola. Os zumbis são primeira produção do colonialismo, pois sua lenda é trazida pelas pessoas escravizadas para trabalharem nas plantações de açúcar das Índias Ocidentais, gerando lucros que alimentaram a ascensão da França e da Inglaterra como potências mundiais.

Pela colonialidade, depois de usar toda a capacidade física desses povos escravizados os colonizadores passam a se apropriar também de suas epistemes, porém as adaptando em benefício próprio e matando sua originalidade, por exemplo, os escravizados trouxeram sua religião para o outro lado do Atlântico, mas a lei francesa os obrigava a se converterem ao catolicismo, os obrigavam a assimilar os valores religiosos brancos e de caráter colonial.

Segundo Christian Moura, em uma palestra proferida no *Youtube* para uma turma da SP Escola de Teatro, no ano de 2018, é explícita a construção de um discurso colonial em torno de corpos negros:

Um exemplo objetivo dos sinais desse passado atualmente está na maneira como nomeamos as coisas em que nossos corpos habitam, como por exemplo, os nomes de restaurantes, lugares aonde o corpo-biológico, o corpo-orgânico vai se nutrir para dar

sustentação a vida. Em São Paulo, por exemplo, encontra-se o nome com que eram conhecidos os lugares em que os escravizados habitavam – a senzala, como o nome de um restaurante – o Senzala, estabelecimento no alto de Pinheiros. Sorte dos nipobrasileiros que não precisam vislumbrar no bairro da Liberdade nenhum SushiBar com o nome, Hiroshima e Nagasaki, melhor para a psique das pessoas torturadas pela ditadura militar não acharem na rua Tutoia, no bairro do Paraíso, o Grill: O melhor bife batido da cidade está na Lanchonete DOI-CODI! Ou ainda feliz a comunidade judaica, que na região do Bom Retiro não encontrará jamais nenhum restaurante chamado Auschwitz-Birkenau, como sugeriu a poética da intervenção artística Senzala nunca mais em 2015, que contestou o nome de restaurante em SP. (Moura, 2018)

A constituição desse corpo colonial era a mais clara tentativa de epistemicídio, mas, como é relatado na história, todo esse atentado contra a vida das populações sequestradas para serem escravizadas não foram aceitos de forma passiva. Por exemplo, sobre o Vodúismo no Haiti, seu surgimento é a prova de resistência, já que é resultado de crenças e costumes diferenciados de povos que aqui foram misturados em grupos heterogêneos. Esse tipo de prática fazia parte de uma estratégia dos senhores de escravos que criavam essa “diversidade” num único grupo de escravizados de uma plantação para evitar qualquer tipo de insurreição (Moreira, 2016). Porém, ao que parece, a estratégia não deu muito certo, esse encontro deu origem a uma série de elaboradas religiões artificiais, que misturaram com criatividade os elementos de diversas tradições, dentro dessas repaginadas tradições, o zumbi não passava de uma forma de descrever um espírito ou um fantasma – qualquer presença perturbadora que assumiria uma miríade de formas à noite.

Ao perceber que os povos escravizados, mesmo contra todas as dificuldades impostas para o desenvolvimento dos seus conhecimentos, continuavam a encontrar formas de propagar sua cultura e suas *epistemes*, os então os senhores criadores do modelo universal formal começam a buscar formas de matar esses conhecimentos e manifestações culturais, produziu-se uma crença que demonizava a figura dos zumbis. Diziam que através da feitiçaria poderiam fazer suas vítimas parecerem mortas – através de magia, da hipnose ou até de uma poção secreta – e aí reavivá-los para servir como seus escravos particulares.

Ao mesmo tempo em que disseminavam uma verdade criada, perceberam que podiam se valer dela, então sem nenhum uso de força mística, mas, sim, da violência, recorrem às técnicas usadas e aplicadas ao corpo colonial.

Este zumbi, privado de seu *petit bon-ange* e de qualquer iniciativa própria, tem sua principal razão de existir no trabalho incessante. Pode locomover-se, alimentar-se, falar de maneira automática, mas tudo pela manutenção de sua capacidade de seguir as ordens de seu mestre, infatigável e sem questionamento. Essas ordens são, com raras exceções de alguns zumbis que vêm a se tornar guardiões de algum segredo ou bem precioso, a do trabalho na lavoura.

Novamente os autores Métraux e Hurbon retratarão uma série de paralelos entre o mito ou evento da zumbificação com o processo escravagista, seu medo, consequências e, sobretudo, mecanismos de coerção e dominação. Apesar de todos esses elementos já existirem no continente africano (incluindo relações de dominação e escravização entre diferentes etnias), foi o processo escravagista durante a colonização europeia nas Américas que permitiu a cristalização da figura do zumbi como persiste hoje, tendo como receptáculo a crença do vodu, a que foi fortemente associado. (Avellar, 2022, p.85)

O termo zumbi, como alguém sem vontade própria, sem nome, preso em uma morte em vida é, portanto, o que Moura (2018) chama de corpo colonial. A constituição de um zumbi na forma que conhecemos é mais um dos traumas históricos provocados pela escravidão, uma condição em que uma pessoa fica desprovida de sua personalidade e de qualquer ligação com outros indivíduos, arrastando-se por uma existência morta, o zumbi é a eliminação da subjetividade.

Moura é mais um Negro Drama, e sua forma de jogar é a mesma de outras atletas desse time, sua posição em campo é a zaga, mas não só defende, é do tipo de zagueiro que sabe construir ataques, e marcar gol, portanto também vamos contar com suas contribuições para repensar possibilidades para esse corpo. A jogada de Moura é a primeira bola para quebrar as linhas de marcação adversária, embasa nossa discussão e ajuda a desvelar como o discurso da monstrosidade construído em torno de atletas negros ainda está ligado a esse passado colonial. Segundo ele, durante a experiência humana, “nós aprendemos e transmitimos o conhecimento por meio da ação incorporada, da agência cultural e das escolhas que se fazem”, ou seja, “o corpo diz o que a palavra não pode”. Mas no caso desses corpos não são eles quem dizem, mas, infelizmente normatividade, o padrão, o

universal branco são os que dizem sobre eles, a partir de informações que remontam um passado de sequestro, roubo, apropriação indébita e morte que acabam por construir o Outro, corpos subalternizados, os transformam em monstros-vivos. O universal moderno, portanto, colonial, constrói que não o ser, para se afirmarem como EU (Carneiro, 2005), um discurso que os constitui enquanto humanos, padrão, e mesmo quando elogiam ferem, para sempre nos lembrar da maldição zumbi, onde existe sempre um senhor que controla tudo.

Dois casos zumbis marcam essa peça dissertação: o primeiro é dado pela perseguição racista sofrida pelo jogador de futebol Vinícius Jr, xingado de macaco inúmeras vezes, teve até um boneco seu enforcado. Foram inúmeros signos atribuídos ao seu corpo na tentativa de matá-lo dentro do seu ofício, o ponto alto da zumbificação de seu corpo se dá no palco de contemplação da arte de jogar bola, no estádio Mestalla, torcedores do Valencia entoam em coro uma feitiçaria, matam a humanidade e deixam o corpo dele ali, para o verem sofrer.

Para surpresa de muitos, mas não de todos ele resiste, é mais um Negro Drama, é do nosso time, embora ao redor os senhores sigam com o rito de feitiçaria na tentativa de sufocá-lo, tirar sua voz, ele resiste. Apesar de estar sem voz se faz ouvido, dá um recado, infelizmente, não sem sofrimento - resistir é doloroso, é sobreviver -, mas fazendo jus à arte que pratica e às suas origens, ele sabe a dor e a delícia de ser o que é. E do alto da sua proteção coletiva, a branquitude olha e se pergunta, como ele ainda resiste? Mas a imagem do jogador chorando ao denunciar a violência que sofreu circulou o mundo, e aqui para nós importa pensar em quais os desdobramentos do discurso construído nesse jogo, para mim o discurso bateu como experiência de morte, eu me senti um zumbi.

Vinicius Jr é a realização de um sonho. Sempre digo aos amigos, “só não posso dizer que sou ateu, porque sou flamenguista”. Imagina como foi para mim, ver ele ali naquele ritual de feitiçaria, o “cria do ninho”, preto como eu, brilhando num grande clube do futebol mundial. Achava que por ao menos 90 minutos me seria permitido sonhar, estar no topo do mundo. Para garotos como Nós, sempre dizem, "acreditem nos seus sonhos, não desistam!", mas como, o nosso foco de luz é sempre outro, o siribi está sempre apontado nos amaldiçoando e clareando o alvo.

Zumbi sonha?

A questão é: não precisamos de incentivo para sonhar, queremos estar vivos, parem de tornar nossas vidas um pesadelo, apenas nos deixem ser, não é sobre mim, é sobre Nós, alteridade. Dos nossos sonhos cuidamos nós, sem ter que lutar, nós temos esse direito, deixem os crimes de vocês longe dos nossos sonhos!

Falando em sonhos, a outra história que quero compartilhar é permeado por eles e trata de e sobre um garoto de uma família de imigrantes nigerianos que vive na Grécia. Aqui vale ressaltar que o processo de imigração e a crise humanitária causada por ela, têm como protagonistas imigrantes do continente Africano e é mais um resultado que se pode colocar na conta do passado colonial, que persiste e, em nome da civilização, depois da globalização, universaliza o mundo a partir de um essencialismo europeu. O resultado disso para os países de África é mais que conhecido, embora ainda marcado pelo princípio da ausência em espaços de poder capaz de produzir ao menos uma reparação histórica.

Os migrantes deslocam-se porque aspiram a melhorar suas condições, trazem consigo a esperança e as ambições, e isso conta mais do que o desespero. Essa é a primeira vez que o passado colonial cruza a história do jogador Giannis Antetokounmpo. Tenho certeza de que o encontrará mais inúmeras vezes, infelizmente, mas aqui vamos falar da realização do seu sonho. Como é que esse passado entra em um sonho e não o transforma em pesadelo? *Greek Freak*, um apelido. Quando buscamos pela definição de apelido em um dicionário português geralmente encontramos algo como, nome que se baseia numa qualidade, geralmente depreciativa. Embora não se saiba a origem, e até mesmo o próprio jogador já tenha declarado gostar do apelido, que numa tradução livre fica “Aberração ou Besta Grega”, é preciso olhar com a lupa apresentada pelos teóricos decoloniais para “elogios” desta natureza.

Existem muitos significantes em torno da imagem da aberração. Segundo o dicionário Michaelis online, aberração significa:

- 1) Ato ou efeito de aberrar, aberrância; 2) Desvio, extravio de espírito, de ideias, de juízo; extravagância de conceito; 3) Desvio aberrante ou perverso de qualquer conduta, norma ou padrão estabelecidos; desarranjo, desvio, desordem: Aberração mental; e 4) Anormalidade física ou anatômica. (Michaelis, 2024).

Talvez nem o próprio jogador consiga ver que está alcunha é uma violência disfarçada de elogio, com o perdão dá referência, é um cavalo de Troia, recheado

de colonialidade, onde o que era para ser um elogio na verdade lhe nega o direito a subjetividade. O racismo tem dessas artimanhas, citando mais uma vez Moura (2018). Os racistas são ardilosos, criaram uma tecnologia tão refinada, e, principalmente, nos esportes foram capazes de criar nos atletas identificação com a teratologia. É comum vermos atletas que acham normal terem seu alto rendimento e bom desempenho nos seus respectivos ofícios serem associados a imagens de bestas, monstros, ressaltando sempre sua força física em detrimento de sua intelectualidade, é a construção do Outro para se afirmar como Ser. A estratégia é sempre a mesma, despersonificar os atletas usando o recurso da monstruosidade para matá-los epistemologicamente enquanto lucram com seus corpos zumbis.

A prática zumbi é bem estruturada. Porém há os que resistem, mesmo ainda não mordidos ou protegidos por anticorpos, lutam cotidianamente para que esse espaço cultural de massa não seja tão passivo. Devido a esses companheiros da resistência estudos surgiram nos últimos anos em diversos espaços e pesquisadores têm se preocupado em levantar alguns dados no universo do esporte para auxiliar na construção de um pensamento de contra-ataque ao papel dos dispositivos info-comunicacionais na construção dos estereótipos teratológicos dos atletas. Por exemplo, a pesquisa feita pela empresa dinamarquesa *RunRepeat*, em parceria com a Associação de Jogadores Profissionais da Inglaterra (*Professional Footballer's Association* - PFA) aplicada ao futebol, analisou mais de 2.073 falas de comentaristas de transmissões em inglês em 80 jogos da temporada 2019/20 de ligas como a Série A, *Ligue 1*, *La Liga* e *Premier League*.

No total, 643 jogadores de várias etnias e tons de pele foram citados. Ao serem analisados, o fator tom de pele definia o nível de intelecto. Para os comentaristas, segundo o estudo, os jogadores de tom de pele mais claro são mais inteligentes, possuem melhor qualidade e trabalham mais do que os jogadores com tom de pele mais escuro. Já jogadores com tom de pele mais escura eram sempre referenciados pelas suas características físicas ou habilidades atléticas – especificamente velocidade e força.

Quando ele corre para a bola todo mundo grita: “Arre pia, zagueiro, limpa a área, zagueiro.” É comum todos dizerem que zagueiro bom é aquele que não inventa, chega firme, não pode ser sentimental, chuta para onde o nariz aponta, há

quem diga que zagueiro bom, tem que ser feio e com bafo. Zagueiro, é o anjo da guarda da defesa, ao mesmo tempo que exigem tudo isso dele, ele tem que ter sangue frio, confiante, ser leal e, acima de tudo, ser malandro. Tem mais uma exigência, zagueiro tem que ser sutil e elegante, e nós tivemos alguém assim, mas que infelizmente sofreu com o princípio da ausência, Zózimo, de cabeça erguida o bicampeão mundial pelo Brasil (Padin, 2023), apesar de toda sua técnica, de falar várias línguas, e sua elegância, teve sua história esquecida. Como pode um zagueiro que sequer sujava o calção, que a camisa permanecia por dentro do calção da mesmo forma que o jogo havia iniciado, ser esquecido?

O futebol reflete a sociedade!

Quando o assunto foi a inteligência dos atletas, os comentários apresentaram números que para os estudiosos dos esportes eram assustadores, mas para quem lida com estudos raciais, foram só dados que auxiliam a comprovar a teoria do racismo no futebol. Aqui no Brasil a iniciativa do Observatório da Discriminação Racial no Futebol tornou-se importante entidade de combate ao preconceito, mas também um espaço informacional responsável por mediar as questões de jogo com as questões sociais. Todo ano produz um relatório que ajuda em uma análise sistêmica sobre os incidentes raciais no futebol brasileiro.

Nosso objetivo com esse documento é identificar e informar à sociedade brasileira sobre os casos de discriminação que ocorrem no esporte nacional e, asseverar que os mesmos não acontecem de forma esporádica, que são comuns, que em sua maioria falta punição aos envolvidos, um maior comprometimento das vítimas na cobrança das punições e comprometimento dos clubes, entidades, federações e da sociedade como um todo no combate ao racismo.

Nosso trabalho busca usar o esporte como ferramenta para educar, informar e conscientizar para o fim do racismo, não apenas no esporte, mas sim no dia a dia nas vidas de todos nós para uma sociedade melhor e igualitária. (Observatório [...], 2021).

Voltando aos estudos dinamarqueses, é possível observar de maneira quantitativa como há a construção de discurso racista dentro dos espaços responsáveis por transmitir o futebol. Por exemplo, quando os comentaristas falam sobre inteligência dos atletas, 62,6% dos elogios eram direcionados a jogadores de pele clara; enquanto 63,33% das críticas foram direcionadas aos jogadores com pele escura. É isso que estamos chamando de zumbificação, a retirada do ser cognoscente, do intelecto, um processo em que há o uso do discurso de

informações baseadas em achismos, mentiras e pseudociência para a construção de conhecimentos que tem por finalidade o uso da raça como forma de controle e poder.

Ou se isto não é verdade, digam-me vocês quando nos lembramos dos corpos dos negros fujões, “vinham no encalço do “negro fujão”. “Se me pegarem vai doer, querem minha cabeça na ponta da lança”, pensou, com as marcas da tortura recente ainda abertas no corpo.”, é essa a frase da letra do rapper Rincón Sapiência, lembrando os anúncios de jornais, cartazes de fuga de escravos do tempo do Império. Ou ainda quando dizemos: “Ih, Nojento, tcham!”? O bordão de Tião Macalé, o negão desdentado e risível interpretado pelo ator Augusto Temístocles da Silva Costa (1926- 1993) humorista brasileiro bastante conhecido na década de 1980 por sua participação no programa também da TV Globo Os Trapalhões. Tanto os negros fujões da época imperial, quanto o Tião Macalé dos dias atuais, são vistos na forma animalesca do “corpo besta-fera”. Este é o discurso violento que o colonizador encontrou para desviar o “corpo colonial” para do “corpo econômico”, para o “corpo grotesco”, o “corpo estranho” e o “corpo exótico”. (Moura, 2018)

Voltando aos números das pesquisas, quando os comentaristas queriam ressaltar força, foi 6,59 vezes mais chances de falar sobre um jogador de pele escura. Quando o assunto era velocidade, eles têm 3,38% mais chance de falar sobre jogadores negros. Por isso Moura é meu zagueiro, o Zózimo reincorporado, reforço suas palavras e acrescento o “corpo Zumbi”. Com todos os números que envolvem o futebol aliado a ideia inicial de participação dos negros nesse esporte, principalmente no Brasil, é nítida a relação raça e capital dentro do campo, e essa relação é que vai parir os zumbis. Esta relação tem interesse no corpo desses atletas, eles são as peças capazes de produzir muita riqueza, mas não podem ter sua *episteme* estimulada, seu intelecto tem que ser treinado apenas para o esporte, os mercadores dessas peças sabem que, preto formado é perigoso!

A partir de observações da mídia esportiva é possível perceber que a narrativa do discurso informacional é de construção de jogadores que possuem baixa capacidade intelectual, no Brasil até o rei do futebol recebia essa pecha, era comum ouvirmos dizer que: “Pelé calado é um poeta”, ou ainda mais comum são as piadas com entrevistas de jogadores e suas inabilidades com a oratória, em português mais claro, é comum ouvirmos “jogador de futebol é tudo burro”. No estudo feito na Dinamarca, a máxima se reproduz nas equipes de transmissão, só que com o acréscimo do recorte racial, quando os comentaristas estão falando

sobre ética do trabalho, 60,4% dos elogios são direcionados a jogadores com tom de pele mais clara.

Está claro, alvo, que foi o discurso da violência que produziu o corpo colonizado e no futebol, ou nos esportes, veículos informacionais de massa se reproduzem e se instauram com maior facilidade. Na compreensão de Frantz Fanon, psiquiatra, filósofo e ensaísta marxista francês da Martinica, a colonização é um processo de animalização do negro: “E, na realidade, a linguagem do colono, quando fala do colonizado, é uma linguagem zoológica. [...] O colono, quando quer descrever e encontrar a palavra justa, refere-se constantemente ao **bestial**” (Fanon, 1997, p. 38, grifo nosso). Desta forma, tanto os “elogios” ao astro da NBA Giannis Sina Ugo Antetokounmpo quanto os xingamentos ao atual melhor atleta brasileiro de futebol em atividade, Vinicius Jr apresentam-se como exemplos contemporâneos .

No caso Antetokounmpo, trata-se de um atleta acima da média e ainda muito jovem. Por conta disso tentaram lhe homenagear. Só que ao fazer, fizeram dentro do discurso colonial. Giannis é um atleta negro que veio da Grécia e a forma encontrada para homenagear seu alto desempenho foi apelidá-lo de “Besta Grega”.

Em sua missão de informar e ajudar a produção de conhecimentos que contribuam para a educação através do esporte, ao saber disso em todas as suas redes o Observatório levantou o debate e deu ferramental para desconstruir essa ideia de que Giannis fosse monstruoso – a teratologia do massacre em curso.

Giannis Sina Ugo Antetokounmpo não é uma aberração da natureza. Muito menos um monstro, ou um animal. Impreciso também chamá-lo de trator, ou qualquer máquina, até porque trata-se de uma figura especial com a mais humana das características: inteligência. Temos dificuldades ou até certo bloqueio em destacar as propriedades intelectuais de Giannis. (Observatório [...], 2021).

Para se ter noção de como infelizmente o discurso construído ainda passa por uma lupa do racismo, trazemos um exemplo de tratamento dado a um astro da NBA que é companheiro de geração de Giannis.

Se o colega de NBA e de geração Nikola Jokic, pivô do Denver Nuggets, é chamado de “gênio”, por que Giannis também não é? Jokic é branco; Giannis, um imigrante de família africana, com cidadania grega e muito sotaque ao falar inglês. Vemos aí inegável elemento racial na dificuldade em que narradores, comentaristas, repórteres, jornalistas e público em geral têm para chamar Giannis de gênio. (Observatório [...], 2021).

O que o Observatório nos apresenta é um debate em que discursos são atribuídos para determinados corpos dentro de uma determinada lógica informacional, lógica essa, de um regime de informação permeado por um passado colonial onde a imagem negra ainda é definida por uma lupa racial.

Existe uma dinâmica de ideia imposta pelo sistema econômico que separa as pessoas entre as que realizam trabalhos manuais e as que produzem trabalhos intelectuais. E a divisão racial funciona como uma separação social do trabalho. (...) Quando surgem atletas brancos de destaque, estes possuem mais proeminência, são vistos naturalmente como líderes. São vistos como pessoas com maior capacidade de organização. Já os jogadores negros são vistos como mais habilidosos e fortes, mas a organização, a ideia de inteligência, e a liderança é associada a jogadores brancos – aponta Silvio Almeida em entrevista ao fundamental podcast Ubuntu Esporte Clube. (Observatório [...], 2021).

As histórias de Vinicius Jr e Antetokounmpo não se encontram somente pela infeliz experiência do racismo. Ambos são prodígios dos esportes, possuem números absurdos mesmo ainda sendo muito jovens, porém já carregam o peso de lidar e lutar contra o racismo dentro daquilo do que mais amam fazer. Infelizmente, no caso de Vinicius Jr, ele acabou experienciando o racismo no seu esporte de maneira mais explícita. Enquanto na NBA foi um racismo cínico que tentava disfarçar, no futebol foi um racismo sem medo, que tem certeza da impunidade.

No caso do Vinicius Jr, por ter sido um ataque direto, houve uma comoção geral, o que gerou várias manifestações de apoio ao atleta. Na tentativa de entender a produção de discurso em torno desse caso, Vinicius Jr é escalado como camisa 10, o homem que leva o time todo para o ataque, ele é o craque, o jogador que rompe com a lógica dos apelidos, carrega seu nome nas costas seguido de Júnior fazendo referência ao seu ancestral.

Assim, quando uma pessoa negra chegava ao Brasil era despida de seu nome e batizada com um único nome de origem cristã, sem direito a sobrenome (Palma; Truzzi, 2018). Logo, o início da vida de um escravizado ou escravizada vindo da África se dava inicialmente pela ruptura identitária. A pessoa negra que se reconhecia enquanto um Ser transpessoal, identificado e identificante a partir dos inúmeros elementos ancestrais da sua terra, via-se como um alguém despersonificado, fragmentado em sua origem, um alguém que refletia o Outro (colonizador), e não mais a si mesmo. Assim, a negação do nome enquanto

funcionava para o colonizador como uma estratégia nominativa de objetificação das vidas negras, implicava à pessoa escravizada na desorganização de si, no enfraquecimento de sua potência ancestral e na obstrução dos sentidos seculares de Ser pessoa. (Missiatto, 2021, p. 255)

Estampar seu nome na camisa do Real Madri é um feito gigante; sustentar esse nome, não adotar marcas que o despersonifica diante da pressão da mídia, é ainda maior, tanto que começo da carreira foi chamado de Noguebinha, alusão a outra promessa do futebol do Flamengo que não rendeu o que esperavam, simplesmente o fato de serem jovens promessas negras e de alguns jurarem que ele também não renderia.

Como nos traz a teoria da classificação em BCI, a ideia de nomear as coisas foi o que ajudou a humanidade a ter um certo controle sobre ambiente e o universo, organizando o espaço em que vivia e superando o desconhecido pelo desejo de conhecimento.

Biderman (1998, p. 88), ao tratar da questão da nomeação, destaca que “é a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas”. Em razão disso, o ato de nomear as coisas adquire importância fundamental, pois possibilita o encontro do que foi nomeado com sua origem, estabelecendo uma relação em que as palavras vão além da mera designação dos elementos, pois estão impregnadas de um significado que as transcende. (Zamariano, 2012, p.64)

Assim, ao fazer uso de seu nome próprio, Vinícius constitui sua subjetividade e, embora isso pareça pequeno, no universo do futebol isso é revolucionário.

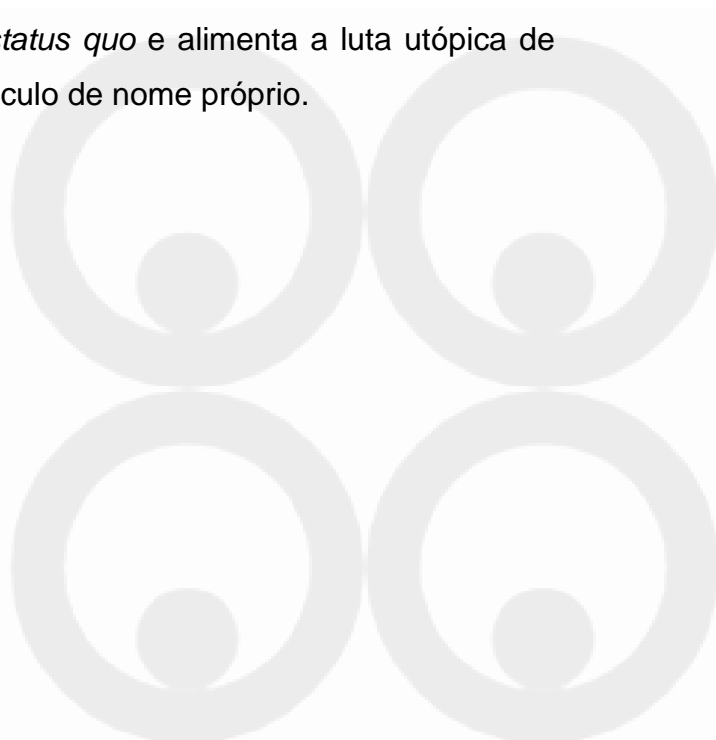
Isabelino Gradín foi chamado para defender a Celeste no Campeonato Sul-Americano (atual Copa América) em 1916. Depois dessa sua participação se tornou uma lenda. Há quem diga que ele foi um dos homens que inspirou Pelé. E não somente o Rei. Seu feito na seleção Celeste inspirou a participação de jogadores brasileiros pretos a buscarem espaço no futebol do país, já que até antes dele, apenas os ditos mulatos obtinham permissões para jogar.

Segundo o jornalista Mário Filho, em seu precioso livro “O negro no futebol brasileiro”, no momento em que futebol brasileiro começou a dar oportunidade ao ingresso de jogadores negros, a crônica especializada sempre aludia à figura de Gradín: “Depois do aparecimento do inolvidável ponteiro esquerdo houve uma praga de Gradins no Brasil”. (Observatório [...], 2022).

Praga de Gradins, novamente a ideia universalizante da brancura, cria um comparativo que mata subjetividades, o apelido dado aos novos atletas podia até ser uma tentativa de homenagem, mas criava uma ideia essencialista de pretos iguais, atribuía uma essência à participação negra no futebol. Por meio da figura de Vinícius Jr é possível também saudar outros que vieram antes dele e travaram essa luta de forma mais modesta e com menos visibilidade. Mas o caso dele está dentro da lógica da globalização e da sociedade da informação, o uso de redes sociotécnicas tanto para o discurso de luta como para o discurso de ódio está posto. Nessa partida Vinicius Jr escolheu ir à luta, não deixou que falassem por ele, foi em suas redes sociais e declarou guerra aos racistas. Eles queriam um zumbi; conseguiram, só que não o que eles esperavam.

Angola, Congo, Benguela. Monjolo, Cabinda, Mina. Quiloa, Rebolo. Aqui onde estão os homens. Dum lado cana de açúcar. Do outro lado o cafezal. Ao centro, senhores sentados. Vendo a colheita do algodão branco. Sendo colhidos por mãos negras. Eu quero ver. Eu quero ver. Eu quero ver. Quando Zumbi chegar. O que vai acontecer. Zumbi é senhor das guerras. É senhor das demandas. Quando Zumbi chega é Zumbi. É quem manda. (Jorge Ben Jor, 1974)

Para a surpresa dos seus agressores, Vinicius Jr é preto formado, perigoso, ao que parece o processo de zumbificação sofreu alguma transmutação, ele reagiu além do esperado, colocou a luta a frente da carreira, enfrentou a liga Espanhola de Futebol, ameaçou sair do Real Madrid. O Zumbi de Vinícius não é o do corpo enfeitado para servidão, muito menos o zumbi de Hollywood, é o de Palmares, ele mesmo, o marginal, o primeiro Negro Drama da história, o mito que foi capaz de produzir medo e assombrou os senhores de escravos do Brasil. Estamos falando do Zumbi da contracultura, que rompe o *status quo* e alimenta a luta utópica de viver e não mais sobreviver, é com Z maiúsculo de nome próprio.



4 ZUMBI CHEGOU, TRAZENDO UM DRIBLE (RESULTADO)

Pensando em tudo que já foi dito até agora, principalmente na percepção e construção desse olhar desobediente proposto por hooks, que mesmo com dor ainda pode ser visto nos olhos de Vinícius Jr, esse espetáculo precisa de uma janela de esperança, esse jogo precisa de gol. Mas como armar ao menos uma estratégia que aumente as possibilidades de alcançá-lo?

Será preciso matar o senhor de engenho a golpes de crueldade e malvadeza? Se foi o olhar colonizador que criou o corpo colonizado, como este corpo poderá se libertar senão através da violência? De que maneira podemos desenvolver processos criativos e de atuação que não resvalém no discurso do corpo besta-fera? Um corpo que se desviou de seu itinerário colonial e que procura agora encontrar um corpo descolonizado, no qual o conflito, o confronto e as negociações produzam algo diferente e produtivo. (Moura, 2018).

Meu nome é Ueliton dos Santos Alves. Eu não sei de onde vem o Santos também não sei de onde vem o Alves! Gostaria de fazer mais uma pergunta, como descolonizar/desmasculinizar/desoficializar esse corpo? Existe alguma maneira de fazer esse corpo voltar a sua rota originária?

Foi a presença hegemônica da visão masculina senhorial branca que produziu a maioria dos discursos que esse corpo reconhece. Foi a partir da produção do discurso histórico sobre o corpo colonial que me vi diante da necessidade de uma resposta que não é sobre mim, é sobre o Nós, foi a colonialidade que me fez o “Outro”. Foi ela quem me impôs uma condição de desvio em relação ao mundo vivido. Entre tantos tipos de corpos, o “corpo besta-fera”, o “corpo perfurado”, o “corpo arrastado”, “corpo zumbi”, o conceito de o “corpo driblador” e suas relações com o racismo brasileiro e, centralmente, o epistemicídio, implica em refletirmos sobre a qualidade dos campos que são disponibilizados para esse corpo e o tipo de adversário em cada partida que enfrentamos no dia - dia.

A expressão drible existe no inglês desde 1863. Trata-se do ato de gingar o corpo, controlando a bola com o pé, é uma finta. Basicamente, quando se está indo em direção ao gol, para se livrar de marcadores, jogadores usam essa finta para pegar um **desvio** e se aproximarem do objetivo, marcar gol, ou encontrar um companheiro que possa fazê-lo. Embora já existisse desde os tempos bretões do

futebol, dizem que foi aqui no Brasil que ele ganhou contornos mais plásticos e elásticos.

Segundo a lenda propagada em alguns campos de futebol, é possível que o drible como conhecemos tenha sido fruto de uma Necessidade (usamos aqui o “n” maiúscula para nos reportarmos ao conceito de Necessidade da estrutura filosófica grega europeia da colonialidade ancestral: o que é Necessidade para a ideia de humano entre as pessoas brancas do Mediterrâneo Norte, torna-se outra Necessidade entre as pessoas negras do Atlântico Sul). Os jogadores negros que não tinham os mesmos direitos que os brancos em campo faziam uso desse recurso para poderem jogar e fugir de faltas que os juízes nunca marcavam. Tal diferença de tratamento é mais uma que pode ser colocada na conta do passado colonial. A divisão de hierarquia racial marcadamente na sociedade ia para o campo e com ela ia também as injustiças. Quando um branco marcava a falta no negro, ele não era punido. No entanto, quando um negro marcava a falta da mesma forma, era punido rigorosamente. Como não sabemos se a arte imita a vida ou a vida imita a arte, mais uma vez negros precisavam criar estratégias de sobrevivência, e assim nasce o drible! (Nogueira, 2013)

Diante do exposto podemos dizer que o corpo que dribla é um “corpo desviante”. Desvio, substantivo masculino do prefixo negativo DES, do Latim mais VIA, é “caminho, estrada”. Logo o corpo driblador é a ideia de que esse corpo está fora da rota normal.

Usado como adjetivo como a etimologia da palavra sugere, o desvio dá sentido que havia então um itinerário para que esse corpo colonial seguisse. Mas qual caminho era esse? O corpo colonial ora despertando a repulsa, ora o desejo surgiu na visão do europeu com a qualidade de mercadoria e de mão de obra, pois não podemos nos esquecer disso. “O corpo ritual”, o “corpo matéria-prima”, o “corpo simbólico”, pelo qual se produzem ideias, valores éticos, estéticos e sociais das populações colonizadas foi violentado pelo colonizador desde sua invasão. (Moura, 2018).

Pelas características dos atletas desse time e por tudo que vimos até aqui, a fuga, a picada na mata, o desvio e drible apresentam-se como necessários para sobrevivência. No caso dessa peça-dissertação o pensamento decolonial é o drible apresentado à epistemologia em BCI, e não se trata de um problema com os relvados (epistemologias) e o jeito de jogar europeu (estudos), ou com o fato dos jogadores (intelectuais) serem supertécnicos e de nível internacional, mas há que

se considerar que o drible além de vida também traz beleza ao jogo, e essa partida pede mais várzea, mais futebol de rua.

Sabemos que dentro dos estudos do conhecimento o rigor científico é extremamente necessário. Porém, cabe uma reflexão do quanto existe de “donos da bola”, que têm limitado os debates, a autoridade epistêmica não é um mal, se faz necessária. Mas até onde ela vai, a linha desse campo é marcada com o que, e por quem? O juiz consegue enxergá-la, e o bandeirinha desse jogo, como e quando e contra quem marca impedimento? Já está mais do que na hora de diversificar o grupo que propõe e controla as regras, quem as fez, será que não cabe um pensamento menos formatado, um time menos quadrado? Para Gilberto Gil em sua participação no *podcast* “Mano a Mano”, é preciso superar o modelo que classifica o ser branco como universal. Isso se aplica também a academia e a tradição das ciências que se opõe aos chamados saberes não formais.

As palavras de Gil fazem lembrar outro mestre e estrategista do campo do saber, Nego Bispo e a sua teoria da contracolonialidade, segundo ele:

Se você foi colonizado e isso te incomoda, você vai precisar lutar para se descolonizar e descolonizar os seus. Isso é a função da decolonialidade. Eu sou quilombola, eu não fui colonizado. Porque, se eu tivesse sido colonizado, eu seria um negro incluído na sociedade brasileira. Então, no meu caso, eu tenho que contracolonizar – contrariar o colonialismo. (...) O colonialismo está aí vivente, cada vez mais sofisticado (Bispo apud Instituto Claro, 2023)

Sua contribuição nos ajudar a pensar a respeito da popularização do conhecimento, ao propor um pensamento contracolonial cria um arcabouço de saberes que ela vai chamar de orgânicos. Essa ideia surge como uma forma de contrariar o colonialismo, pois já que para os colonialistas os nossos saberes são classificados como empíricos e popular, os saberes deles como científicos, era necessário um contraponto. Assim, ele desenvolveu sua linha de pensamento que passou a chamar “os saberes deles de saberes sintéticos, e os nossos saberes de saberes orgânicos. Os saberes orgânicos na verdade são saberes cosmológicos. São os saberes que nos envolvem a partir do ser.” (Bispo apud Dorneles, 2021, p.16)

Na ginga, na finta e no balanço desses dribladores é que essa peça-dissertação se apresenta, escrita quase em prosa. É uma tentativa de se aproximar

dos dribles que Nego Bispo nos ensina. Para ele a oralidade, por exemplo, é o elo de mediação entre povos indígenas e os quilombolas, e a contracolonialidade é mais do que uma teoria, está centrada na prática e na vivência, apresenta-se como uma forma de defender territórios tradicionais, símbolos, significações e modos de vida. Desta forma, a oralidade é o elemento importante do pensamento contra colonial, e pode ser também para o pensamento acadêmico, já que traz às formações nas universidades questionamentos e saberes que ainda não estão nos livros.

Infelizmente, para nossa tristeza, na visão do Nego Bispo, as universidades ainda não estão preparadas para compreender um saber tradicional. “Certificado é como um código de barra serve para informar um preço, não serve para dizer se sabe ou não sabe” (Bispo apud Universidade Federal de Minas Gerais, .2020)

A oralidade é a matriz. É a base pulsante. Então para falar de tudo isso precisa de quem? Dos povos indígenas e dos povos quilombolas. (...) Então o nosso povo entra pelas cotas e nós entramos pelos encontros de saberes e pelas outras maneiras e hoje nós estamos botando conteúdo. Ou seja, como era o debate nas universidades até recentemente? Você primeiro escrevia, para depois falar e, depois, você falava para escrever de novo. O que que mudou? Hoje, primeiro se fala para depois escrever e, depois, se escreve para falar de novo (Bispo apud Instituto Claro, 2023)

Renato Nogueira, em seu artigo sobre a afroperspectividade, define o drible como a "linha de fuga que o personagem conceitual, jogador de futebol negro precisou inventar para sobreviver às faltas dos jogadores brancos.". O drible é um dos "traços dinâmicos" da filosofia afroperspectivista de Nogueira. Ele passa a noção do movimento, relacionando-a à ginga melanodérmica, que produz um efeito nítido no futebol vindo da Europa - o *football* - que Gilberto Freyre, citando Nietzsche e caracterizando a filosofia grega, define como “apolíneo”, algo racional, cheio de formalidade, cerebral. O drible cria o futebol. O negro imprime sua marca no esporte eternamente. O *football* quando se depara com o Brasil, com a força negra brasileira, se transforma e não consegue se manter apolíneo aqui. Se torna dionisíaco (Mamede, 2017).

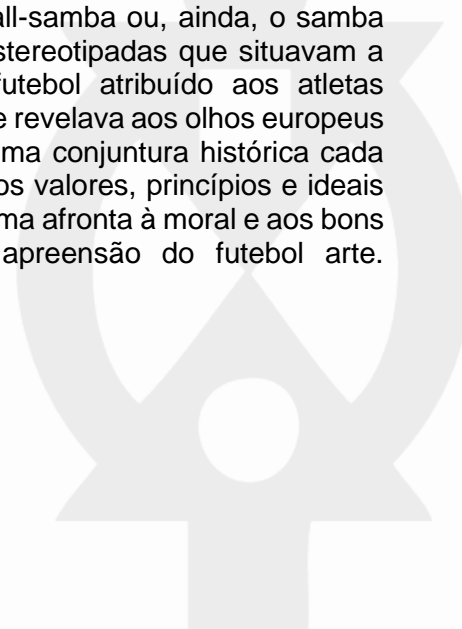
Com efeito, a escalada do ódio que culmina nos acontecimentos do estádio Mestalla, em Valência, tem como momento-chave a polêmica envolvendo a dança com a qual Vinícius Júnior celebrava os gols. A partir do confronto entre Real Madrid e Mallorca, realizado em setembro de 2022, as manifestações de repúdio às

danças adquiriram força inaudita, assumindo os contornos de um escândalo moral. De um modo geral, torcedores, atletas e jornalistas passaram a exigir de Vinicius Junior que ele parasse de desrespeitar os adversários, fosse com os dribles, fosse com as danças. Todavia, em vez admitir a culpa que lhe era imputada, pedir desculpas pela afronta que diziam que ele havia cometido, comprometendo-se daí em diante a atuar de acordo com os códigos de comportamento prescritos pelos agentes brancos do campo esportivo -, Vinicius Júnior veio a público para criticar os que pretendiam “criminalizar” as suas danças. (Florenzano, 2023)

Ainda segundo Noguera (2013), a restrição informal imposta aos jogadores negros provocou os usos dos passes do samba dentro de campo. Portanto, pedir a Vinicius Jr que deixe de dançar é o mesmo que pedir que ele pare de jogar, de driblar. É o mesmo que nos diz Nego Bispo, a formalidade dos espaços coloniais não estão preparadas para o saber tradicional, ou como disse Moura (2018), não há interesse em um corpo driblador, quando quem olha são os que criaram o corpo colonial, o corpo zumbi, que serve para entretenimento e produção de riqueza, mas não pode quebrar o feitiço (racialização) e desafiar qualquer um que tenha o corpo “normal”, o corpo do caminho. A defesa de Noguera (2013) reivindica que a invenção do drible no Brasil inaugura um modo distinto de driblar, o que pode ser entendido como a efetiva “invenção do drible”, e que isso se deve à regra informal dentro de campo que retratava as restrições étnico-raciais da sociedade brasileira.

Mais uma vez as injustiças se aplicam na intersecção entre futebol e sociedade. O jogador que tem em seu estilo de jogo a característica da dança, do drible está sendo pressionado a continuar jogando, mas sem fazer o que mais sabe. E o mais curioso dessa história é:

A estrutura de significados em cujos termos os espectadores, jornalistas e atletas costumavam interpretar o futebol-arte vem sendo modificada pela difusão de um novo esquema conceitual. Durante muito tempo, os meios de comunicação europeus celebraram o calcio samba, o fussball-samba ou, ainda, o samba boys, conjunto de representações estereotipadas que situavam a dança no cerne da definição do futebol atribuído aos atletas brasileiros. No entanto, o que antes se revelava aos olhos europeus como uma arte exótica, agora, em uma conjuntura histórica cada vez mais influenciada pela difusão dos valores, princípios e ideais de extrema direita, afigura-se como uma afronta à moral e aos bons costumes da pátria. Eis a nova apreensão do futebol arte. (Florenzano, 2023).



Sim, o drible foi um recurso de luta, oriundo não da força corporal, mas da inteligência e da sagacidade. Esses corpos tiveram que o criar para que os que vieram antes possibilitassem que os seus pudessem hoje estar aqui. Vinicius Jr ao responder seus detratores, honra seus ancestrais, “Aceitem, respeitem ou surtem. Eu não vou parar.” Ainda que tentem nos parar fugindo das regras formais criadas por eles próprios, seguiremos driblando, criando iniciativas como o “Observatório da discriminação racial no futebol”, chegamos e o time ganha cada vez mais reforços, seguiremos avançando, se necessário driblando o que, e quem preciso for, o jogo só acaba quando termina.

Portanto a pergunta: como nos libertamos da clausura de um dito corpo zumbi? Esta, pode ser respondida da seguinte maneira: através de construções de espaços que possibilitem uma mediação social onde o regime de informação colonial sofra uma ruptura capaz de ressignificar zumbi para Zumbi.

Como bem nos lembra Ana Amélia Lage Martins (2019), citando Martin Serrano (2008), para isso, é preciso ficarmos atento, pois a teoria das mediações sociais pode reproduzir uma ordem contraditória. Ela ressalta que a mediação deve ser utilizada em todas as situações cotidianas e não somente quando há que se manejar uma crise. Segundo Ana, para Serrano, é a partir da mediação que a economia capitalista prossegue. Assim, com sua inevitável missão de expandir o econômico para todos os territórios e recursos existentes, o que é uma marca definidora da sua forma neoliberal. Portanto, dentro do contexto dessa peça-dissertação a mediação torna-se componente de extrema importância, pois a depender das estratégias criadas para ela em uma determinada rede sociotécnica capaz de disseminar informações, pode ser uma arma de luta quanto como ferramenta de opressão. Por exemplo, o Instagram, espaço de resposta e atuação de enfrentamento de Vinicius Jr fora das quatro linhas, pode ser também lugar de fortalecimento do discurso que está a serviço da desumanização de corpos, depende de como e quem quer ganhar com isso.

A categoria mediação cumpre revelar, neste sentido, no campo da Ciência da Informação, aquilo que se oculta (dialeticamente revelando-se) nos fenômenos informacionais, evidenciando, assim, a complexa dialética entre a informação, o econômico e o social, a dominação e resistência, a manipulação e práxis contra

hegemônica na qual se inscrevem todas as práticas de produzir, acessar e fazer circular informação (Martins, 2019, p.17).

A mediação como forma social e sociotécnica do real nos leva novamente ao papel e compromisso social dos profissionais desse campo com a sociedade. A epistemologia em BCI pode e deve pensar seu objeto também a partir dos contextos históricos, considerando que as pessoas desempenham papéis ativos e não puramente funções cognitivas na produção, acesso e apropriação da informação. Com esse posicionamento dentro da área torna-se possível pensar em um processo de mediação que trabalhe com dispositivos info-comunicacionais atuando para desconstruir um discurso de base colonial, que animaliza um atleta mesmo quando tenta construir através de sua imagem um elogio.

Como já estamos íntimos e já falei sobre minha caminhada na área para vocês, vou compartilhar mais uma coisa, nesse pouco mais de uma década que tenho atuado em BCI e dos meus estudos sobre decolonialidade, eu consegui perceber e encontrar muitas pessoas que atuam na práxis em BCI conscientes de seu papel na sociedade e, portanto, capacitadas para formularem reflexões e realizarem diagnósticos críticos a respeito do contexto social, político e econômico que os cercam.

Tenho o desejo que essa tentativa de escrita-espetáculo alcance as pessoas do campo. Eu almejo que esse trabalho possa ser uma ferramenta de auxílio contra a mediação teratológica que está próximo a nós e inserido nesta discussão. Convido as pessoas a participar desse jogo através da busca por perspectivas dialéticas da mediação para a construção e compreensão dos objetos info-comunicacionais, ou seja, dos objetos com os quais se preocupam a epistemologia em BCI, esse pode ser um desvio, um drible que contribui de maneira decolonial e quiçá contracolonial dentro do nosso campo e da sociedade.



5 VOLTAR, PARA AVANÇAR (CONSIDERAÇÕES FINAIS)

Vocês sabiam, eles não saem apenas para passear, ou ficar aqui voando entorno das nossas luzes até morrer só para nos chatear como a gente imagina. Dizem que fazem parte de uma casta na organização da colônia. O Siriri é o reprodutor que tentará se instalar em locais apropriados para iniciar uma nova colônia.

Sim, naquele dia, eu estava sentado na calçada os observando, comecei a ter uma certa curiosidade por eles. Quanto mais você os observa, mais consegue perceber o quanto existe de dança entre o Siriri e o foco da lâmpada. De repente uma revoada, uma multidão, eram muitos, já não enxergava direito, mas sei que vinham em minha direção.

Eu me levanto, vou em direção à porta, tento entrar na casa, mas ouço: “Para, para! Tá correndo por quê? Num é você que gosta de foco?”

Siribi mata a escuridão

Siriri, sou eu

dançando a luz do camburão

Siriri pede a luz casamento

Siribi diz não!

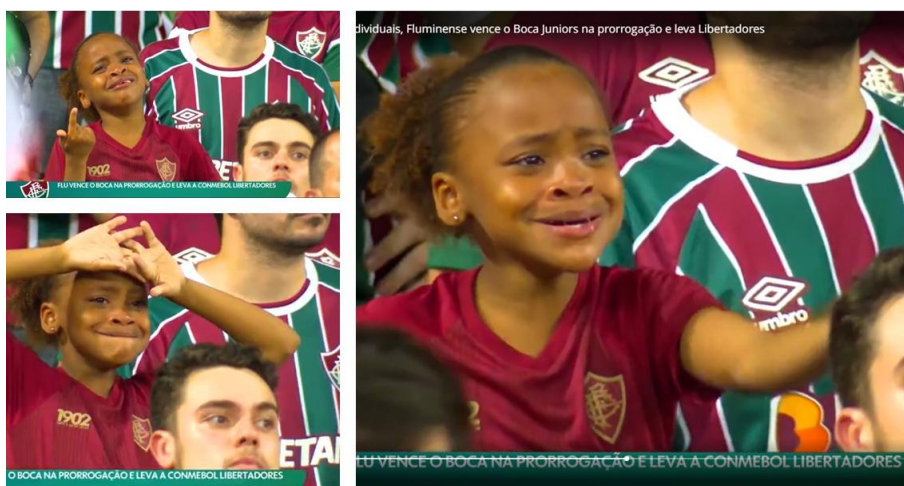
O corpo zumbi ainda é essencial para cumprir a agenda do capital, por intermédio da força e da violência, principalmente fazendo uso de estratégias e aparatos do Estado. Esses corpos em sua maioria são de pessoas negras, tratados como objetos, reificados, tendo como finalidade sempre uma valorização monetária.

Borges (2019) diz que a ideia linear de progresso que fundamentou o empreendimento colonial que culminou no triunfo do capitalismo e da tecnociência, nos ensinou que o projeto de Modernidade carrega em seu germe a ideia de perpétua crise. Essa mesma crise que não permite uma educação de qualidade, fazendo com que os processos epistemicidas instaurados para sustentar a colonialidade se arrastem até os dias atuais, processos esses que colocam pessoas negras à margem das sociedades e sempre no foco do siribi.

Por isso, parece-nos viável propor essa metáfora e associar a colonialidade, principalmente a do saber ao corpo zumbi, a enxergamos como uma tentativa de popularizar o debate do princípio da ausência e da prática epistemicida aplicada

aos corpos coloniais e seus saberes, que resistiram, e ainda resistem (Pelé e Garrincha não perdem; Zózimo está cuidando deles na outra intermediária), ao tornarem-se desviantes, e que aqui chamamos de corpos dribladores ou Zumbi, tendo como fio condutor a ideia da decolonialidade como uma possibilidade epistemológica as violências que lhes são impostas no campo acadêmico e nessa sociedade neocolonial e neoliberal.

Figura 9 -- A angústia do empate - Final da Taça Libertadores 2023



Fonte: O autor, fotomontagem a partir de vídeos. BARROS, D.;SIQUEIRA,F. Conheça Luzia Isabelly, a torcedora mirim que viralizou no título do Fluminense. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/fluminense/noticia/2023/11/06/conheca-luzia-isabelly-a-torcedora-mirim-que-viralizou-no-titulo-do-fluminense.ghtml>. Acesso em 20 nov. 2023.

Esse é um espetáculo Zumbi que, de alguma forma, tenta narrar e entender dialeticamente como a figura do zumbi (corpos reificados) ainda suscita debates na cultura contemporânea, principalmente operando numa chave de análise do viés racista que recai sobre esta figura e seus desdobramentos epistêmicos dentro das discussões atuais, tendo consciência que não basta apenas trazer os corpos subalternizados, ou como estamos chamando, corpos zumbificados para dentro da discussão, vai além e destaca que é necessário considerar seu protagonismo. Isso é o que bell hooks (2019) nos ensina, ao nos alertar sobre a importância das construções de olhares e representação a partir da raça.

Figura 10 - Gol de desempate. É muito mais do que futebol. Final da Taça Libertadores 2023



Fonte: O autor, fotomontagem a partir de vídeos. BARROS, D.;SIQUEIRA,F. Conheça Luzia Isabelly, a torcedora mirim que viralizou no título do Fluminense. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/fluminense/noticia/2023/11/06/conheca-luzia-isabelly-a-torcedora-mirim-que-viralizou-no-titulo-do-fluminense.ghtml> . Acesso em 20 nov. 2023.

Também é para isso que Fanon (2008), ao denunciar a máscara branca aponta, o zumbi epistemológico, portanto, é a alienação do negro, esse fenômeno que é socialmente construído e opera como um mecanismo notável do colonialismo que atualmente funciona como uma sistemática estrutural e estruturante do capitalismo. A partir de então observa-se que a ideia de raça, para além dos domínios coloniais, funciona como um mecanismo de distribuição de diversas formas de privilégio em sociedades profundamente marcadas pelas desigualdades sociais que visa a construção de um corpo colonial/zumbi, um corpo que pode ser manipulado, lucrativo e servil. Manipular informações e o controlar o conhecimento é elemento crucial para sucesso dessa dinâmica.

O princípio da ausência destacado por Kilomba (2020) é uma das estratégias zumbi eficaz para controle de informação e conhecimento dos subalternizados, sendo assim, é preciso reforçar algumas questões para que deixem de ser ausentes em determinados espaços, principalmente os de poder, por exemplo, inserir em debates acadêmicos a discussão do ser negro, um zumbi da contemporaneidade. O filósofo Achille Mbembe, em seu livro traduzido para o português como "Crítica da Razão Negra", nos aponta que o "Negro" é uma construção material e fantástica, que passou por três fases, do século 15 ao 19,

através da espoliação organizada do tráfico transatlântico de escravos. Em seguida, vem a fase da luta por direitos que é representada por um acontecimento simbólico para todo o mundo, o fim do *apartheid*. E a terceira fase é a da globalização dos mercados, da privatização do mundo sob a égide do neoliberalismo.

Dentro dessa fase ele nos alerta que caso o negro consiga, em meio a toda essa tormenta, sobreviver àqueles que o inventaram, basicamente não verá grandes mudanças, já que cada vez mais o neoliberalismo produz desigualdades onde toda a humanidade subalterna pode se tornar efetivamente negra. E segue dizendo que, sem o "Negro", o capitalismo não teria podido se desenvolver desta forma como se desenvolveu e ainda se desenvolve, transformando continuamente as pessoas em mercadorias, ou seja, quanto maior esse sistema fica, de mais pessoas negras ele precisa, portanto:

Ainda mais característica da fusão potencial entre o capitalismo e o animismo é a possibilidade, muito clara, de transformação dos seres humanos em coisas animadas, dados numéricos e códigos. Pela primeira vez na história humana, o substantivo negro deixa de remeter unicamente à condição atribuída aos povos de origem africana durante a época do primeiro capitalismo (predações de toda a espécie, destituição de qualquer possibilidade de autodeterminação e, acima de tudo, das duas matrizes do possível, que são o futuro e o tempo). A essa nova condição fungível e solúvel, à sua institucionalização enquanto padrão de vida e à sua generalização pelo mundo inteiro, chamamos o devir-negro do mundo. (Mbembe, 2018, p. 19)

O Intelectual Vinicius Santana (2022) recorre ao dispositivo de racialidade elaborado por Sueli Carneiro para poder dialogar com Mbembe (2018).

Embora o dispositivo de racialidade adquira contornos específicos a partir do séc. XVIII, Carneiro identifica que ele se constitui inicialmente no colonialismo como um contrato entre brancos que funda a supremacia branca global. A filósofa argumenta que o contrato social abriga o contrato racial — conceito retirado de Charles Mills (1997) —, um contrato restrito aos racialmente hegemônicos que transforma os não-brancos em objetos de subjugação (Carneiro, 2023, p.37).

Sob o pretexto de um contrato social supostamente neutro, o contrato racial funda um Estado racial que, enquanto garante a igualdade e liberdade aos brancos (cidadãos plenos), legitima a violência contra os não-brancos, aprisionados no

estado de natureza e considerados selvagens. “O contrato racial emerge como um elemento estruturador do dispositivo de racialidade, que fundamenta um acordo de exclusão e subalternização dos negros e perpetua a branquitude em todos os espaços de poder. (Santana, 2022, p. 7)”.

Seguindo no artigo de Santana (2022), parafraseando Sueli quando ela cita ter ouvido uma fala de Lélia Gonzáles “parecia que ela estava dentro do meu cérebro organizando tudo que inquietava, tudo que eu sentia, que eu não conseguia formular [...]” Agora faz sentido, eles têm todos os tipos de artimanhas para não deixar que avancemos, a própria Sueli Carneiro sofreu muito até chegar até a sua tese e onde está hoje. No texto de Santana (2022) em uma entrevista Carneiro relata que sofreu um atentado epistêmico, no ano de 1980, ao concluir sua graduação ela elaborou um projeto de mestrado sobre filosofia africana contemporânea. A ideia era abordar o conceito de etnofilosofia, do filósofo beninense Paulin Hountondji, com uma proposta de pensar as formas de apropriação que alguns estudiosos fazem das tradições culturais negras. Porém, nenhum docente do Departamento de Filosofia se dispôs a orientá-la, pois consideravam que não se produzia filosofia em África, mas somente “tradição oral”. Neste artigo, além de vermos o atentado contra Sueli Carneiro, também presenciamos o epistemicídio praticado aos inúmeros países africanos e as suas inúmeras matrizes de produção de registros e organização de conhecimento.

Mas como dizem, eles podem ser grandes, mas nois é ruim, Sueli Carneiro naquele momento tinha outras urgências, precisava ajudar os seus, resolver outras demandas que naquele momento perceberá ser mais importante e que a academia não estava pronta e não podia “certificar”. Mas voltou, dessa vez trazendo ainda mais bagagem, e com essa maturidade e força que somos obrigados a ter, Carneiro chega ao seu trabalho intitulado “A construção do outro como não-ser como fundamento do ser”, essa é sua tese defendida em 2005 e que torna-se importante instrumento de estudo para o pensamento negro, mas que infelizmente pelos efeitos do princípio da ausência só foi publicada como livro no ano de 2023 e recebeu o nome de “Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser.”

Carneiro é escalada em nosso time como centroavante justamente pela importância que essa sua obra ganha na contemporaneidade, mesmo tendo mais

de vinte anos, a autora é quem melhor decifra os processos que esse espetáculo enxerga como a força motriz que dificulta outras jogadas nessa partida chamada história e organização do conhecimento.

Essa força Carneiro (2005, p.97), chama de epistemicídio,

é “um processo persistente de produção da indigência cultural” que se dá em duas principais vias: pela negação da racionalidade do outro e pela imposição cultural. Mas existe um adendo importante, o epistemicídio — é o assassinato da razão de pessoas negras promovido pelo colonialismo europeu — emerge como um elemento constitutivo do dispositivo que influencia as hierarquias raciais no campo educacional. Ao rebaixar a razão negra, o epistemicídio permite que os saberes africanos e afro-diaspóricos sejam invisibilizados e anula a posição do negro enquanto sujeito portador/produtor de conhecimento, transformando-o em objeto de conhecimento ao mesmo tempo em que consolida a supremacia intelectual branca.

Quando Carneiro (2005) nos alerta para a ausência de razão que o epistemicídio promove, ela está denunciando o discurso de poder que dispositivo raça criou, e assim justificou todo tipo de atrocidade aos corpos de pessoas negras alegando que essas pessoas eram destituídas de consciência, em linhas gerais, consciência é o sentimento ou conhecimento que permite ao ser humano vivenciar, experimentar ou compreender aspectos ou a totalidade de seu mundo interior, ou seja, o epistemicídio tinha e ainda tem como principal missão matar a subjetividade de pessoas negras, produzir zumbis. Se a epistemologia da BCI não manifesta tal condição, ela seguirá se reelaborando como força epistemicida, massacre dos saberes.

Essa peça-dissertação parte de uma tríade: a linguagem teatral na forma, a pesquisa teórica sobre a ideia de raça e uma escrita subjetiva para falar do coletivo se conectando através de autores que se inserem dentro do que na atualidade convencionou-se chamar de decoloniais e contracoloniais.

Apoiado nos ombros dessas pessoas gigantes, a peça buscou uma metáfora que versa sobre diferentes formas de olhar. Essas autorias nos alertam que é por meio dos espaços educacionais (para nós, centralmente, as instituições informacionais) onde o epistemicídio mais se estrutura. Encarar a epistemologia em BCI sob esse ângulo, um campo de estudo que cuida da preservação e acesso ao conhecimento elaborou-se a seguinte argumentação para pensar o ensino dentro do campo: Por meio do princípio da ausência que se constituiu a zumbificação

epistemológica, quando o acesso a determinados tipos de conhecimentos são inviabilizados, deturpados ou apagados, essas artimanhas são processos oriundos da colonialidade e tem por finalidade a exploração, o controle, pois trata a informação como ferramenta de poder. Ou seja, dessa maneira, por meio do controle de informação opera-se sobre a produção de conhecimento criando assim corpos zumbis, dentro de uma estrutura neocolonialista e neoliberal são úteis para a produção de riquezas, consumo, mas não servem para representação do intelecto ou mesmo para usufruir da própria riqueza que muitas vezes produzem. Em suma, o campo ao não identificar o princípio da ausência contribui para zumbificação epistemológica que por vezes pode se desdobrar em um epistemicídio.

Os exemplos de Fanon, Wilson Simonal e Vinicius Jr apresentam-se nesse espetáculo não à toa. Ambos representam bem esse processo de zumbificação. Cada um à sua maneira encontra dificuldades em seus respectivos ofícios quando resolvem desafiar o sistema e não cumprir com o que lhes foi atribuído, Fanon teve sua tese, “Pele negras, máscaras brancas”, recusada na academia, porque desafiava os intelectuais da época a considerar as questões de raça dentro do campo da psiquiatria, isso foi considerado menos relevante.

Uma análise feita pela escritora e artista Grada Kilomba (2020) em relação à máscara facial de metal, que foi uma tecnologia de tortura, que é um símbolo das políticas de silenciamento do colonialismo e que representa fisicamente a colonialidade do saber e do ser, apresenta elementos que demonstram o quanto este instrumento corroborou para a violência epistêmica, visto que, ao tapar a boca do sujeito negro com a máscara, o mesmo era impedido de falar, ocasionando uma relação extremamente desigual de saber-poder.

A partir dessa perspectiva de sujeitos que foram historicamente silenciados é que a sociedade passa a construir-se epistemologicamente dentro de uma perspectiva única - colonial, branca e patriarcal. Nesse ponto, a questão levantada por Kilomba (2020) dialoga com a discussão da máscara branca de Fanon recusada pela academia. Ambas possuem uma violência não só epistêmica, mas também física, que força uma assimilação com os saberes brancocêntricos. Tal assimilação é muito semelhante ao que corpos negros têm enfrentado dentro dos espaços acadêmicos, logo, informacionais (bibliotecas, arquivos, museus), ou seja, a assimilação é a máscara que cala nossos saberes, sufoca nosso conhecimento,

mata a nossa intelectualidade, mas não permite que esses corpos morram de fato, afinal, necessitam deles para trabalhos desprovidos de “razão”. Esse mecanismo é o que entendemos como zumbificação epistemológica.

Wilson Simonal, enquanto cantava músicas dançantes em um momento que o país vivia uma ditadura e pessoas negras eram perseguidas, presas sem motivo nenhum, estava tudo bem, quando tocou em questões raciais em sua música, teve sua carreira devastada, viveu como um exilado em seu próprio país, foi tachado de cagueta. Sabem o que é isso para um homem negro vindo de periferia? Morreu carregando inúmeras culpas, como se fosse um traidor, assim como fizeram com o craque goleiro Barbosa após a final de 1950.

Que histórias habitam do outro lado do Atlântico, em África? Como será que um menino é enunciado em sua vida escolar naquele continente ancestral? Como os familiares se referem ao cabelo, nariz ou aos lábios fartos de seus descendentes? Quais músicas esses ancestrais cantavam para seus filhos quando eles não passavam de apenas uma promessa de humano? Essas coisas eu não sei, conheço apenas o outro lado, contido nos limites dos navios negreiros, do cárcere e da desonra. Sei que no Brasil um menino negro em idade escolar é uma criança preta, por vezes pobre, chamado de moreninho, pretinho, buiu, macaco etc. Aqui o cabelo crespo é ruim e o nariz e lábios grossos são feios. Que quando ainda se é apenas um bebê se é assombrado com a cantiga de um “boi da cara preta” que pega os meninos. Aqui, sabe-se, desde muito pequeno, que a beleza, nobreza, justiça e honra não foram reservadas para a negritude e que para alcançar, por menor que seja, esses valores são preciso passar pelo escrutínio da branquitude que exigirá, em últimas instâncias, que a pessoa negra se afaste de sua ancestralidade, buscando vir a ser uma pessoa branca que, obviamente, nunca conseguirá. (Missiatto, 2021, p. 254).

Vinícius Jr, jogador de futebol, nos últimos anos considerado o melhor brasileiro em atividade, na temporada 2022/2023 campeão de quase tudo, era certeza que figuraria entre os melhores do mundo no seu esporte, até se posicionar na luta contra o racismo. Ficou fora da lista de melhores do mundo, surpresa para o mundo dos esportes, mas não para o mundo da práxis antirracista.

O racismo no futebol exigia dos negros e mulatos o intenso cuidado em desviar, não tocar em jogadores brancos, pois em alguns casos, isso poderia provocar agressões. A constante exigência de dribles e habilidades dos jogadores de cor foi essencializando uma forma de prática futebolística baseada na ginga, habilidade e talento. Na verdade, isso teve sua contribuição para o futebol-arte. (Rodrigues, 2004, p.276)

Ou seja, todos eles reivindicaram sua subjetividade, esse conceito que está atrelada à ideia da razão, a constituição de uma noção de sentido ou percepção que o ser humano possui do que é moralmente certo ou errado em atos e motivos individuais. Trata-se de um conceito intimamente relacionado aos termos como "Eu", "existência", "pessoa". O recado recebido, foi, vocês até podem brincar, mas lembrem-se de quem é a bola.

Tal recado é o que o filósofo Achille Mbembe (2018) já nos disse: eles são negros, e negros jogam bola, mas não podem ser donos da bola. Trata-se de uma construção material e fantástica - nos desdobramentos de suas pesquisas ele afirma que o negro é toda a humanidade subalterna. Partindo desse lugar, busca-se levantar uma discussão entre a ideia de consciência e sua relação com a matriz colonial. É necessário que isso seja dito, pois enquanto houver um modelo social onde a branquitude nega que negros tenham consciência, negam que o negro seja capaz de constituir sua subjetividade, estaremos fadados a fazer o debate racial na profundidade de um pires, e isso se aplica a reformulação de acervos, de formas de acesso, de escolhas para preservação de bens culturais, de políticas decoloniais de popularização dos saberes.

A partir do condicionamento do debate racial numa perspectiva de uma moral cristã ocidentalizada, muitos dos debates sobre racismo na sociedade foram tratados como uma patologia individualizada. Mas como aponta Almeida (2018), o racismo não é um inimigo que se combate no campo da moralidade. Atitudes racistas não partem de uma ação individual, o que não quer dizer que cada indivíduo não deva se responsabilizar e lutar contra o racismo. Mas o racismo é um inimigo maior, que deve ter suas práticas e suas raízes analisadas dentro de um contexto social. Isso leva à responsabilização com uma luta que estabelece uma crítica à sociedade. Ser antirracista é estar o tempo todo destruindo o pacto da branquitude (o universal formal) que estabelece para si uma centralidade na organização e produção de informações que os coloca como donos da bola, da história e do conhecimento.

Almeida (2018) está nos alertando para a necessidade de conhecermos bem a estrutura do racismo, dado que a raça foi uma tecnologia usada pelos colonizadores para propagar ideias de dominação. Raça é uma tecnologia da Modernidade assim como a imprensa de Gutemberg, que, guardadas as

proporções, podemos dizer, ajudaram os corpos formais (“universal”) a criar uma narrativa única do que é normal, e assim, produzir e reproduzir preconceito e discriminação com o que consideram desforme. Desta maneira, pode-se pensar essas tecnologias como elementos estruturais para a concepção da sociedade moderna, em específico a tecnologia do racismo fundamenta e normatiza interações sociais. São tecnologias da informação a serviço do epistemicídio em bibliotecas, acervos, museus..., pois determinam formas de preservar, de classificar e de disseminar conhecimentos.

Infelizmente, o conhecimento amplamente propagado ainda diz que o ser universal (“formal”, “padrão”), o ser racional, o não selvagem é sempre o branco, e que os negros que quiserem o direito de figurar entre essa categoria precisam se adaptar (assimilar) aos costumes e tradições do ser humano branco. Tal afirmação só é possível por conta da forte reprodução da colonialidade.

Lendo essas autorias, reconhecendo-me enquanto sujeito negro dentro da contemporaneidade, diante do entendimento que tive do campo da BCI e das tentativas de me desvencilhar do processo de assimilação que o princípio da ausência dentro do campo me proporcionou, cheguei até aqui, encontrei os estudos decoloniais e algumas comunidades de resistência dentro da BCI. Isso me encorajou a escrever, e eu queria mesmo escrever uma peça de teatro, mas senti necessidade e urgência dessa peça-dissertação. Não foi fácil desenvolvê-la, a escolha por ela pode ter sido uma fuga, o medo do modelo formal e tradicional me colocava o tempo todo em rota de desvio.

A partir das muitas ausências em muitas disciplinas cursadas até aqui, foi possível notar a importância da discussão racial no e para o campo. Já que a informação é poder, e que as unidades de informação são importantes instrumentos na construção do saber, entendi que se trata de um território de disputa já que possibilitam a transformação do “ser”. É sabido que a epistemologia em BCI sempre teve uma função social. Pode-se dizer de compromisso anticolonial e antirracista, inclusive com tal função se fortalecendo a partir de demandas de comunidades de resistência, mas também é de conhecimento que essa disputa ainda encontra no princípio da ausência formas de manter a autoridade epistêmica centralizada no *status quo*. Portanto, cabe retomar Grada Kilomba (2020), essas ausências se dão ao longo da história social do conhecimento não por falta de informação, muitas

vezes o excesso delas é que ajudou na invisibilidade de certas pautas. Excesso esse que Jota Mombaça (2021) coloca em xeque em uma pergunta, o que acontece quando nos deparamos com o fim deste mundo como nos conhecemos? Essa pergunta não é feita para nós, tido como os Outros, mas sim para eles, os tidos como a norma.

Fazendo jus a sua proposta de um livro que se apresenta em uma coleção intitulada encruzilhada ela os presenteia com a seguinte reflexão:

A hipótese de “perder o mundo” é indutora de uma ansiedade profundamente enraizada nas subjetividades brancas, na medida em que o mundo como nos foi dado conhecer é, precisamente, a infraestrutura da vida branca. Lidar com essa ansiedade é, portanto, parte fundamental do trabalho das alianças brancas, sendo que isso frequentemente resulta em exploração do trabalho afetivo, político e intelectual de pessoas negras. Assim quando uma pessoa branca diz “usar seu privilégio” para “dar voz” a uma pessoa negra, ela o diz na condição de que essa “voz dada” possa ser posteriormente metabolizada como valor sem com isso dismantelar a lógica de valorização do regime branco de distribuição das vozes. (Mombaça, 2021, p.41)

Esse tipo de comportamento produz a forma hegemônica de organização do conhecimento, e de certa maneira, o que Mombaça nos apresenta como regime branco dialoga com as ideias discutidas aqui anteriormente de regime de informação, já que a validação e o controle dessas vozes acaba desdobrando-se na colonialidade que possibilitou que alguns saberes fossem contaminados e/ou mortos, mas não mortos por causas naturais, foram assassinados, ou estão contaminados por uma alienação que cria os chamados zumbis epistemológicos. Hoje, dentro dos estudos em BCI se fala muito de pós-verdade. Porém, ao nos depararmos com os estudos decoloniais e com a metáfora zumbi, notamos que a pós-verdade não é um fenômeno recente, é muito antigo - por exemplo, a história dos zumbis do Haiti, apresentada anteriormente, apenas levava outro nome, atendia por verdades criadas e institucionalizadas, e agora atende por colonialidade do saber.

Ou ainda quando se fala de Gilberto Freyre e sua democracia racial, uma grande verdade criada, que fez uso de um instrumento popular para disseminar uma ideia e discurso acadêmico, o futebol.

À primeira vista, pode-se crer que o discurso de Freyre sobre o negro e o mulato fosse de enaltecimento ou que Freyre buscasse,

de alguma forma, o brasileiro perfeito, um «mulato eugênico». O propósito e o producto da mistura de raças deveria ser, por conseguinte, «escurecer» os brancos tanto cultural quanto espiritualmente. O futebol então seria a representação explícita do desempenho perfeito de uma «raça» ideal. Existe, no entanto, o chamado «discurso do silêncio» na obra de Gilberto Freyre, isto é, aquele discurso onde «é preciso não dizer para poder dizer» (Orlandi, 1990, p. 52). Por exemplo: quando se diz que os jogadores de futebol do Brasil (leia-se o povo brasileiro) têm um estilo de jogar «inconfundivelmente, distintamente nosso» e que o estilo europeu é «calculado, ordenado, matemático, apolineamente britânico», não se pensa no brasileiro como um povo disciplinado, de ordem. Ou ainda, quando se diz que «eles [africanos ou afrodescendentes] são os que tendem a reduzir tudo a dança – trabalho ou jogo» (Freyre, 2001, pp. 182-184), não se pode considerá-los «sérios», «racionais». Ao adjectivar os povos, Gilberto Freyre exclui a possibilidade de que o povo X tenha características do povo Y, ou seja, ele não afirma explicitamente que o brasileiro é indisciplinado, desordenado, mas diz isso quando referência, de forma oposta, os europeus. (Maranhão, 2006, p.447)

O que Gilberto Freyre está fazendo é, exatamente, o que estamos chamando de zumbificação epistemológica, faz uso de alguns dos conhecimentos e tradições negras para exaltar esses corpos, mas não coloca esses conhecimentos no campo da razão, esse corpo negro com essa episteme folclórica é apenas um receptáculo, uma casca. Quando ele se junta a matriz europeia, “mais organizado”, surgem aspectos epistemológicos que dão a esse corpo características mais racionais, o que entendemos que Fanon vai chamar de assimilação.

Em suma, o silêncio dado aos adjectivos relacionados a «racionalidade», «cálculo» e «ordem», no futebol brasileiro, reflectem a mesma opinião em relação à organização e à estruturação de sua sociedade. O processo do discurso de Freyre vai provendo o brasileiro de uma definição que, por sua vez, é parte do funcionamento imaginário da sociedade brasileira. Quando falava que «o que precisamos é de conciliar esse individualismo [brasileiro] com a disciplina [européia]», ou que são «os mestiços de cor mais transbordantes de energias animais ou de impulsos irracionais», o efeito ideológico de que os brasileiros de seu tempo são «indisciplinados» não nasce do acaso. Sua materialidade específica é o discurso. (Maranhão, 2006, p.447)

A pós-verdade é um processo que depende de uma ampla divulgação e de uma ampla disseminação. Hoje para combatê-la temos a possibilidade de uma ampla checagem. Aqui é o ponto onde a ideia de pós-verdade e colonialidade do saber se cruzam. Durante o período colonial as verdades criadas eram disseminadas, porém com baixa possibilidade de checagem, ou seja, a verdade

criada era produzida pelos colonizadores, raça, por exemplo, com uma capacidade de disseminação grande e com imenso controle sobre uma possibilidade de contra narrativa. Sendo assim, isso se espalhava e, logo, era a história oficial, dando origem ao conhecimento único, portanto universal.

Por exemplo, no Brasil vivemos a aproximadamente 520 anos ouvindo nas escolas que este continente foi descoberto, quando, na verdade esse continente foi invadido e massacrado. Então, a colonialidade e a pós-verdade são produtos a serviço de um mesmo patrão, o capitalismo.

Os corpos zumbis que esse espetáculo apresenta é um mito criado pelos brancos. Aqui no Brasil ele já levou vários nomes, por exemplo, democracia racial. De certa forma, esse mito criado pela branquitude se aproxima da lenda Vodou do Haiti. O sequestro dos negros para serem escravizados nas lavouras brasileiras tinha como intenção colocar todas as pessoas escravizadas nessa condição zumbi. Os senhores de escravos eram os feiticeiros que tentavam manter na base da violência como mortos-vivos, apenas produzindo riquezas para eles sem receber nada em troca, nem a humanidade lhes eram garantidas.

Nesse espetáculo, embora estejamos falando de valores, não é só de monetarização que se trata. Havia uma troca inversamente proporcional. Quanto maior ficam os valores nos bolsos dos feiticeiros, menor eram os valores éticos e morais com os corpos negros, apesar de toda a riqueza, isso ainda não era suficiente para serem humanos, precisavam do OUTRO. Assim é que se dá nosso conceito do zumbi. Eles precisavam dos subalternos para os trabalhos, mas não suportavam conviver com as vidas deles, pois aquelas vidas podiam colocar as suas em risco. A ideia presente nesse conceito trata de uma dependência gerada por resquícios coloniais de apagamento da história dos povos originários e afrodiaspóricos. É a constituição de superioridade dos colonizadores representada através do conceito de raça. Passam a usar esses corpos como mercadoria, tentam fazer com que essas pessoas esqueçam todos os seus valores, culturas e identidade. Exercem o poder sobre eles na tentativa de eliminar seus saberes e por consequência a sua alteridade, o EU, a subjetividade.

Tendo como cenário a produção e propagação de informação e conhecimento em espaços como, por exemplo, os dispositivos comunicacionais, ou, ainda, numa perspectiva mais ampla de pensar o acesso aos

meios educacionais, essa peça-dissertação busca colocar no foco a ideia de raça e seus desdobramentos a partir do princípio da ausência que culminou no que entendemos por corpos zumbis. Mas para além de inverter o foco de luz do siribi e pensar sobre a produção desses corpos, também busca estratégias de enfrentamento para superação e subversão desses dentro de uma matriz colonial, principalmente, no que diz respeito a subalternidade nos espaços acadêmicos, embora pareça um caminho utópico, na verdade idílico, mas já vem sendo aberto, e não é de hoje.

Sendo assim esse espetáculo é uma celebração aos que vieram antes e também uma contribuição que espera somar na construção da resistência, com muito cuidado, sabendo chegar, pisando nesse chão miudinho, a motivação aqui está na luz que enxergo através da fenda que minhas irmãs e irmãos já abriram no muro da hegemonia epistêmica - fenda essa, capaz de apresentar um horizonte nas discussões que buscam friccionar como o conhecimento dos terrivelmente outro (Borges, 2021), os não contemplados por uma concepção de humano e humanismo, os zumbis, na verdade, podem e devem fazer parte da história social do conhecimento.

A escolha vem de um lugar, que embora o espetáculo não seja sobre mim, ao mesmo tempo é, pois trata de alteridade, a partir das experiências vividas por mim dentro do ambiente acadêmico é possível falar sobre o nós, infelizmente, essa possibilidade coletiva e dada a partir de uma conexão muitas vezes traumática e dolorosa, mas também como aprendi com os jogadores escalado nessa partida, não só, é também por uma conexão ancestral.

A partir disso me sinto autorizado a escrever essa dissertação em forma de peça, numa tentativa de prosa. Quase numa conversa comigo mesmo e com todos e todas iguais a mim, que tenho tentado encontrar dentro da academia e do campo da BCI. A experiência da raça e do racismo faz com que esse meu EU, encontre-se com diversas outras experiências e outros EUs, o que acaba por transformar uma experiência subjetiva em coletiva, isso torna possível que esse texto não seja sobre mim, mas sobre nós.

Desta forma, a minha experiência empírica é usada para exemplificar o que defende Sueli Carneiro e representar meus pares, ao me constituir enquanto ser e não o Outro dentro do espaço da academia, eu me torno pretensioso, a tal ponto

de dizer que o conhecimento subalternizado está cada vez mais insubordinado, e quanto mais força contrária recebemos, mais resistência devolvemos. E para que tal pretensão não seja tomada como arrogância, faço questão de botar no meu texto que não escrevo nem sonho sozinho. Essa utopia é fruto de uma longa caminhada, nossos passos vêm de longe.

Por isso, para tramar e caminhar comigo, escolhi nomes que na cena contemporânea têm abalado as estruturas epistemicidas usando como arma a tecnologia da educação desuniversalizante.

Cabe destacar que o dispositivo da epistemologia funciona não só para investigar o conhecimento, mas também para definir o que é e o que não é conhecimento. Quando um epistemólogo se coloca numa posição de neutralidade a fim de pesquisar o processo de conhecer sem uma perspectiva crítica, promove uma “segregação” sob aquilo que é “científico”, “de valor”, “evoluído”, “desenvolvido”, em contraponto com aquilo que não o é, por não atender critérios característicos a um restrito grupo de conhecimento que substanciou a definição destes mesmos, ou por sequer ser tomado como saber candidato. (Amorim; Alves, 2022)

Dito isso, acredita-se que esse trabalho possui um compromisso social e ético na luta decolonial, possui plenas condições de fomentar um debate dentro da epistemologia em BCI, a partir de uma análise crítica aos modelos e aos padrões que o campo estabeleceu como universal. Vale lembrar que, no entanto, esse potencial ainda pode ser otimizado através de um contato maior, por parte dos estudantes e profissionais do campo, com as temáticas abordadas pela decolonialidade.

Até agora foi possível notar que a posição de objetificação que comumente é atribuída aos ditos subalternos dentro do campo do conhecimento, esse lugar da ‘Outridade’ não indica, como se acredita, uma falta de resistência ou interesse, mas sim a falta de acesso à representação, princípio da ausência (Kilomba, 2020). Ou seja, existe arraigado nesses espaços e na sociedade uma estrutura que não permite que as vozes das pessoas subalternas sejam consideradas como conhecimento válido, permanece uma estrutura que afasta as pessoas subalternas da razão, portanto da ciência e do conhecimento.

Não é que não tenham falado. Fato é que essas vozes têm sido sistematicamente desqualificadas, por exemplo, quando criam obstáculos para que pensadoras negras não consigam acessar a universidade ou quando conseguem acessar e não encontram referências que os contemplem dentro do que é apresentado como conhecimento universal.

Através dos pensadores e teorias apresentadas, permita dizer que “outros saberes” possuem o direito histórico de fazerem parte da história social do conhecimento. Não se trata de negar uma visão de mundo, mas, sim, contribuir com o pensamento dos que almejam a descolonização, a decolonialidade, a contracolonialidade do saber, busca acrescentar outras visões e promover a mistura delas. “Os conceitos emergentes de uma epistemologia subalterna visam o deslocamento da primazia do modelo de racionalidade fundado e gerido por uma política racista/colonial” (Simas; Rufino, 2018, p.27).

Mbembe (2018), por exemplo, aliado ao pensamento de Noguera (2013) contribuem para pensarmos estratégias do drible para olharmos para o que propõe bell hooks (2019). Um outro olhar para esse zumbi - existe uma outra possibilidade para ele, há um reencatamento capaz de assombrar os senhores é transformar esse adjetivo em nome próprio, zumbi para Zumbi. É possível desvincular a ideia de que os saberes dos negros é um conhecimento que está vinculado à emoção, enquanto o saber do branco está no campo da razão, esses teóricos em seus estudos demonstram que esses corpos reivindicam por suas subjetividades, e propõe uma discussão que apresenta um devir negro capaz de romper com essa universalidade formal.

Ainda sob a égide do drible, o jogo conta com a tabela entre Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino e suas propostas educacionais libertárias nomeadas por eles de filosofia das brechas, que nada mais é que um desvio, uma perspectiva de saída, uma cisão com o conhecimento universal.

Para contribuir nessa troca de passes, tendo a educação como campo e o gol sendo as práticas antiepistemicida através do acesso ao conhecimento, convocamos Allan da Rosa, jogador daqueles que atua pelas pontas, desses que usa a ginga para criar seus dribles. Esse estilo de jogo não pode ficar de fora, ele que nessa luta escolheu como artifício a capoeiragem das ideias, contribui trazendo para essa partida a malandragem dos bambas da capoeira de angola. Essa tecnologia que facilmente contribui para pensar uma proposta de mudança para a

história contracolonial do conhecimento. Essa é uma luta que parte não só da resistência física, da defesa, é também cuidado, preservação, é memória. Tudo nela é, meticulosamente, calculado, nunca tem lado, é feita em roda justamente para que se olhe para todas as pessoas presentes, quem chega entra na roda, ninguém fica de fora, mesmo quando não se sabe jogar.

Assim como Fanon, Mbembe e os Jacobinos, talvez a capoeiragem das ideias é uma maneira de irmos do universal formal para o universal concreto, onde os “terrivelmente outros” encontram saídas para não continuarem tendo os seus conhecimentos assassinados e ou contaminados.

Entrando em campo, sinto que o segredo está em propor que façamos uma roda, que nessa roda os que sempre tiveram oportunidade de jogar abram espaço para que outros também joguem, mesmo que eles não saibam o que esses outros trazem, que busquem aprender, que exerçam a sua zumbidade, que se desloquem para o lugar do outro, e só voltem a jogar quando puderem enxergar a todas as pessoas presentes na roda. Ou seja, para alguns é um processo de resistência, de desobediência epistêmica, para outros é um movimento de ampliação, abertura, trata-se da percepção e respeito com as epistemologias insurgentes, que não são novas, pelo contrário, sempre estiverem presentes resistindo arduamente à invisibilidade que buscava estabelecer o princípio da ausência.

Assim, lançando mão dos conhecimentos circundantes a esse pluriverso, atando o ponto do que chamamos de uma epistemologia das macumbas, buscamos transgredir com as estruturas coloniais do saber, enunciando e credibilizando a existência e as práticas de conhecimento desse outro historicamente subalternizado. Nessa perspectiva, o termo macumba se expressa de forma ambivalente, é lançado como a expressão que resguarda a intenção de regulação de um poder sobre outro – neste caso, do colonialismo para com as práticas colonizadas -, mas também aponta um vazio deixado. É neste vazio – fresta – que eclodem as táticas de resiliência que jogam com as ambiguidades do poder, dando golpes nos interstícios da própria estrutura ideológica dominante. Assim, as culturas identificadas como macumbas emergem tanto de seus repertórios vernaculares quanto dos vazios deixados pela ordem ideológica vigente (Simas; Rufino, 2018, p. 14)

Ainda contando com as contribuições de Simas e Rufino (2018), temos um encontro com o pensamento de Sueli Carneiro no que tange a discussão do epistemicídio.

a construção do cânone ocidental alçou a sua edificação em detrimento da subalternização de uma infinidade de outros conhecimentos assentados em outras lógicas e racionalidades. A pretensão de grandeza do cânone, na busca por ser o único modo de saber possível, provocou o dismantelamento cognitivo, o desarranjo das memórias, o trauma físico, simbólico e a perda da potência de milhares de mulheres e homens que tiveram como única opção o enquadramento na norma. Porém, em meio a essas travessias sempre existiram encruzilhadas para serem praticadas. (Simas; Rufino, 2018, p. 21)

Assim como Sueli Carneiro (2005) nos propõe a necessidade de pessoas negras se inserirem nas universidades exercendo seu direito humano de acesso à educação de qualidade, como uma saída ao epistemicídio, Rufino e Simas vão de encontro a esse pensamento propondo a ideia da construção de brechas nesses espaços, brechas essas que permitem uma análise epistemológica do que se entende como cânone, portanto universal.

Simas e Rufino fundamentam suas ideias a partir de um conceito que chamam de pedagogia das encruzilhadas,

tal conceito é definido como um contragolpe, um projeto político/epistemológico/educativo que tem como finalidade principal desobsediar os carregos do racismo/colonialismo através da transgressão do cânone ocidental. (Simas; Rufino 2018, p. 22).

Só que nos alertando não só para ocupação e abertura de fenda nesses cânones vem Allan da Rosa com o “conceito de pedagoginga”.

a miragem da Pedagoginga é firmar no fortalecimento de um movimento social educativo que conjugue o que é simbólico e o que é pra encher a barriga, o que é estético e político em uma proposta de formação e de autonomia, que se encoraje a pensar vigas e detalhes de nossas memórias, tradições, desejos [...] (Rosa, 2013 p. 15).

O que Allan da Rosa propõe se encontra com o que Carneiro propõe, ambos consideram a questão racial como um dispositivo de opressão e morte de conhecimentos dentro do sistema educacional. Nesse sentido, afirma:

O racismo opera por meio da busca de justificativas que fomentem a agressão e que justifiquem a destruição corporal ou simbólica do diferente por seus atributos, que parecem como ameaçadores ao racista, que projeta a diferença como algo que compromete a sua verdade, seus parâmetros e sua normalidade (Rosa, 2013, p. 26).

Ao partir de diferentes abordagens epistemológicas, buscou-se trazer para a discussão da história decolonial do conhecimento, os saberes renegados pelo

colonialismo e pela colonialidade, através do pensamento crítico, descolonial, decolonial e contracolonial, junto a uma breve aproximação do pensamento contracolonial foi possível fomentar um pouco mais esse debate em epistemologia da BCI e perceber que ambas as linhas de pensamento levam em consideração a história das pessoas subalternizadas dentro da constituição dos saberes, é uma proposta de análise histórica e social que rompe com a hierarquização do conhecimento, incluindo as classificações reproduzidas e/ou constituídas em BCI.

Trata-se de movimentos que trazem à superfície a necessidade de organização e valorização dos saberes tidos como marginais e subalternos. Mais que um campo teórico de estudos que apresenta respostas, são formas de se relacionar por meio da construção coletiva e cruzamento de vozes que se apresentaram como ferramentas para elaborar perguntas até antes tidas como menos importantes, levando em consideração o que nos apontam Grada Kilomba (2020) e Sueli Carneiro (2005) e Nego Bispo (2023), quando dizem que o campo acadêmico não é um lugar neutro, infelizmente, o campo intelectual, ou acadêmico, ainda é majoritariamente um espaço branco em que o direito de fala tem sido, sistematicamente, negado ou têm ausentado os sujeitos negros das discussões e referências bibliográficas, por exemplo.

Eles querem que alguém / Que vem de onde nós vem / Seja mais humilde, baixe a cabeça / Nunca revide, finja que esqueceu a coisa toda / Eu quero é que eles se...! / Eles querem que alguém / Que vem de onde nós vem / Seja mais humilde, baixe a cabeça / Nunca revide, finja que esqueceu a coisa toda / Eu quero é que eles se...! / Sou tempestade, mas entrei na mente tipo Jean Grey / Xinguei, quem diz que mina não pode ser sensei? / Ginguei, sim sei, desde a Santa Cruz, playboys / Deixei em choque, tipo Racionais, hey boy / Tanta ofensa, luta intensa nega a minha presença / Chega! / Sou voz das nega que integra resistência / Truta rima a conduta, surta, escuta, vai vendo. Tempo das mulher fruta, eu vim menina veneno / Sistema é faia, gasta, arrasta Cláudia que não raia / Basta de Globeleza, firmeza? / Mó faia. Rima pesada basta, eu falo memo, igual Tim Maia / Devasta esses otário, tipo calendário Maia / Feminismo das preta bate forte, mó treta / Tanto que hoje 'cês vão sair com medo de bu / Drik Barbosa, não se esqueça / Se os outros é de tirar o chapéu, nóiz é de arrancar cabeça (Emicida, 2015)

Porém, o fato de pautas ligadas às pessoas colocadas em situação de subalternidade ainda necessitarem de resistência para se estabelecer dentro do campo, denota que talvez em BCI segue encontrando dificuldades para cumprir com a função que se propôs. Desta forma, acredita-se que a construção de uma

epistemologia decolonial em BCI passa por produzir um diagnóstico e um prognóstico afastado e não reivindicado pelo coração do pós-colonialismo, envolvendo diversas dimensões relacionadas à colonialidade do poder, saber e ser.

Cabe ressaltar que não se trata de eliminação ou interdição de determinados saberes basilares do campo, apenas um outro olhar que busca demonstrar que a bússola pode mudar de mão, onde a direção para que se olha também pode ser outra.

Canta pra saldar, negô, seu rei chegou / Sim, Alaafin, vim de Oyó, Xangô / Daqui de Mali pra Cuando, De Orubá ao bando / Não temos papa, nem na língua ou em escrita sagrada / Não, não na minha gestão, chapa / Abaixa sua lança-faca, espingarda faiada / Meia volta na Barja, Europa se prostra / Sem ideia torta no rap, eu vou na frente da tropa / Sem eucaristia no meu cântico / Me veem na Bahia em pé, dão ré no Atlântico / Tentar nos derrubar é secular / Hoje chegam pelas avenidas, mas já vieram pelo mar / Oya, todos temos a bússola de um bom lugar / Uns apontam pra Lisboa, eu busco Omonguá / Se a mente daqui pra frente é inimiga / O coração diz que não está errado, então siga (Emicida, 2015).

Esse movimento é feito sem buscar substituição. O processo de decolonização não deve ser confundido com a rejeição da criação humana realizada pelo Norte Global e associado com aquilo que seria genuinamente criado no Sul, no que pese práticas, experiências, pensamentos, conceitos e teorias. O pensamento decolonial pode ser lido como um contraponto e resposta à tendência histórica de divisão de trabalho no âmbito das Ciências Sociais, dentre elas a BCI, na qual o Sul Global fornece experiência, enquanto o Norte Global as teoriza e as aplicam.

Mas mano, sem identidade somos objeto da História / Que endeusa "herói" e forja, esconde os retos na história / Apropriação a eras, desses 'tá na repleto na história / Mas nem por isso que eu defeco na escória / Pensa que eu num vi? / Eu senti a herança de Sundi / Ata, não morro incomum e/ Pra variar, herdeiro de Zumbi / Segura o boom, fi / É um e dois e três e quatro, não importa / Já que querem eu cego eu 'to pra ver um daqui sucumbir (não) / Pela honra vinha Mandume / Tira a mão da minha mãe/ Farejam medo? / Vão ter que ter mais faro / Esse é o valor dos reais, caros. Ao chamado do alimamo: Nkosi Sikelel mano. Só sente quem teve banzo. (Entendeu?) / Eu não consigo ser mais claro / Olha pra onde os do gueto vão / Pela dedução de quem quer redução / Respeito, não vão ter por mim? / Protagonista, ele é preto sim / Pelo gueto vim, mostrar o que difere / Não é a genital ou o macaco que fere / É igual

me jogar aos lobos / Eu saio de lá vendendo colar de dente e casaco de pele (Mandume, 2015).

Recorrendo às disciplinas estudadas ao longo da minha graduação e agora no mestrado junto ao PPGCI IBICT UFRJ, torna-se possível afirmar que nessa atual conjuntura as pessoas que atuam na práxis informacional têm a oportunidade e o dever social de combater essa lógica do saber universal formal. Cabe à essa pessoa contribuir na missão de combate à colonialidade do saber e, por sua vez, a luta anti-epistemicida. Embora profissionais da informação possam atuar em diferentes espaços, há um ponto que os interseccionam, a busca incansável pela democratização das mais variadas informações, dos conhecimentos e dos saberes.

Quando o pensamento decolonial lido como contraponto e ampliado em BCI, que é uma ciência social aplicada, que mesmo tendo a sua epistemologia tradicional baseada na colonialidade, mas que ainda assim carrega ao longo do seu desenvolvimento uma perspectiva progressista através do seu discurso de capacitar um profissional capaz de compreender processos socioculturais relacionados à produção, à circulação e à apropriação da informação. Faz-se necessário, portanto, repensar algumas mudanças na área, que vão desde suas práticas e de sua teorização, para dar espaço aos saberes e práticas não canonizados.

Blecaute

Já está acabando, eu sei, eu também estou cansado, nesse jogo geralmente nós pessoas pretas, são as os que mais correm.

Os refletores se acendem, por no mínimo 130 minutos uma porção de relva, verde, por vezes, verdinha, bem cuidada será iluminada, são entre 90 e 120 metros de comprimento por 64 a 75 metros de largura, linhas, nem sempre retas, mas sempre brancas, que ditam onde pode e não pode, o que tá dentro e o que está fora. Preto, com certeza você vai encontrar, seja no uniforme do juiz, com sorte o próprio juiz, as vezes pode ser em um detalhe da bola ou até mesmo nas camisas dos times. Claro vai ter muito preto na arquibancada, se bem que agora já não mais, com a força dos refletores das novas arenas, já não se vê tanto preto assim na torcida, mas tem preto sim em campo, os pretos que ainda fazem, ou deveriam garantir o espetáculo, o futebol que um dia ficou conhecido como o melhor futebol do mundo.

Ah, eu já ia me esquecendo, quando o jogo termina tem coletiva de imprensa, mas lá você não vê, preto! No final sob a luz do *spotlights*, ficam os diretores e técnicos.

Informação!

Diga!

Sabiam que o Brasil é o país que nunca teve sua Seleção Masculina fora de uma competição de Copa do Mundo? Sabiam também que de todas essas participações em copas, embora os times sempre estivessem cheios de atletas negros, a Seleção brasileira só convocou homens brancos para comandar suas equipes em toda a história dos Mundiais.

Lilian Thuram, ex-jogador da seleção francesa, campeão mundial em 1998, tem a resposta pronta para entender a questão: racismo.

É normal que existam muitos jogadores negros, eles podem ser atletas de alto nível porque têm capacidade física para isso. Mas para ser técnico precisa ser inteligente, disciplinado. E as pessoas duvidam que os negros podem ser isso” (Observatório [...], 2018).

É..., o futebol reflete a sociedade.

Na dialética entre Siribi e *Spotlights* o que sobra para nós?

Gostaria de lembrá-los que já não estamos mais dispostos a 130 minutos de refletores ligados para entretê-los, jogamos esse jogo não pelo Outro, mas por Nós, não serei mais domado, chega de Siribi, suas ausências não serão mais impostas a mim, portanto, sua tentativa de morte, seus atentados à minha *episteme* não surtirão efeito, entrei pelo seu rádio tomei você nem viu, estamos roubando a cena, o *spotlight* é nosso! Não quero seu crime, ver minha mãe jogar rosas, sou cravo, vivi dentre os espinhos treinados, com as pragas da horta. Pior que eu já morri tantas antes de você me encher de aulas. Não marca, nossa alma sorri, briga é resistir nesse campo de normas.

É mais do que fazer barulho e ver retomar o que nosso por direito / Por eles continuávamos mudos, quem dirá fazer história por livro feito / Entenda que descendemos de África e temos como legado ressaltar a diáspora de um povo oprimido / Queremos mais que reparação histórica, ver os nossos em evidência e isso não é um pedido / Chega de tanta didática, a vida é muito vasta pra gastar nosso tempo ensinando o que já deviam ter aprendido / Porque

mais do que um beat pesado é fazer ecoar na sua mente o legado de Mandume / E no que depender da minha geração, parça, não mais passarão impunes (Emicida, 2015).

Não, um não, muitos querem, que alguém, que vem de onde nós vem, seja mais humilde, baixe a cabeça, nunca revide, finja que esqueceu a coisa toda. Sou Vini Jr, vou driblar, dançar, eu quero é, que ele se ...! Nunca deu nada pra nós, caralho! Nunca lembrou de nós, caralho! Nunca deu nada pra nós, caralho! Nunca lembrou de nós, caralho! Ando com a morte no bolso, espinhos no meu coração. As hienas 'tão rindo de que, se o rei da savana é o leão? Essa peça-dissertação, é drible, é samba é a menção ao Zózimo, Vinicius Jr, Barbosa, Mario Lúcio (Aranha), Zumbi, ao Simonal que 'cês não vai foder.



REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ADLER, Melissa. **Cruising the Library: Perversities in the Organization of Knowledge**. New York: Fordham University Press, 2017a.

_____. Classification along the Color Line: Excavating Racism in the Stacks. **Journal of Critical Library and Information Studies**, [S.l.]n. 1, p. 1-32, 2017b.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

AMORIM, I. S.; ALVES, U. dos S. Biblioteconomia e Ciência da Informação: uma perspectiva decolonial. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, [S. l.], n. Especial, p.1-14, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/40490c>. Acesso em: 16 nov. 2022.

AVELAR, Philippe de. Das Antilhas para o globo: a pandemia zumbi. **Criação & Crítica**, n. 32, p.1-16, jul. 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/194874/184573> . Acesso em: 20 out. 2023

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p.89-117, ago. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n11/04.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2019.

BARROS, Douglas Rodrigues. **Lugar de negro, lugar de branco? Esboço para uma crítica à metafísica racial**. São Paulo: Hedra, 2019.

BENTO, Cida. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Biblioteconomia e Ciência da Informação. 2020. Disponível em: <https://sites.usp.br/calourofilo/cursos/biblioteconomia-e-ciencia-da-informacao/>. Acesso em: 6 maio. 2020.

BIRMAN, Joel. **Arquivo e Mal de Arquivo: uma leitura de Derrida sobre Freud**. Nat. um., São Paulo, v. 10, n. 1, p. 105-128, jun. 2008. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302008000100005&lng=pt&nrm=iso. acessos em 02 out. 2023.

BORGES, Rosane. **Democracia, reforma política, raça e gênero: qual o caminho possível?**. São Paulo, 15 setembro. 2021. Medium: @rosaneborges. Disponível em: <https://medium.com/@rosanesborges/democracia-reforma-pol%C3%ADtica-ra%C3%A7a-e-g%C3%AAnero-qual-o-caminho-poss%C3%ADvel-3d7c3c03a217>. Acesso em: 15 de nov. 2021.

_____. Prefácio. In: HOOKS, bell. **Olhares Negros. Raça e Representação**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

BROWN, Mano. Entrevista com Gilberto Gil. In: **Mano a Mano. [Podcast]**. Duração: 1h 51min. 13 jul. 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7z3F8xadAALDzqXPNQ7Dpr>. Acesso em: [data do acesso].

_____. Entrevista com Marina Silva. In: **Mano a Mano. [Podcast]**. Duração: 2h 13min. 10 ago. 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4bKuxIPKxYzTIXqtOkonM8>. Acesso em: 11 ago. 2023.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CARNEIRO, Sueli Aparecida. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. **Tese** (Doutorado em educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

_____. **Epistemicídio**. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/epistemicidio/>. Acesso em: 11 agosto 2019.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Blumenau: Letras Contemporâneas, 2010.

_____. **Discurso sobre o colonialismo**. 1. ed. São Paulo: Veneta, 2020].

DERRIDA, J., **Mal de Arquivo. Uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2001.

DORNELES, Dandara Rodrigues. Palavras Germinantes – **Entrevista com Nego Bispo. Identidade, São Leopoldo**, v. 26, n. 1 e 2, p. 14-26, jan./dez. 2021. ISSN 2178-437X. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/identidade>. Acesso em: 20 out. 2023.

DUSSEL, Enrique. **El encubrimiento del outro. Hacia El origen Del mito de La modernidad**. La Paz: Plural Editores, 1994.

EMICIDA. **Mandume**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2015. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/artist/1fBrFyuvNbbHed75ERmrXS>. Acesso em: 10 jan 2023.

EMICIDA; MONTENEGRO, Fernanda; LUZ, Larissa. **Ismália**. Composição: Emicida, Nave, Renan Samam. Laboratório Fantasma, 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0lvDrCwoPcDV60I7TuQPNI>. Acesso em: 10 jan 2023.

ESCOBAR, Arturo. Mundos y conocimientos de otro modo: el programa de investigación modernidad/colonialidad latinoamericano. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 1, p. 58-86, 2003.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

_____. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.

FAUSTINO, Deivison Mendes. “Por que Fanon? Por que agora?”: Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. 2015. **Dissertação** (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7123>. Acesso em: 15 nov. 2022.

FILHO, Mario. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. 344 p.

FROHMANN, B. Taking information policy beyond information science: applying the actor network theory. In: Annual Conference Canadian Association for Information Science, 23rd, 1995, Edmonton, Alberta. **Connectedness: information, systems, people, organizations - CAIS/ACSI 95**. Edmonton, 7-10 jun. 1995. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=40176306291e2cf81caecb4b6c9412853ae54031>. Acesso em: 17 abr. 2023.

GARCÍA-GUTIÉRREZ, Antonio Luis. Desclassificação na Organização do Conhecimento: ensaio pós-epistemológico. **TransInformação**, 2011. v. 23, n. 1, p. 5–14. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/475/455>. Acesso em: 05 jul. 2022.

GLES – Grupo Latino-americano de Estudos Subalternos. Manifesto inaugural. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; MENDIETA, Eduardo. **Teorías sin disciplina** (latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate). México: Miguel Ángel Porrúa, 1998.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Para uma reflexão epistemológica acerca da ciência da informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*. v. 6, n. 1, 2001. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/37093>. Acesso em: 11 nov. 2023.

_____. Escopo e abrangência da Ciência da Informação e a Pós-Graduação na área: anotações para uma reflexão. *Transinformação*, Campinas, v. 15, n. 1, p. 31-43, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/FwJWGzhN77SSYWNqwHHyYgw/?lang=pt>. Acesso em: 08 set. 2021.

_____. Novos cenários políticos para a informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 27-40, jan./abr. 2002. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/975>. Acesso em: 08 set. 2021.

_____. Novas configurações do conhecimento e validade da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 8., 2007, Salvador. *Anais[...]* Salvador, p. 1-15, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/171570>. Acesso em: 11 nov. 2023.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HAIDER, Asad. **Armadilha da identidade: Raça e classe nos dias de hoje**. São Paulo: Editora Veneta, 2019.

HOBBSAWM, Eric. **A Questão do Nacionalismo: Nações e Nacionalismo desde 1780**. Lisboa: Terramar, 2. ed, 2004.

HOOKS, bell. **Intelectuais negras. Estudos Feministas**, n. 2, p. 1-15, 1995. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/10/16465-50747-1-PB.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2021

_____. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

_____. **Olhares Negros. Raça e Representação**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

CLARO, Instituto. **O que é contracolonial e qual a diferença em relação ao pensamento decolonial? Escritor quilombola Nêgo Bispo explica perspectiva que se contrapõe à colonialidade**. 21 mar. 2023. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/podcasts/o-que-e-contra-colonial-e-qual-a-diferenca-em-relacao-ao-pensamento-decolonial/>. Acesso em: 01 abr. 2023.

JÉ DE OLIVEIRA, Farinha com açúcar. In: LIMA, Eugênio; LUDEMIR, Julio (Org.). **Dramaturgia Negra**. Rio de Janeiro: Funarte, 2018, p. 115-148.

JORGE BEN JOR. **Zumbi**. Composição: Jorge Ben Jor. Produção: Paulinho Tapajós. Universal Music Ltda., 1974. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/4SASmOXEaX8c4mK8RSHFJS>. Acesso em: 20 mai 2019.

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento, uma Palestra-Performance de Grada Kilomba**. São Paulo, Goethe-Institut, 2016. Disponível: <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2018/05/kilomba-gradaensinando-atransgredir.pdf>. Acesso em: 8 Mar 2022.

_____. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Jess Oliveira (trad.). Rio de Janeiro: Cobogó. 2020.

LIMA, Fátima. Trauma, colonialidade e a sociogenia em Frantz Fanon: os estudos da subjetividade na encruzilhada. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 72, n. spe, p. 80-93, 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672020000300007&lng=pt&nrm=iso. acessos em 25 out. 2023. <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.arbp2020v72s1p.80-93>

MACIEL, Maria Eunice. A eugenia no Brasil, **Revista Anos 90**, Porto Alegre, n. 11, 1999.

MAMEDE, Rodrigo Neres da Silva. O drible como estratégia de resistência negra no mundo elitista do futebol. **XVIII Jornada Ppgsa/lfcs/Ufrj**, Rio de Janeiro, p. 1-7, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/36060959/O_drible_como_estrat%C3%A9gia_de_resist%C3%Aancia_negra_no_mundo_elitista_do_futebol. Acesso em: 08 set. 2021.

MARANHÃO, Tiago. Apolíneos e dionisíacos: o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do "povo brasileiro". **Análise Social**, v. 41, n. 179, p. 435-450, 2006. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41012277>. Acesso em: 15 set. 2023.

MARIN, Pedro. Douglas Rodrigues Barros: não tivemos democracia racial, tivemos democracia racista. **Revista Opera**, 2019. Disponível em: <https://revistaopera.com.br/2019/09/24/douglas-rodrigues-barros-nao-tivemos-democracia-racial-tivemos-democracia-racista/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

MARIN, Pedro. Douglas Rodrigues Barros: **Não tivemos democracia racial, tivemos democracia racista**. 2019. Disponível em: <https://revistaopera.com.br/2019/09/24/douglas-rodrigues-barros-nao-tivemos-democracia-racial-tivemos-democracia-racista/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

MARTIN-SERRANO, M. **La mediación social: Edición conmemorativa del 30 aniversario**. Madrid: Akal, 2008.

MARTINS, Ana Amélia Lage. Em torno da mediação: contribuições para fundamentação teórico-epistemológica da categoria nos estudos da informação. **Ciência da Informação em Revista**, v. 6, n. 1, p. 4-19, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/6010>. Acesso em: 08 set. 2021.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=4Ox#:~:text=1%20Ato%20ou%20feito%20de,desvio%2C%20desordem%3A%20Aberra%C3%A7%C3%A3o%20mental>. Acesso em: 6 nov. 2022.

MIGNOLO, Walter. Postoccidentalismo: el argumento desde América Latina. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; MENDIETA, Eduardo (coords.). **Teorías sin disciplina: latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate**. México: Miguel Ángel Porrúa, 1998. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&pid=S0103-3352201300020000400028&lng=en. Acesso em: 19 ago. 2019.

MIRANDA, Karoline. **A gourmetização do Exu**. 2021. Disponível em: <https://karolinemiranda.medium.com/a-gourmetiza%C3%A7%C3%A3o-do-exu-64ae5caa188a>. Acesso em: 20 jun. 2022.

MISSIATTO, Leandro Aparecido Fonseca. Memoricídio das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.13, n.24, jan./jul. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria>. Acesso em: 20 out. 2023.

MOMBAÇA, J. **Não vão nos matar agora**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. 144 p.

MOREIRA, Ícaro, R. M. “Zombies! Aller Vite! Allez!”: Algumas considerações sobre o Zumbi do Cinema dos anos 30. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Antropologia). Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2016.

MOURA, Christian. Encontro com Christian Moura e Ferdinando Martins. **YouTube**, 20 abr. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3uhSKLDwzNM>. Acesso em: 8 set. 2021.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Compilador); GÁ, Luiz Carlos. **Adinkra – Sabedoria em símbolos africanos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva; apoio: Ipeafro, 2016. 232 p.

NASCIMENTO, Clayton. **Macacos: Monólogo em 9 episódios e 1 ato**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022. 72 p.

NAVASCONI, Paulo Vitor Palma. Uma releitura do texto “the Mask” de Grada Kilomba e sua importância para se pensar uma psicologia decolonial. **Revista Neiab**, v. 02, n. 02, p. 1-19, 2018. Disponível em: <http://sites.uem.br/neiab/revista-neiab/3-1.pdf>. Acesso em: 8 Mar 2022.

NOGUERA, Renato. O conceito de drible e o drible do conceito: analogias entre a história do negro no futebol e do epistemicídio na filosofia. **Revista Z Cultural (UFRJ)**, v. VIII, p. 34, 2013.

OBSERVATÓRIO da discriminação racial no futebol (Rio Grande do Sul). **Observatório da Discriminação Racial no Futebol**. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/>. Acesso em: 08 set. 2021.

_____. **Por que existem tão poucos técnicos negros?** 30 jun. 2018. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/por-que-existem-tao-poucos-tecnicos-negros/>. Acesso em: 21 jun. 2020.

PADIN, Guilherme. **De cabeça erguida: Técnico, poliglota e 'ser humano diferenciado': a história esquecida de Zózimo, bicampeão mundial pelo Brasil**. UOL, 1º nov. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/a-historia-esquecida-de-zozimo-bicampeao-pela-selecao/#cover>. Acesso em 20 nov. 2023.

PAVIS, P. **Dicionário da performance e do teatro contemporâneo**. São Paulo: Perspectiva, 2017

PESSANHA, Eliseu Amaro de Melo. Do epistemicídio: as estratégias de matar o conhecimento negro africano e afrodiaspórico. *Problemata*: **Revista Internacional de Filosofia**, v. 10, n. 2, p. 167-194, 2019. ISSN 2236-8612. DOI: <http://dx.doi.org/10.7443/problemata.v10i2.49136>.

PRETO, Fred Ouro (Dir.). **Emicida: Amarelo - É Tudo Pra Ontem**. Narração: Emicida. Produção: Evandro Fióti. Edição: Fernando Faria Freitas. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2020. 1 documentário (89 min), son., color. Disponível em: Netflix. Lançado em 8 de dezembro de 2020. Idioma: Português

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: Lander, Edgardo (comp.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales**. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

_____. La tensión del pensamiento latino americano [1986]. In: _____. **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. Buenos Aires: Clacso, 2014. p.697-704. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&pid=S0103-4014201800030039100032&lng=en. Acesso em: 19 de ago. 2019.

RACIONAIS MC'S. **Negro Drama**. In: Nada Como um Dia Após o Outro Dia. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 2002. CD.

ROSA, Allan da. **Pedagoginga, autonomia e mocambagem**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

REIS, Alexandre. 'Ele era da casa real da Etiópia': a obra de Jorge Ben e o fluxo de ideias e influências nos dois lados do Atlântico Negro'. In: XVI ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO: SABERES E PRÁTICAS CIENTÍFICAS, 2014, Rio de Janeiro. **ANAIS ...**, 2014. Disponível em: https://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400496108_ARQUIVO_TEXTOANPUHREGIONAL2014AlexandreReis.pdf. Acesso em: 08 set. 2021.

RINCON SAPIÊNCIA. **Ponta de Lança**. São Paulo: Boia Fria Produções, 2017. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/0Y8dSIRPhYGN96MoPCFj8c>. Acesso em: 15 dez 2017

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Sociologias**, n. 11, p. 260-299, jan. 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222004000100012>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/KNWRL45NFyxhynLWTxR7tsr/#> Acesso em: 22 mai. 2023.

RUFINO, L. Pedagogia das encruzilhadas Exu como Educação. **Revista Exitus**, [S. l.], v. 9, n. 4, p. 262 - 289, 2019. DOI: 10.24065/2237-9460.2019v9n4ID1012. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1012>. Acesso em: 15 nov. 2022.

RUNREPEAT. Racial Bias in Soccer: The Differences in Commentary Between Players with Different Skin Colors. Disponível em: <https://runrepeat.com/racial-bias-study-soccer>. Acesso em: 09 jul. 2023.

SAID, Edward. Traveling Theory. In: SAID, Edward. **The world, the text, and the critic**. Cambridge: Harvard University Press, 1983, p. 226 - 247.

_____. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Cia das Letras, 2007[1978].

SALDANHA, Gustavo Silva. Sem e cem teorias críticas em ciência da informação: Autorretrato da teoria social e o método da crítica nos estudos informacionais, uma bibliografia benjaminiana aberta. In: BEZERRA, Arthur Coelho. **iKRITIKA Estudos críticos em informação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.p.171-240.

SANCHES, J. **A conferência como estratégia dramatúrgica de desvio**. Cena, Porto Alegre, n. 31, p. 300-311, 2020.

SANCHES, Gabriel Augusto de Carvalho. **Sonho de arquivo**. 2022. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/sonho-de-arquivo/>. Acesso em: 13 ago. 23.

SANTANA, Vinicius. Sueli Carneiro. In: **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, v. 7, n. 4, 2022, p. 1-13. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/filosofas/sueli-carneiro/>. Acesso em: 20 jan.2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social. Tradução Mouzar Bedito**. São Paulo: Boitempo, 2007. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/inov/producao/seminarios/democracia-e-universidade-na-america-latina-projetos-e-experiencias-emergentes/disciplina-na-pos-graduacao/capitulos-ii-e-iii-renovar-a-teoria-critica-e-reinventar-a-emancipacao-social>. Acesso em: 12 de ago. 2019.

_____. **Pela Mão de Alice**. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

_____. **Construindo as Epistemologias do Sul: antologia essencial**. Buenos Aires: Clacso, 2018. 688 p. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Antologia_Boaventura_PT1.pdf. Acesso em: 20 de maio.2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. 637 p.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SAPIÊNCIA, Rincon. **Ponta de Lança**. São Paulo: Boia Fria Produções, 2017. Formato Digital.

SILVA, Cidinha da. **Um exu em Nova York**. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. Representações sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação em Biblioteconomia no Brasil. 2019. 521 p. **Dissertação** (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/1047/1/GARCES_Francielle_Versao%20%20%20Final_novembro_2019.pdf. Acesso em: 20 out. 2023

SILVA, Franciele Carneiro Garcês da; SILVA, Rubens Alves da. Da Ausência à Evidência: notas teórico-críticas sobre o Princípio da Ausência, Epistemicídio e Reparação Epistêmica em bibliotecas e Biblioteconomia. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, Brasil, v. 13, n. 1, p. 47–72, 2022. DOI: 10.11606/issn.2178-2075.v13i1p47-72. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/194447>.. Acesso em: 9 jul. 2023.

SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da. Feminismo negro e epistemologia social: trajetórias de vida de pesquisadoras negras em biblioteconomia e ciência da informação. 2020. 249 f.: il. **Tese** (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/1166/1/Tese-Doutorado-Leyde-2020-vers%C3%A3o-bdtd%20%281%29.pdf>. Acesso em: 20 out. 2023.

SILVA, Luísa Paula Fernandes e. Pele alva e pele alvo: uma análise do racismo na abordagem policial. 2022. 48 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Bacharelado em Serviço Social) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: A ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Márula, 2018.

SIMAS, Luiz Antônio. **Exu, Benjamin e as centelhas de esperança**. 2021. Disponível em: <https://iree.org.br/exu-benjamin-e-as-centelhas-de-esperanca/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

SIMAS, Luiz Antonio. O futebol é a metáfora da vida. Medium, [s.l.], 7 ago. 2019. Disponível em: <https://medium.com/@dozefutebol/luiz-antonio-simas-doze-convida-o-futebol-%C3%A9-a-met%C3%A1fora-da-vida-e97872390c12>. Acesso em: 10 mai. 2023.

VASCONCELOS, Daniel Tiago de. O eurocentrismo na historiografia e no ensino de história das ciências: a representação fílmica da medicina islâmica. 2021. 230 f. **Dissertação** (Mestrado em História) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2021. Disponível em: <https://www.pgh.ufrpe.br/sites/default/files/testes-dissertacoes/O%20Eurocentrismo%20na%20Historiografia%20e%20no%20Ensino%20de%20Hist%C3%B3ria%20das%20Ci%C3%A2ncias%20-%20a%20Representa%C3%A7%C3%A3o%20F%C3%ADmica%20da%20Medicina%20Isl%C3%A2mica.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2023.

VIGNAUX, Georges. **O demónio da classificação: pensar, organizar**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. '**Não me mandem fazer direito, eu não sou colonizado**', provoca Nêgo Bispo. Lavrador e pensador quilombola ministrou a primeira palestra do 52º Festival de Inverno UFMG. 15 set. 2020. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/nao-me-mandem-fazer-direito-eu-nao-sou-colonizado-provoca-nego-bispo>. Acesso em: 10 jun. 2022.

WEST AFRICAN WISDOM: **Adinkra Symbols & Meanings**. Disponível e: http://www.adinkra.org/htmls/adinkra_index.htm Acessado em: agosto de 2023.

ZAMARIANO, Márcia. Percurso histórico e construção do conceito. **Revista Contexto**, n. 21, 2012. Dossiê O Nome na Literatura (da Antiguidade ao século XVIII). DOI: <https://doi.org/10.47456/contexto.v0i21>. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/6488/4739>. Acesso em: 11 out. 2023.

EPÍLOGO

Mantega, era assim que me chamavam na USP Ribeirão, passei meus cinco anos no curso de Biblioteconomia e Ciências da Informação sendo chamado de Mantega, até meus professores me chamavam assim, esse foi o “nome” que ganhei por conta de uma tradição que existe na universidade de apelidar os calouros.

Mas apelidos nos roubam coisas importantes, o Nome, a identidade. Apelidos também produzem constrangimentos, no meu caso, Mantega me serviu de gatilho, foi mais ou menos assim:

“Oi, prazer, me chamo Mantega.

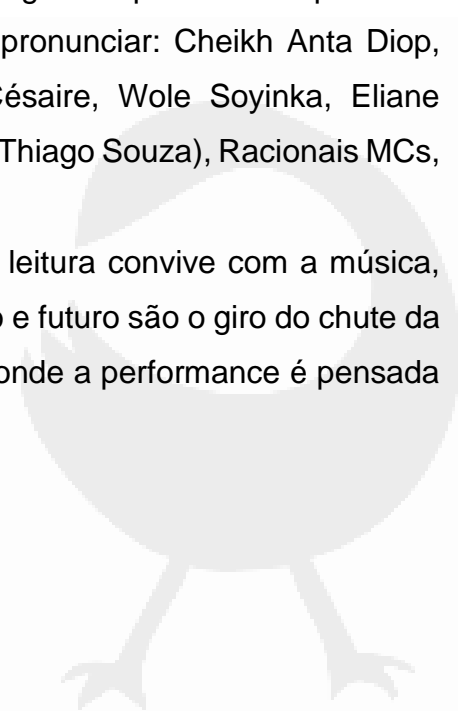
Mantega, que engraçado, só se for Mantega de amendoim né?”

A BCI não era minha primeira opção de curso, mas lá descobri que existiam brechas para que eu pudesse enfrentar falas como essa. Eu insisti na biblioteconomia porque enxerguei nela a possibilidade de mudança. Ao entrar no curso não encontrei muitas pessoas parecidas comigo, mas me deparei com muitas pessoas vindas de uma realidade parecida com a minha, isso me confortava. Era só uma questão de tempo e algumas batalhas para que em breve meus pares (cor/raça) estivessem ali.

Infelizmente em 5 anos de curso, a realidade não foi tão generosa e otimista como eu, mas algumas mudanças aconteceram, eu encontrei alguns companheiros de batalha que me fizeram chegar até aqui.

E aqui estou eu, diante de vocês, uma sala de aula, uma plateia, uma banca, que seja. E que alegria, apesar dos pesares, é estar aqui, que alegria é estar nesse espaço e poder ver você, você, Nós. Como é bom chegar nas prateleiras e perceber que a sonoridade dos livros tem mudado, é bom pronunciar: Cheikh Anta Diop, Maria Shu, Léopold Sédar Senghor, Suzanne Césaire, Wole Soyinka, Eliane Potiguara, Ailton Krenak, Graça Graúna, Thiagson (Thiago Souza), Racionais MCs, Conceição Evaristo, entre tantos outros.

É bom demais estar em um espaço onde a leitura convive com a música, onde a estória dialoga com a história, onde passado e futuro são o giro do chute da mesma bola, chutada hoje para alcançar o ontem, onde a performance é pensada para o leitor e leitor para a performance!



A possibilidade de um lugar que junta todos esses conhecimentos é que permite um pensamento utópico que aqui nesse espetáculo estamos chamando de decolonial, a decolonialidade proposta nessa peça-palestra materializado na ementa da disciplina e na biblioteca, é nosso drible, nossa picada na mata, a fuga da realidade distópica que sempre foi aplicada a nós pessoas negras.

Para essa fuga, apresentamos o nego fujão chamado Zumbi, sonhado lá atrás, sonho para nós pesadelo para eles, um ser dotado sim de razão, que ainda mantém sua tradição de assombrar seus algozes, Zumbi não é um morto vivo, ele vive está aqui, caminhou muito, mas nesse caminhar, apesar de tudo, muitas agruras, aprendeu muita coisa, e não veio em busca de vingança. Com seu conhecimento acumulado, veio para nos ofertar essa biblioteca, que em seu nome EU, gostaria de compartilhar com vocês. Mas assim como disse Conceição Evaristo, com certeza inspirada na filosofia dos nossos ancestrais Zumbis, as leituras e conhecimentos compartilhadas nessa biblioteca não são para embalar o sono dos da Casa Grande, e sim para assombrá-los em seus sonos injustos.

Portanto essa é uma biblioteca sonhada para ser um lugar de movimento, de mudança, de ação. Uma biblioteca onde as pessoas também se emprestam umas as outras, onde não existe só lugar de fala, mas também de escuta, e de escuta qualificada, a literatura ao pé da orelha também ensina.

Essa escuta se espalha e vira barulho, é uma roda, é quase uma roda de bobinho antes de começar o jogo sabe?

“Pensa, tá puxado! É possível chamar biblioteca de espaço usado?”

Claro, tem um monte de biblioteca aberta, e sendo usada por aí.

Não, tô falando de usado, no sentido daquele negão foda

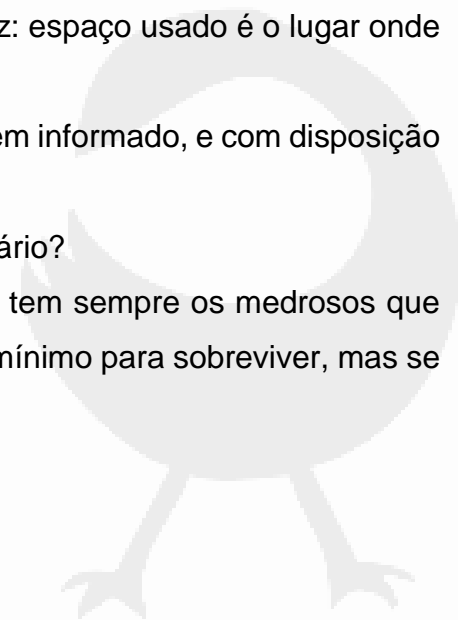
Qual?

O Milton Santos, aquele da geografia, que diz: espaço usado é o lugar onde o humano é considerado

Vixe aí fica embaçado, tem que ter alguém bem informado, e com disposição pra mediar as ideias entre o espaço e o povão

Ué, mas não é pra isso que serve o bibliotecário?

Pois é, mas, o POVO informado é perigoso, tem sempre os medrosos que dizem: A informação não é essencial, precisam do mínimo para sobreviver, mas se tiver demais podem se perder



Como pode não ser essencial, informação não é poder? Quem não gosta de poder? Poder ler é PODER! Não deixar ler, trata de quem terá a liberdade de poder ser, não é isso?

Sim e não, eis o impasse, dependendo da dose

Então como dosar?

O segredo está no equilíbrio, encontrar a média. E é aí que as pontas se confrontam

E quem resolve a equação?

A mediação!

Média o quê?

Mediação!

Mas isso serve pra quem?

Pra todo mundo

Não se resolve o problema de um, vai resolver o de todo mundo, onde isso seria possível?

Poderíamos começar tentando nas bibliotecas

Então você está me dizendo que com classefixação

Catalogação

Index e revista

Escolha, eliminação

Determinação

Não, não!

Isso aí é outra coisa, isso aí média ação, e eu tô falando é de mediação.

Dessas que é como uma ponte, um viaduto, uma conexão.

Tipo assim oh:

Vai corre

Opa, espera, cuidado

Tem carro passando

Tem gente gritando

O que é isso? Manifestação ?

Não, né não tio, é o lance da gringa

Poesia falada

Slammmmm

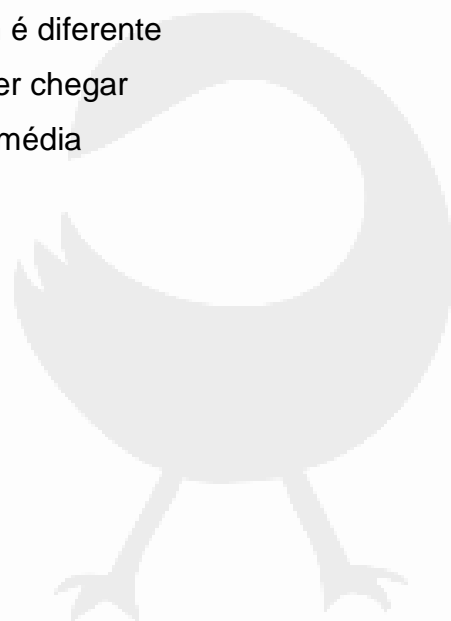


Uma ponte para leitura
 Com TICs aqui TICs ali
 Impressionante
 ex cultura
 de Rima
 Bugue, bugue, bugueee
 Rio pontes e
 overdrives...

Ri, não, tá rindo do quê? Pra quem? Presta a atenção, se liga na ponte!
 Pra onde?
 Ixe, acorda, que o mundo é diferente, da ponte pra lá

É over
 Over quê?
 Overdose
 Em quem?
 Na playdrogada
 Que é driver
 Essa eu sei, é que dirige,
 mas de quem se ta falando?
 Dos Boy
 De onde ?
 Da academia

Tô nem aí com eles, da ponte pra cá também é diferente
 Se engana quem pensa que não precisa saber chegar
 Quem chega tem que somar e só depois faz média
 Entrega ação!
 Entra na gíria,
 tira e se atira
 No corre da
 Vi... eatura



A dura

Vida de ser o que se é!

É massa, mas tu tá ligado que pra lá, o domínio do rio, as pontes, e impressionantes esculturas de rua não rola né, pois na academia as estruturas são duras.

Pois é, sei bem, na real, é sempre uma luta, mas nois aponta, afronta, rasura e recalcula. Impressiona com novas esculturas, mesmo sabendo que para eles vai ser sempre marginal! Eu tô de boas, eu não me importo, só queria saber qual o problema com a engenharia marginal? É porque nois constrói a ponte do nosso próprio jeito? Ou por que queremos a ponte sem cancela?

Ei vocês aí, qual é dessa biblioteca marginal, vocês podem ajudar aqui?

Está falando com a gente?

Nós estávamos falando de mediação, pensando em uma forma de como as bibliotecas podem ser uma ponte com a nossa realidade.

Ah, fala um pouco dessa biblioteca aí para mim, também estou escrevendo sobre isso para uma pesquisa acadêmica .

Então tio, sem querer fazer média. Só acho que seis tinha que abrir a porta da biblioteca pra nois, os marginal, da rua, do povo, uma ponte tem dois lados, o bibliotecário é uma das margens, nois, o público somos a outra.”

O sonho da biblioteca decolonial é uma ponte que de fato alcança as margens, poder ver o pessoal do slam se apresentando e depois, assim que acabou de assistir a batalha de poesia falada, a pessoas na fissura de descobrir aquela referência que a/o poeta citou, já poder sair correndo para a biblioteca e encontrar o livro, isso é decolonial. Ver e ouvir suas referências é incrível, encontrá-las na prateleira de uma biblioteca mais ainda, talvez, nem todos aqui presentes entendam o que quero dizer, talvez não agora, mas se pararem para ler o livro “O Pacto da Branquitude de Cida Bento” que conseguem encontrar aqui nessa biblioteca, talvez sim, entendam.

Nesse acervo a linha curatorial rompe com a lógica da colonialidade, aqui só joga quem faz do conhecimento um processo de soma, que enxerga a decolonialidade a partir de um jogo jogado no campo das possibilidades, o decolonial é o conhecimento acumulado, não é algo novo, mas sim a possibilidade de enxergar de outra maneira, em uma linguagem mais futebolística , é mudar o

esquema tático. Nesse time o ataque é numa linha de 3, uma tripla dimensão: a do poder, a do saber e a do ser, onde cada uma destas dimensões dizem respeito às relações políticas, à epistemologia e às relações intersubjetivas, respectivamente, e aqui nesses espaços as tabelas são feitas na tentativa de compreender que para desconstruir o jogo individual, ou único, indo do universal para coletivo, plural, é necessário considerar outros saberes.

E você pode seguir caminhando e escutar um barulho que não está acostumado, é uma sala de jogos, sim uma sala de jogos com uma TV equipada, que nos dias de futebol transmite partidas que agora já não são mais possíveis de serem vistas em casa, por que de quem é o direito de transmissão? Nesse mesmo espaço quem não pode pagar um *pay per view* (tv por assinatura) se junta as pessoas que saíram do setor de acolhimento e atendimento a quem estiver em vulnerabilidade e situação de rua, para poderem assistir todas juntas seu time jogar. Ver um jogo do seu time ou da Copa do mundo, na nossa biblioteca decolonial é possível pois não suportamos aquela imagem de pessoas assistindo jogos sem som, com imagem ruim, do outro lado de um vidro, passando fome, enquanto outros se alimentam e se divertem. Este grande distanciamento, a imagem de quem vê o futebol da calçada versus o cliente, vocês já viram essa imagem, isso precisa acabar.

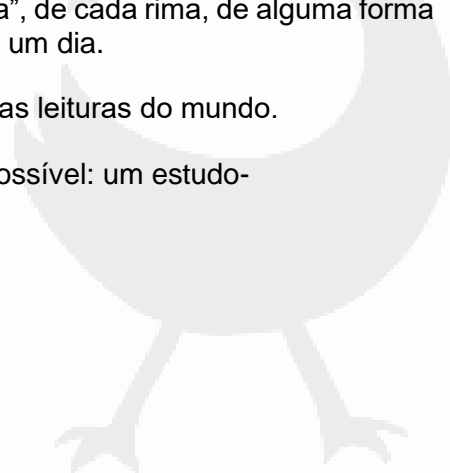
É, o futebol reflete a sociedade!

Esse é o tipo de confronto que nossa biblioteca pode superar. Eu quero continuar caminhando e poder passar por um espaço onde possa encontrar o teatro na biblioteca:

Eu sempre gostei de ler: lia capa de disco, lia gibi, lia alguns livros. Eu gostava de ter um caderno organizado, limpo: eu sabia que meu tio quando fosse em casa ia pedir para ver. Eu me preparava pra mostrar: passava as páginas como quem passa a vida curta em revista: sabia de cada alfabeto, de cada primeira letra de nome, de cada sílaba, de cada “Ivo viu a uva”, de cada rima, de alguma forma sabia que ela seria remo pra mim um dia.

Isso me fez gostar das letras... Das leituras do mundo.

Vi ali, na quebrada mesmo, um possível: um estudo-escudo-respiro.



Tinha uns caras lá na quebrada que eu gostava de ver passar: eu gostava do jeito deles, do jeito que eles andavam, eu gostava que eles falavam alto, gesticulavam, arregalavam os olhos, andavam gingando, muita vida para ver e sentir ali, né?! Por isso a vida vazava deles para mim.

Conheci muita gente assim, indo...

DJ citando com o scratch "Eu era só um moleque, só pensava em dançar/Cabelo black e tênis All Star".

Eu queria sair, eu queria ver o mundo, eu queria ver e tocar as coisas do outro lado da rua também.

Conheci muita gente assim, indo...

Pegava o busão, pedia para passar por baixo, rodava a cidade: ia no centro, todo mundo colava na galeria, eu também coleí e ouvia, ouvia, ouvia... Encontrava os caras, as minas e ouvia, ouvia, ouvia: muita ideia e música. "Favela pra carái."

Eu ia sozinho, não deu para levar ninguém comigo.

Tem hora que a quebrada é foda, mano: se deixar é só fofoca, vida que vai na frente da TV, coisa que sufoca: relato de morte-barlotado-baralho-truco ladrão, jão.

Tinha uns caras lá na quebrada que eu gostava de ver passar: eu gostava do jeito deles, do jeito que eles andavam, eu gostava que eles falavam alto, gesticulavam, arregalavam os olhos, andavam gingando, muita vida para ver e sentir ali, né?! Por isso a vida vazava deles para mim.

Eu queria tocar as coisas do outro lado da rua também.

O puxadinho não me cabia, não me continha...

Conheci muita gente assim, indo...

DJ citando com scratch: "Exemplo para nós, mó moral, mó ibope".

Aí o mundo começou a ficar grande, né, mano?!

As leituras foram ficando sérias, os meninos vão virando homem e o alfabeto se completou, me jogaram na mão Malcolm X.

DJ cita trecho do discurso de Malcolm X: "By any means necessary".

Eu li Malcolm X como quem come com fome, eu mastiguei aquilo, eu madruguei com aquilo, eu amanheci com aquilo... Aquelas páginas, depois de pousarem em mim, fizeram morada em mim, me deixaram o peito aquecido, fervente, o cérebro altivo, o nariz-cabelo-pele reluzentes.

DJ citando com scratch: “A juventude negra agora tem a voz ativa”.

Eu andava pela rua e não sabia mais onde estava, eu estava em Nova York, Uganda, Belém do Pará, BH, Salvador, Mali, Rio de Janeiro, Nigéria, Minas, Luanda, Maranhão, Rio Grande do Sul também, por que não? São Paulo, eu tava em São Paulo porque eu sou nós, eu nós, eu sou nós.

Eu era muitos a partir daquele momento.

Eu andava, andava, andava e não chegava, porque a partir daquele momento eu já era, eu já estava em todos os lugares...

DJ com scratch: “A fúria negra ressuscita outra vez”.

Eu portava dali em diante uma felicidade assumida.

Eu era naquele momento todos os negros do mundo, todas as negras, todas as Áfricas e todas as favelas e todos os Zaíras, eu estava em todos os lugares.

Eu vivia a partir dali com aquele livro, tio. Fazia questão de abri-lo no metrô, no busão ostentava a sua capa, mostrava em mim o seu conteúdo, engatilhava a todo instante minha arma-símbolo-estandarte.

DJ citando com o scratch: “A fúria negra ressuscita outra vez”.

Eu vi ali no estudo uma estratégia, eu era cheio de querer, eu queria, eu quis...

Eu estudei como quem não tem tempo a perder, como quem fosse morrer amanhã, sem manhã. Porque eu sou cheio de querer, eu queria ser professor-cantor-poeta-dj-dançarino-modelo-camelô-músico-ator-operário escritor.

DJ citando com scratch: “Ser um preto tipo A custa caro”.

Aí, já era, “o orgulho brotou, poder para o povo preto e que estale os tambor”.²

Era música e livro, o nosso livro é a música também, mano. (Jé de Oliveira, 2018 p. 144)

Uma biblioteca decolonial pode ser feita de muitas coisas, feita de música e livro, ah e de silêncio, o silêncio, ele também fala. Pode dizer muito, ele pode ser aquele momento que precede o esporro, também pode ser o momento que precede a concentração, precede a leitura, a prova. Ah, o silêncio precede o choro da tristeza, mas também a explosão do grito de alegria, silêncio é dialética...

² Música: Mano Brow, Dexter

91

Lá vem o balão

Milhões viajam com ele

Ele segue carregado de esperança

Pousa, três vem em sua direção

Silêncio

Enquanto dois vestem branco deixa disso

O outro veste vermelho paixão

Junto com o balão vem um presente

O presente cai, pinga

Boom, antes do segundo quique,

Sem silêncio

tudo é pintado de vermelho

milhões explodem em brasa

Os alvos atônitos não entendem

O presente, está lá na caixa branca com fita de
barbante

Agora devidamente rasgado

O silêncio que precedia a esperança

Se transforma em barulho de certeza

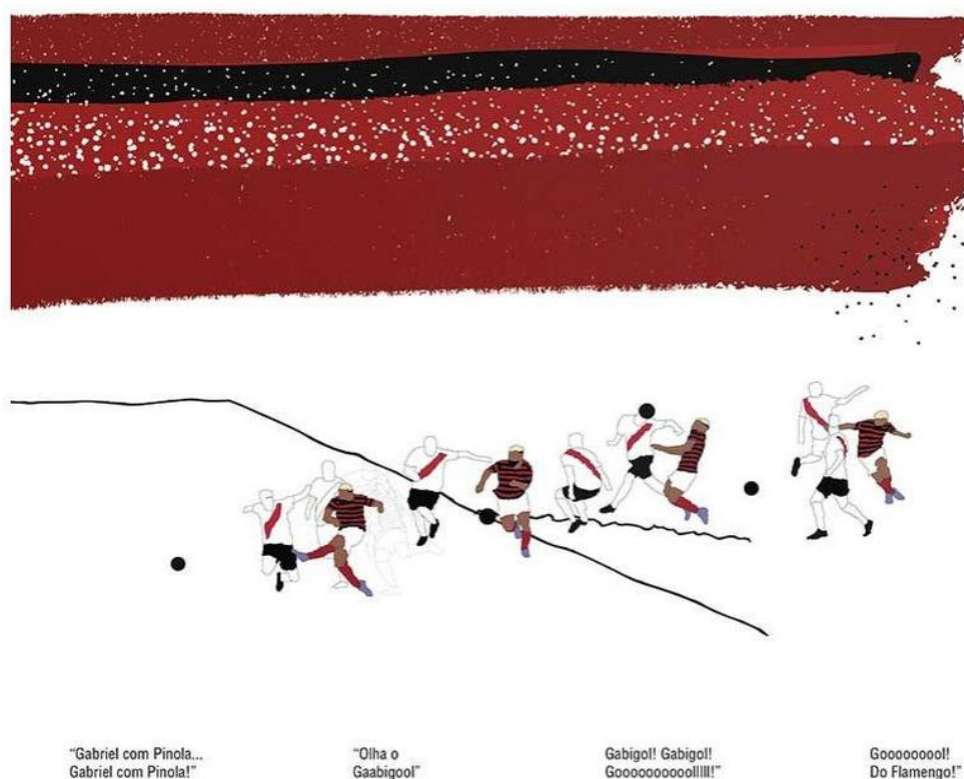
É festa na favela

Porque, enquanto houver deus no céu

Urubu não come folha!



Figura 11 - Segundo Gol do Gabigol - Libertadores 2019



Fonte: @lance_fut disponível em: www.lancefut.com Acesso em: 20 nov.2023.

O cinema, por exemplo, um filme, uma sequência de imagem em movimento, capaz de te trazer a lembrança de um momento marcante, essa e outras linguagens presentes no espaço de uma biblioteca são ferramentas capazes de nos afetar e despertar emoções, que por vezes podem cumprir um papel do divã, uma biblioteca, portanto, assume um espaço social que precisa saber aproveitar todo esse potencial. A dramaturgia, linguagem escolhida como divã na tecitura desse trabalho é um tipo de literatura que pode e deve ser aproveitada nos espaços das bibliotecas, pensar uma linguagem dessa e seus corpos dribladores nos acervos pode ser um grande passo para lutar contra a zumbificação, por exemplo, ouvir o barulho de Jé de Oliveira, Dione Carlos, Grace Passô, Os Crespos, Luh Mazza, Leda Maria Martins entre tantas outras vozes, é um outro sistema tático para o jogo que se apresenta.

Aqui, hoje, nesse relvado a bola corre para possibilitar um jogo de vários caminhos, um jogo do drible, da alegria, do atalho, da picada, do desvio. Esse é um estádio, ou melhor, uma biblioteca que contesta o que está dado, o tal *status quo*, busca outros métodos, trata-se de uma mobilização que se refere em primeiro

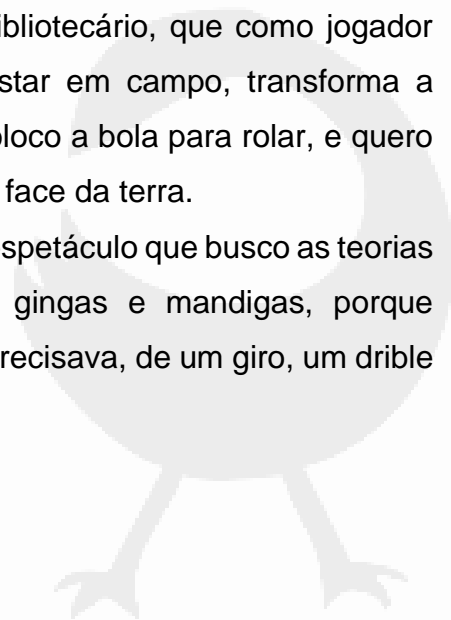
lugar, a reconhecer que as formas de poder coloniais são múltiplas e que tanto os conhecimentos como a experiência vivida dos sujeitos marcados pela colonialidade são altamente relevantes para entender as formas modernas de poder e, em seguida, prover alternativas a elas. Como alternativas acreditamos na chegada de Zumbi, esse outro, o de Palmares, sim, ele ainda assombra, mas nós sabemos quem. Quem não se assombra, entra na roda, sem medo do drible e da episteme decolonial e contracolonial, pode até não entrar no jogo, se fica no banco acredita, acredita até o fim no time, quem está nas arquibancadas, aqui ainda se vai de geral, entoa cantos e leva a bandeira da organizada, contra a zumbificação epistêmica.

No jogo moderno e contemporâneo que estamos vivendo, ao menos nesse aqui, já não é mais possível que nossa bibliografia não dialogue e nem represente a todas e todos os nossos consulentes e suas demandas. Cabe ressaltar que a identificação dessas questões e as mudanças não surgiram do nada, foi um processo de construção coletiva. Nossas e nossos jogadores e torcida é que se organizaram para cobrar uma maior representatividade, essa cobrança reverberou em vários setores da sociedade, inclusive nos campos, melhor dizendo nas bibliotecas.

Os cânticos das torcidas ainda estão ecoando, e cabe a nós, profissionais do saber, o papel de repensar a gestão da nossa coleção para buscar bibliografias que dialoguem com as jogadas que tabelam com as pautas da contemporaneidade, claro que para isso não é necessário esquecer os antigos, os que vieram antes, o conhecimento é cumulativo, ser decolonial é ampliar as formas de ver, é jogar mais de uma forma, é mudar o esquema tático durante a partida.

Na busca por essas outras possibilidades me coloco no gol, lugar de privilégio no campo, é onde se pode jogar, mas também assistir, de certa forma até posso ser um pouco técnico, aqui sou o técnico bibliotecário, que como jogador sonhador que não pode realizar seu sonho de estar em campo, transforma a biblioteca em um espaço utópico, o meu estádio, coloco a bola para rolar, e quero ver sempre, a cada dia o jogo mais emocionante da face da terra.

Foi por isso que escrevi isso aqui, é por esse espetáculo que busco as teorias decolonias, contracolônias, as encruzilhadas, as gingas e mandigas, porque percebi que era exatamente disso que a biblioteca precisava, de um giro, um drible



sabe, daqueles que o jogador dá um 360 em cima da bola e deixa o estádio todo em silêncio, sim silêncio, nós precisamos dele.

O silêncio é o fim do barulho das máquinas, é o único momento em que aceitamos o shhh em nossa biblioteca, silêncio queremos mais ócio, futebol, ginga, drible, brincadeira e um capitalismo sonolento.

"Oh tem uma rede ali, pode deitar-se, essa preparamos para você, bom sonhos!"

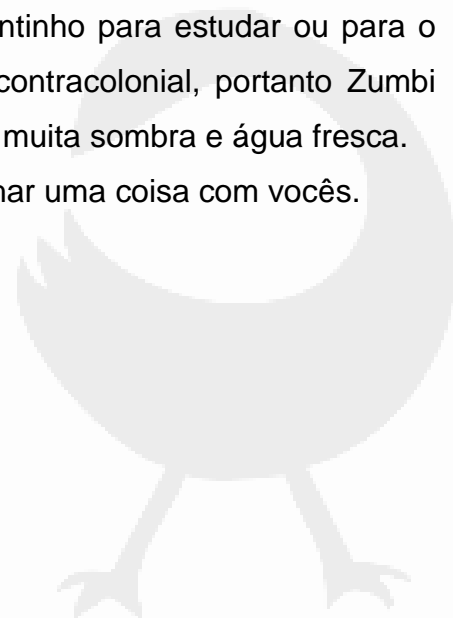
Silêncio, é o que peço a vocês, e não porque sou do tipo de professor que acredito em alunos, já falamos sobre isso, ou porque sou do tipo de bibliotecário que não gosta de barulho, longe de mim, longe de nós, isso não aceito, a imagem estigmatizada de nós pessoas bibliotecárias tratadas como policiais com siribi na mão, isso não, aquela ideia de que estamos sempre prontos, atentos o tempo todo para lançar luz e dar um belo "SHHHH, isso acabou, os tempos são outros.

Peço silêncio porque tem alguém dormindo que não queremos acordar, por isso, vamos combinar mais uma coisa. Obrigado pela sua vinda, não tem necessidade de aplausos, quando a luz apagar, é o fim.

Bom retorno, leiam, ouçam música, joguem e façam como disse um pensador quilombola, gostem de fazer as coisas, não do trabalho, lembrem-se, vamos tentar deixá-lo descansar, ele precisa. Aqui em nossa biblioteca o senhor da colonialidade tem uma sala especial!

Assim sigo caminhando, o barulho pode até ir diminuindo, afinal a privacidade e o lugar reservado para quem quer e ainda precisa de locais especial e de estudo são importantes, em país com a realidade como a nossa mais ainda, assim, uma biblioteca decolonial, também tem como papel fundamental antes de tudo entender seu público, ver quais as necessidades.

Muitas vezes as pessoas só querem um cantinho para estudar ou para o ócio, garantir isso é necessário e extremamente contracolonial, portanto Zumbi pede uma biblioteca com muito silêncio um redário, muita sombra e água fresca. Ah antes que tudo se apague gostaria de compartilhar uma coisa com vocês.



APÊNDICE A – Glossário

Assimilação (Franz Fanon): processo no qual os colonizados adotam a cultura e os valores do colonizador, muitas vezes resultando na perda de sua própria identidade cultural e na internalização de um sentimento de inferioridade. Ele criticou esse processo, destacando que a assimilação leva a um conflito psicológico e alienação. Fanon defendeu que a verdadeira libertação dos povos colonizados ocorre através da rejeição dessa assimilação forçada e da reafirmação de suas próprias culturas e identidades.

Colonialismo: Refere-se ao processo histórico em que uma nação estabelece e mantém o domínio sobre territórios e povos fora de suas fronteiras originais, frequentemente acompanhado pela exploração de recursos e imposição de sua própria cultura, língua e sistemas administrativos. Este fenômeno foi especialmente proeminente entre os séculos XVI e XX, durante a expansão europeia, e resultou em um impacto profundo e duradouro nas regiões colonizadas, afetando suas estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais. O colonialismo também é caracterizado por relações desiguais de poder entre o colonizador e o colonizado e, em muitos casos, envolveu práticas de segregação, exploração e supressão cultural.

Colonialidade: Refere-se à persistência das estruturas de poder, formas de saber, e atitudes culturais que originaram no colonialismo e continuam a influenciar a sociedade contemporânea. A colonialidade trata sobre a constituição de um padrão de poder que não se restringe às questões formais de exploração ou dominação colonial. Trata-se de uma ideia que envolve também as diversas formas pelas quais as relações intersubjetivas se articulam a partir de posições de domínio e subalternidade. A colonialidade pode ser lida como uma prática que através da ciência moderna/colonial produziu um modelo único, universal e objetivo tendo como referência a Europa.

Descolonização: Processo pelo qual uma colônia alcança sua independência dos poderes coloniais dominantes, frequentemente ocorrendo após períodos de ocupação ou controle estrangeiro. Este processo envolve uma mudança significativa no poder político, econômico e social, e frequentemente é marcado por lutas pela independência, negociações diplomáticas e reformas legislativas. A descolonização foi particularmente proeminente no século XX, levando ao surgimento de novas nações, especialmente na África e Ásia, após o fim do imperialismo europeu.

Decolonialidade: Refere-se a um processo e abordagem intelectual que busca superar e desfazer as consequências do colonialismo, não apenas no sentido político e territorial, mas também em termos culturais, epistemológicos e psicológicos. A decolonialidade questiona e desafia as narrativas, práticas e estruturas de poder herdadas da era colonial, que muitas vezes marginalizam e subjagam conhecimentos, culturas e perspectivas de povos não ocidentais. Ela enfatiza a necessidade de reconhecer e valorizar saberes, identidades e histórias diversas, especialmente aquelas de comunidades indígenas e afrodescendentes, buscando uma verdadeira pluralidade cultural e intelectual no mundo pós-colonial.

Contracolonialidade: teorizada por Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo), foca na defesa de territórios, símbolos e modos de vida tradicionais, principalmente dos povos indígenas e quilombolas. Essa abordagem, que valoriza a prática e a vivência, promove a resistência às influências do colonialismo na formação de saberes e culturas. Nego Bispo defende a confluência de saberes, sugerindo que a integração de diferentes conhecimentos fortalece a identidade e diversidade das pessoas. Ele critica as perspectivas monoteístas dos povos colonialistas, enfatizando um pensamento plural. A contracolonialidade é também vista como uma ferramenta para examinar a resistência ativa de povos negros e indígenas às tentativas de colonização.

Epistemicídio: Este termo refere-se ao extermínio ou supressão de conhecimentos, saberes, linguagens e modos de compreensão de determinados

povos ou culturas, geralmente como resultado de processos de colonização, dominação cultural ou políticas de assimilação. O epistemicídio envolve a desvalorização ou eliminação de formas de saber não ocidentais ou tradicionais, frequentemente substituídas por saberes e perspectivas dominantes, como as ocidentais e eurocêntricas. O conceito é especialmente relevante nas discussões sobre a preservação da diversidade cultural e intelectual, e nas críticas às estruturas de poder que perpetuam a hegemonia de certos sistemas de conhecimento em detrimento de outros.

História decolonial do conhecimento: é uma abordagem que revisita a história do conhecimento, desafiando a dominação das perspectivas eurocêntricas e valorizando saberes de culturas marginalizadas durante o colonialismo. Ela foca em reconhecer e integrar conhecimentos indígenas, africanos, asiáticos e de outras culturas historicamente subvalorizados. Essa abordagem questiona as estruturas de poder que perpetuam a hegemonia de certos saberes e propõe a revisão da história e a transformação educacional para incluir uma diversidade mais ampla de conhecimentos e perspectivas.

Racialidade: Este conceito se refere à maneira como a raça e suas implicações sociais são percebidas, construídas e vivenciadas em uma sociedade. Diferente da raça, que pode ser entendida como um conceito biológico ou um constructo social, a racialidade enfoca mais diretamente as dimensões sociais, culturais e políticas associadas às ideias de raça. Ela aborda como as identidades raciais são formadas, como elas afetam as interações e relações sociais, e como as noções de raça influenciam as estruturas de poder, as desigualdades e as políticas públicas. A racialidade também considera como diferentes sociedades e culturas interpretam e dão significado à raça, influenciando desde a percepção individual até as dinâmicas sociais mais amplas.

Siribi: um nome local ou coloquial para se referir a uma lanterna de alta potência, devido à sua intensidade luminosa extraordinária que se assemelha a uma luz brilhante. Com um alcance efetivo de 90 a 100 metros, o que é significativamente

longo para uma lanterna portátil, permitindo iluminação eficaz a distâncias consideráveis.

Siriri: O siriri, também chamado siri-siri, sarará e aleluia, é uma casta de cupim, mas na forma alada (com asas). Basicamente, os cupins se dividem em três castas na organização da colônia: os obreiros, os soldados e os reprodutores. O siriri é o reprodutor que tentará se instalar em locais apropriados para iniciar uma nova colônia. Sendo siriris de cupins de madeira seca tentarão se instalar diretamente no interior da madeira. Se forem siriris de cupins de solo, procurarão o solo ou outro local que contenha madeira e uma fonte de umidade.

Spotlights: normalmente se referem a feixes de luz focalizados, frequentemente utilizados para iluminar áreas específicas, objetos ou assuntos em diversos contextos. Esses feixes de luz são direcionados e concentrados para chamar a atenção para um ponto de interesse particular, destacando-o em relação ao seu entorno. Os spotlights são comumente usados no teatro, cinema, fotografia, apresentações de palco e eventos para realçar atores, objetos ou aspectos importantes de uma cena. Eles também são usados na iluminação arquitetônica e ao ar livre para enfatizar características arquitetônicas específicas ou espaços ao ar livre. Em um sentido metafórico, "spotlights" também podem se referir a destacar ou dar atenção especial a alguém ou algo de maneira figurativa, frequentemente no contexto de reconhecimento ou escrutínio.

Teratológico: O termo "teratológico" é derivado da palavra grega "teras", que significa "monstro", e refere-se a algo relacionado a teratologia, que é o estudo de anormalidades de desenvolvimento físico, seja em plantas ou animais, incluindo seres humanos. Em um sentido mais amplo, pode ser usado para descrever algo que é anormal, deformado ou monstruoso. Na medicina, a teratologia está associada ao estudo de malformações congênitas e anormalidades no desenvolvimento embrionário ou fetal. Em um contexto literário ou figurativo, o termo pode ser utilizado para descrever algo grotesco ou bizarramente distorcido.

zumbificação epistemológica: quando o acesso a determinados tipos de conhecimentos são invisibilizados, deturpados ou apagados, essas artimanhas são processos oriundos da colonialidade e tem por finalidade a exploração, o controle, pois trata a informação como ferramenta de poder. Ou seja, dessa maneira, por meio do controle de informação opera-se sobre a produção de conhecimento criando assim corpos zumbis, dentro de uma estrutura neocolonialista e neoliberal são úteis para a produção de riquezas, consumo, mas não servem para representação do intelecto ou mesmo para usufruir da própria riqueza que muitas vezes produzem. Em suma, o campo através do princípio da ausência contribui para zumbificação epistemológica que por vezes pode se desdobrar em um epistemicídio.

APÊNDICE B – Sugestão de ementa da disciplina Anti-epistemicídio do conhecimento

Objetivos

Este curso visa proporcionar aos estudantes uma compreensão aprofundada da história da biblioteconomia e da organização do conhecimento, começando com suas origens nas tradições ocidentais e expandindo para incluir perspectivas globais e decoloniais. O objetivo é examinar como as estruturas de poder e as narrativas culturais influenciam a forma como o conhecimento é categorizado, preservado e transmitido. Além disso, busca-se promover uma visão mais inclusiva e diversificada do campo, enfatizando a importância da pluralidade epistemológica e da inclusão de vozes historicamente marginalizadas.

Programa

Fundamentos Históricos e Eurocêntricos da Biblioteconomia

- Evolução da organização do conhecimento (BURKE, Peter; DARNTON, Robert)
- O poder das bibliotecas no Ocidente (BARATIN, Marc e JACOB, Christian)

Por uma outra organização do conhecimento

- Crítica à razão Negra (MBEMBE, Achille)
- Orientalismo e a construção do 'outro' (SAID, Edward; MEMMI, Albert)

A Era da Informação e Transformações Tecnológicas

- Impacto da internet e digitalização (CASTELLS, M.)
- Sociedade da Informação: desafios e oportunidades

Introdução ao Pensamento Decolonial

- Grupo Latino-americano de Estudos Subalternos. Manifesto inaugural.
- Colonialidade do Poder (QUIJANO, Aníbal)

Decolonizando o Conhecimento

- Giro Decolonial (BALLESTRIN, Luciana M.A)
- Epistemicídio (CARNEIRO, Sueli Aparecida)

Perspectivas Contemporâneas e Inclusivas

- Educação e práticas de liberdade (HOOKS, bell)
- Desafios contemporâneos (KILOMBA, Grada)
- Narrativas africanas e afro-brasileiras (NASCIMENTO, Abdias)

Olhares Contra coloniais

- “pensamento orgânico” e “pensamento sintético” (BISPO, Antonio dos Santos)

Conclusão: Integrando as Perspectivas e Olhando para o Futuro

- Integração das abordagens tradicionais e decoloniais
- Ideias para um futuro sustentável e inclusivo (KRENAK, Ailton)
- Promoção de sociedades do conhecimento inclusivas (UNESCO)

Avaliação e Metodologia

- Aulas expositivas, discussões em grupo e seminários.
- Análise crítica de textos.
- Projetos de pesquisa e apresentações.
- Debates sobre temas contemporâneos e futuros.
- Bibliografia Complementar
- Incluirá uma seleção cuidadosa de textos dos autores mencionados, bem como outros materiais relevantes.

Esta ementa equilibra as perspectivas tradicionais, decoloniais e contra coloniais, proporcionando aos alunos uma visão holística e futurista da biblioteconomia e da organização do conhecimento.

Referências da Disciplina

- BARATIN, Marc; JACOB, Christian (orgs.). O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
- BURKE, Peter. Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. 241 p.
- CARNEIRO, Sueli Aparecida. Epistemicídio. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/epistemicidio/>. Acesso em: 11 agosto 2019.
- CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DARNTON, Robert. A questão dos livros: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 231 p.
- GLES – Grupo Latino-americano de Estudos Subalternos. “Manifesto inaugural”. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago y MENDIETA, Eduardo. Teorías sin disciplina (latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate). México: Miguel Ángel Porrúa, 1998.
- HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- KILOMBA, Grada. Descolonizando o conhecimento. Tradução: JESUS, Jessica Oliveira de. São Paulo, Goethe-Institut, 2016. Disponível em:

<https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2018/05/kilomba-gradaensinando-atransgredir.pdf>. Acesso em: 8 Mar 2022.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5727070/mod_resource/content/1/ideias-para-adiar-o-fim-do-mundo-1-34.pdf.

MBEMBE, Achille. Crítica da Razão Negra. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MEMMI, Albert. Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva; apoio: Ipeafro, 2016.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (comp.). La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SAID, Edward. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

UNESCO. As pedras angulares para a promoção de sociedades do conhecimento inclusivas. Relatório UNESCO. Paris, 2017. Disponível em:
<http://unesdoc.unesco.org/images/0026/002607/260742POR.pdf>

APÊNDICE C – Design gráfico

Adinkra, um conjunto de símbolos dos povos acã da África ocidental, como os asante de Gana, refuta a ideia de que o conhecimento africano é puramente oral, demonstrando a existência de sistemas de escrita no continente desde os hieróglifos egípcios. Esses símbolos, além de grafados, são usados em tecidos, adereços e objetos de madeira ou ferro, frequentemente ligados à realeza e soberania, como evidenciado pelo gwa, o banco real asante, expandindo a concepção de escrita além do escopo ocidental tradicional.

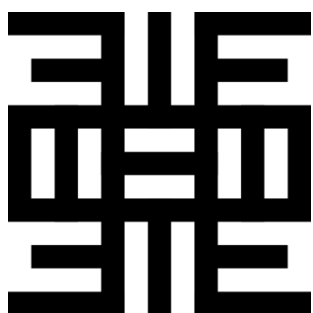
Os significados abaixo foram retirados do livro *Adinkra: Sabedoria em símbolos africanos*, de Elisa Larkin Nascimento e Luiz Carlos Gá, 2022; e de *West African Wisdom: Adinkra Symbols & Meanings*.



SANKOFA

Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás.

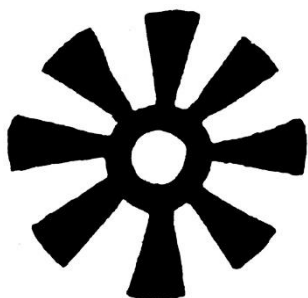
Símbolo da sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro.



NEA ONNIM NO SUA A, OHU

Quem não sabe pode passar a saber aprendendo.

Símbolo do conhecimento, da aprendizagem permanente e da busca contínua pelo saber.



ANANSE NTONTAN

A teia de aranha.

Símbolo da sabedoria, da esperteza, da criatividade e da complexidade da vida.



NTESIEMATEMASIE

Eu ouvi e guardei.

Símbolo da sabedoria do conhecimento e da prudência.



BOA ME NA ME MMOA WO

Ajude-me e deixe-me ajudá-lo.

Símbolo de cooperação e interdependência.



NYANSAPOW

Nó da sabedoria. É sábio quem desata o nó da sabedoria.

Símbolo da sabedoria, da engenhosidade e da paciência.